

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

O PATRIMÔNIO CULTURAL DO MORRO DO AMARAL NO
IMAGINÁRIO DOS JOVENS: TENSÕES POSSÍVEIS

ADILSON JOSÉ DE AVIZ

JOINVILLE – SC

2013

ADILSON JOSÉ DE AVIZ

O PATRIMÔNIO CULTURAL DO MORRO DO AMARAL NO
IMAGINÁRIO DOS JOVENS: TENSÕES POSSÍVEIS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da **Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE** como requisito parcial para obtenção do título de Mestre sob a orientação da Professora Dra. Raquel ALS Venera.

JOINVILLE – SC

2013

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Aviz, Adilson José de

A959p O patrimônio cultural do Morro do Amaral no imaginário dos jovens : tensões possíveis / Adilson José de Aviz ; orientadora Dra Raquel ALS Venera – Joinville: UNIVILLE, 2013.

120 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade –
Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio Cultural – Morro do Amaral – Joinville - SC. I. Venera, Raquel ALS. (orient.). II. Título.

CDD 363.69

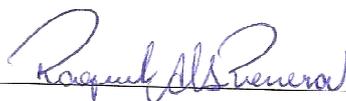
Termo de Aprovação

“O Patrimônio Cultural do Morro do Amaral no imaginário dos jovens: tensões possíveis”,

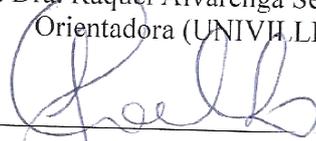
por

Adilson José de Aviz

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)



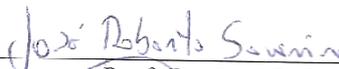
Profa. Dra. Ilanil Coelho

Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

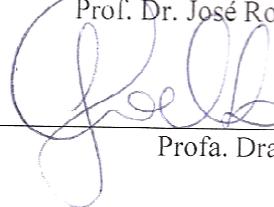
Banca Examinadora:



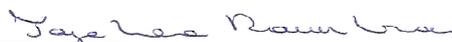
Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. José Roberto Severino
(UFBA)



Profa. Dra. Ilanil Coelho
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
(UNIVILLE)

Joinville, 26 de abril de 2013.

DEDICATÓRIA

À Deus, Soberano, invisível mas Real, contemplado pela fé, Imaginado pela experiência de ser resgatado por seu Filho Jesus e concretizado pela transformação do Santo Espírito.

À minha querida e amada esposa Maria Aparecida de Oliveira de Aviz que me fez o que sou através de uma postura irrepreensível de suporte, capacitando, orientando, vislumbrando horizontes e concretizando sonhos. Pela compreensão e pela dedicação de uma perfeita esposa, minha sincera admiração e amor.

Ao meu precioso filho Asafe Emanuel de Aviz que a cada dia me ensina a por em prática tudo aquilo que tenho aprendido nas teorias e pesquisas. A função paterna tem sido melhor compreendida na relação que estabelecemos, na ligação íntima de recíproca parceria envolvendo vazio/completude, menino/homem, filho/pai. Se sou pai é porque sou feito a cada dia nessa relação para nunca mais ser o mesmo.

À Professora Dra Raquel ALS Venera que aceitou orientar um tema tão Interdisciplinar quanto instigador ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. A dedicação, a responsabilidade, a seriedade, as correções, as ponderações e as conversas foram para muito além de orientações ou supervisões, pois também refletiram a “relação” recíproca de aprendizagem que tanto estimo e aprecio.

RESUMO

Nessa dissertação o Patrimônio Cultural da Ilha do Morro do Amaral, localizada em Joinville, SC as margens da baía da Babitonga, é investigado através dos discursos dos jovens da região mediante a aplicação de entrevistas semiestruturadas. O Imaginário, arraigado ao Real e ao Simbólico (RSI), é o ponto de discussão entre os discursos de preservação do Patrimônio Cultural e a relação com as sensações temporais nesse espaço preservado da cidade. Foram entrevistados seis jovens com idade entre 19 e 31 anos de ambos os sexos. É utilizado como referencial teórico a Psicanálise de Freud e Lacan através dos conceitos de desenvolvimento psíquico em três fases: Simbiose, Complexo de Édipo e Jogo do Espelho. Essas fases são vistas de forma dinâmica e não estanques, pareadas através do conceito de Sintoma no sentido de comportamento social e não patológico. Utiliza-se para compreensão das falas a Análise do Discurso (AD) de Pêcheux numa corrente francesa de teóricos. As respostas dos jovens mostram uma relação simbiótica com o local no sentido parcial de conhecimento em relação ao Patrimônio Cultural ao mesmo tempo em que se tornam passivos a aceitar aquilo que provoca um sentimento ambivalente entre desejo e medo repetindo discursos pré-estabelecidos historicamente.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Memória, Políticas, Juventudes, Psicanálise.

ABSTRACT

In this dissertation the Cultural Heritage of the Island of Morro do Amaral, located in Joinville, SC margins Babitonga bay, is investigated by analyzing the speech of young people in the region through the application of semi-structured interviews. The Imaginary and the Real rooted to Symbolic (RSI), is the point of discussion between the discourses of preservation of cultural heritage and relationship with the sensations that temporal space preserved city. We interviewed six young people aged between 19 and 31 years of both sexes. It is used as a theoretical psychoanalysis of Freud and Lacan through the concepts of psychic development in three phases: Symbiosis, Oedipus Complex and Game Mirror. These phases are viewed dynamically and not watertight, through the concept of paired Symptom towards social behavior rather than pathological. Used to understanding the speech Discourse Analysis (DA) of Pêcheux a chain of French theorists. The responses of young people show a symbiotic relationship with the local in the sense of partial knowledge in relation to Cultural Heritage at the same time they become liabilities to accept what provokes an ambivalent feeling between desire and fear repeating speeches historically predetermined.

Keywords: Cultural Heritage, Memory, Politics, Youth, Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nó borromeano	23
Figura 2 – Esboço Real, Imaginário e Simbólico	24
Figura 3 – Os três anéis ligados pelo sinthoma, o quarto	72

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do Discurso.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

FGG – Faculdade Guilherme Guímbala.

FUNDEMA – Fundação Municipal do Meio Ambiente.

FURJ – Fundação Educacional da Região de Joinville.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IPPUJ – Instituto de Pesquisa e Planejamento para Desenvolvimento Sustentável de Joinville.

MEDUC – Mestrado em Educação.

MPCS – Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

PNC – Plano Nacional de Cultura.

PMJ – Prefeitura Municipal de Joinville.

RSI – Real, Simbólico e Imaginário.

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. UMA BREVE EXPOSIÇÃO DA HISTÓRIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MORRO DO AMARAL	31
2. RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA	54
2.1. Simbiose: O Pensar Terceirizado	55
2.2. Complexo de Édipo: A constituição do Eu	62
2.3. Jogo do Espelho: A Identidade em Formação	68
2.4. Sintoma: O Fenômeno Social	71
3. O DISCURSO DOS JOVENS: RELAÇÃO ENTRE O IMAGINÁRIO E O PATRIMÔNIO CULTURAL	75
3.1. Método de pesquisa, entrevistas e os jovens	75
3.2. O Discurso sobre Patrimônio Cultural do Morro do Amaral	77
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	117
APÊNDICE A – Questões para entrevista semi estruturada	118
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)	119
APÊNDICE C – Quadro comparativo entre as principais ideias contidas nas respostas sobre o imaginário dos jovens do Morro do Amaral	121

INTRODUÇÃO

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades;

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve), as saudades;

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já foi coberto de neve fria,
E, enfim, converte em choro o doce canto;

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto;
Que não se muda já como soia.

(Luís de Camões¹)

Luís de Camões há muito já escrevia sobre a subjetividade, que tem estado no centro de calorosas discussões e apesar de em grande concordância ser aceita como inerente ao humano, nem sempre foi conhecida. A partir do momento em que ideologias² foram quebradas a muito custo³, principalmente as que outorgavam poderes à Igreja, que até então direcionava o modo de pensar de cada indivíduo,

¹ CAMÕES, Luís de. **Sonetos**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v. 16. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 92.

² Queremos já de início deixar claro o que entendemos por ideologia e qual a nossa posição em usar o termo como lugar de fala dos sujeitos. Ideologia aqui é significada em uma relação entre linguagem e mundo representada no discurso pelo sujeito que só se faz por meio dela num processo de equívocos e influencia em semelhança ao inconsciente. Por conta disso, ligamos a ideologia às falas dos jovens entrevistados. Utilizamos o lugar de fala para a análise desses discursos por nos posicionar epistemologicamente na Análise de Discurso – no dialogo com a Psicanálise, o contexto e a linguagem.

³ A partir da Renascença quebram-se alguns paradigmas que contribuem para fortalecer questionamentos e descobertas até então veladas. Além de Giambattista Vico que deixou como legado uma nova Ciência a partir da mistura entre a razão com a mecânica, três nomes destacam-se nesse ínterim, Nicolau Copérnico afirmando não ser a Terra o centro do universo e sim o Sol; Charles Darwin expondo uma teoria que tira o homem como centro desconsiderando o Criacionismo à Evolução; e Sigmund Freud apontando o Inconsciente como sendo indomável, tirando o poder do homem sobre si mesmo.

“esta situação cria a vivência individualizada trazendo a questão da privacidade e a possibilidade do surgimento da subjetividade”⁴.

Trata-se de um conceito complexo, porque é preciso entender o local no jogo da confrontação, é preciso estabelecer e superar conflitos num processo intermitente de ir e vir, ser e deixar de ser. Dessa forma a subjetividade se torna privada quando “ocorre em momentos sócio-histórico de crise, quando os valores, as normas e os costumes são questionados e surgem novas alternativas”⁵.

A rigor e didaticamente está realçado o “mundo das ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica”⁶. Não há como esgotarmos o conhecimento sobre a subjetividade, caso fosse possível o homem seria sentenciado e confinado no calabouço da certeza e da finitude. Mas a única certeza que podemos ter é que jamais será possível chegar ao fim desse caminho e a vontade de chegar o mais próximo a cada tentativa, concretiza ainda mais as crises.

São as crises que estabelecem as identidades, como bem explanada por Stuart Hall, que ao parafrasear Mercer, destacou ser desencadeada “quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”⁷. Essa confrontação, segundo Carl Jung “é, inicialmente, de natureza puramente pessoal, logo é acompanhada pela intuição e pelo conhecimento de que a tensão subjetiva entre os opostos é, no todo, um caso particular das tensões conflitantes do mundo”⁸.

É preciso entender que nesse jogo a memória tem papel preponderante, pois é estabelecida através do esquecimento, ou seja, desconsidera-se para valorizar, odeia-se para amar e assim por diante, em um vai e vem de opostos. Tais aspectos são retratados como os Locais de Memória para Pierre Nora⁹, são as Retóricas

⁴ KAHHALE, Edna Maria Peters; ANDRIANI, Ana Gabriela Pedrosa. A Constituição Histórica da Psicologia como Ciência. In: KAHHALE, Edna Maria Peters. **A diversidade da Psicologia: uma construção teórica**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 82.

⁵ Id. Ibid. p. 77.

⁶ BOCK, Ana Mercês, FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Thassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999, p. 22.

⁷ MERCER, 1990, p. 43 apud HALL, 2006, p. 9.

⁸ JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 101.

⁹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**. São Paulo, n 10, p. 7-28, dez 1993 [cópia digital].

Holístas para Joël Candau¹⁰, estão entre a Ciência e a Ficção para Michel de Certeau¹¹ ou Presentismo/Sintoma para François Hartog¹². Peculiaridades teóricas que serão melhor analisadas no decorrer do texto, pois o que se pretende evidenciar é a “relação” entre o sujeito e o objeto, ou seja, o que existe entre as pessoas e o Patrimônio Cultural, que nesse caso diz respeito especificamente a Ilha do Morro do Amaral e os jovens que moram lá.

A mobilização por essa investigação surgiu logo na primeira aula do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, na turma IV em 2010. Uma inquietação passou a ser evidenciada quanto às questões envolvendo o Patrimônio Cultural e as respostas das pessoas, isto é, o que as pessoas realmente entendem como Patrimônio Cultural e qual a relevância desse conhecimento para o seu cotidiano? A partir de então muitas perguntas que exigiam respostas passaram a fazer parte das aulas: Como as pessoas se atentam aos aspectos do Patrimônio? Qual a relevância do Patrimônio para as pessoas? Por que alguns lutam pela preservação e outros não se importam? Como o conhecimento sobre o Patrimônio Cultural está chegando até as pessoas?

Enquanto as discussões giravam em torno das leis de proteção, tombamentos ou de restauração, essas questões ficavam ecoando, porque parecia não fazer sentido discutir estratégias de preservação, Educação Patrimonial ou qualquer outra possibilidade de cumprir leis sem necessariamente saber o que isso significa para as pessoas. Não causam mais surpresas às notícias veiculadas pela mídia sobre destruição, pichação, vandalismos envolvendo jovens e os patrimônios públicos. Comportamentos que podem ser entendidos como sintomas e não como causa, caso contrário a discussão concentrada apenas no fenômeno, se apresenta como fim da linha, como fim do processo, desconsiderando os aspectos que incitam essas atitudes de depredação.

Nesse jogo de ir e vir, outrora citado, é possível aprender a administrar os paradoxos que envolvem a objetividade e a subjetividade. Como se manter neutro ao descrever o objeto¹³ se este faz parte de nós mesmos? Como não se envolver ao

¹⁰ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

¹¹ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: Entre ciência e ficção**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

¹² HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Revista Varia História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez 2006 [cópia digital].

¹³ Entende-se aqui objeto tudo aquilo que se materializa através de ação, emoção ou pensamento.

ponto de criarmos nossas próprias crises? Mas como não deixar de lado a subjetividade para explorar o objeto? O desafio está em descrever criteriosamente o objeto para então relevar o subjetivo. Se tais posições não estiverem bem estabelecidas e se não houver a habilidade de sair para ver e voltar para refletir, não haverá encontros e sim um grande perder-se.

Nesse sentido, não há como iniciar uma pesquisa sem estabelecer dúvidas, também não há como escolher um tema sem se projetar nele, as coincidências não existem por acaso, são sombras de nós mesmos, nos acompanham quando nos movemos. Talvez por isso que Sant-Exupéry¹⁴ afirmou que somos responsáveis eternamente por aquilo que cativamos.

Há algo por trás que usualmente não se discute, não está aparente, não diz respeito à aceitação ou não de regras e normas. Se aceitarmos o conceito de Patrimônio desenvolvido por Choay¹⁵ como sendo “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum”, parece-nos paradoxal a relação inóspita ou indiferente entre os sujeitos e seu contexto ou entre uma comunidade e o seu Patrimônio Cultural. O que está no “entre” é o que nos interessa, porque ao destacá-lo, ao evidenciá-lo, torna-se possível levantar conjecturas e conseqüentemente posições de compreensão, para a partir daí estabelecer critérios e estratégias de preservação, sustentabilidade, educação etc. envolvendo para isso, políticas públicas. Mas essa proposta pode ser desenvolvida em pesquisas posteriores, porque nesse momento a preocupação está em problematizar e compreender o “entre” dessa relação através do imaginário dos jovens da Ilha do Morro do Amaral.

Por que falar/discutir a relação dos jovens com o Patrimônio Cultural? E porque a região do Morro do Amaral? Em 2008 realizamos uma pesquisa envolvendo três jovens do sexo masculino com a idade de 18 anos na intenção de averiguar a importância da função paterna na autoestima e independência de jovens prestes a se inscreverem naquilo que o Código Civil afirma ser pertencente a maior

¹⁴ SANT-EXUPÉRY, Antonine de. **Pequeno Príncipe**. Tradução Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

¹⁵ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2006, p. 11.

idade, como Trabalho de Conclusão de Curso¹⁶ na graduação em Psicologia. O método utilizado para compreender os dados levantados pelas entrevistas foi a Análise do Discurso tendo como referencial teórico a Psicanálise de Freud e Lacan. Essa pesquisa foi motivada por um trabalho terapêutico desenvolvido em um grupo de jovens do sexo masculino no ano anterior, em que tais características foram evidenciadas como uma problemática a ser resolvida.

A função paterna parece-nos permear os aspectos de compreensão teórica em espelho às vivências pessoais. Entendemos que uma teoria cumpre o seu papel quando em confrontação com o cotidiano, traz significados relevantes de compreensão pelo simples fato de se vivenciar na prática, isto é, quando o complicado da teoria é traduzido para o simples do dia-a-dia. A figura do pai chama a nossa atenção na atualidade por estar em meio a tensões envolvendo papéis outrora fortes como: provedor, marido, pai etc. Uma postura enfraquecida pelas várias constituições familiares¹⁷ na contemporaneidade. Em meio a isso visualizamos conflitos envolvendo as relações com regras, normas, socialização, autoestima e independência.

A função paterna é um tema que consideramos de importante relevância para entendermos as dificuldades que alguns jovens têm em relação aos aspectos sociais (limite, frustração, independência, iniciativa, relacionamento etc.) pela falha que pode haver em seu cumprimento. Os jovens chamam a nossa atenção porque contestamos a análise do fracasso no cumprimento da Lei (Nome-do-Pai) e das relações pelo comportamento estigmatizado da rebelião ou da marginalidade. Discutir más condutas ou qualquer outro comportamento desviante sem considerar a função paterna nos parece incongruente e limítrofe à um vasto campo de significações simbólicas, Não podemos deixar de reconhecer que tais questões fazem parte de nossa vida¹⁸ e isso também faz toda a diferença na escolha do tema.

¹⁶ AVIZ, Adilson José de; SCHUCKO, Iuram Carlos. **O adolescente e a sua relação com o pai na atualidade**. Trabalho de Conclusão de Curso FGG, Joinville, 2008.

¹⁷ Ao falarmos de função paterna, conseqüentemente estamos também falando do papel de pai e de homem. Até o início do século XX o homem tinha um papel forte na sociedade e na família como o centro das atenções. Seu papel era de provedor e isso fazia com que a família, que tinha uma formação padrão (pai, mãe e filhos) o venerasse. Esse modelo reflete a família burguesa que na época inspirou Freud, nos dias atuais essa configuração não é mais padrão e nem única.

¹⁸ Especificamente aqui reflete a nossa experiência vivenciada diretamente na relação de gerações envolvendo avô, em contraste com o pai e agora refletida no filho, sombreada também pela Psicologia, formação de origem.

Instigados cada vez mais pelo tema, em 2009 participamos de um trabalho desenvolvido na Ilha do Morro do Amaral com alguns jovens. Naquela oportunidade, a proposta de trabalho estava direcionada a um projeto da Prefeitura Municipal de Joinville (PMJ) e de uma empresa de saneamento sobre propostas de sustentabilidade com as mulheres da comunidade. Enquanto participavam das oficinas e palestras no auditório da igreja Senhor Bom Jesus¹⁹, seus filhos ficavam, alguns brincando e outros ociosos no pátio. Por conta disso, esses jovens passaram a formar o grupo de trabalho desenvolvido por uma equipe de três estagiárias do curso de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala – FGG sob a nossa supervisão.

A proposta para esse grupo foi desenvolvida mediante a relação estabelecida no decorrer dos encontros. Dinâmicas envolvendo contação de histórias e jogos mostraram uma peculiaridade nesses jovens, a dificuldade de romper o concreto pela fantasia. Em meio a discussões políticas envolvendo a região em torno da preservação *versus* modernização, os jovens sinalizavam um local alheio aos aspectos físicos sob a égide do aqui-e-agora.

A direção da única escola da região de Ensino Fundamental há 15 anos gestada pela mesma pessoa, o discurso estava na repetição de comportamento passado de geração em geração, pois pela escola, os alunos de outrora agora são os pais dos alunos atuais e isso continua uma história previsível, pelo menos na visão da direção. Por pensar assim, torna-se a porta voz do discurso da PMJ que entende a dinâmica da região como uma repetição de ideias e comportamentos, e que por conta disso é necessário fazer alguma coisa em prol da autoestima dos moradores da região. Essa era a proposta lançada para nós Psicólogos na época, porque se acreditava que os jovens poderiam romper com esse ciclo, pois nessa perspectiva a disposição dos moradores reproduz um círculo vicioso, onde os fatores históricos das práticas do cotidiano fazem “pensar” em uma comunidade estática em termos de sustentação, por isso a iniciativa da PMJ.

Por conta dessas duas experiências, da inquietação sobre o significado do Patrimônio Cultural para as pessoas e o ingresso no grupo de pesquisa sobre

¹⁹ O destaque para “igreja católica” é pertinente porque na época foi observada uma divisão na comunidade entre os católicos e os evangélicos. Na oportunidade o trabalho foi realizado apenas com os jovens católicos por causa do local ser anexo a essa igreja. Uma das dificuldades em continuar o trabalho nos anos posteriores foi justamente encontrar um lugar neutro e que proporcionasse trabalhar com os dois grupos.

Juventudes, coordenado pela Prof^a Dra. Raquel ALS Venera foi possível propor uma pesquisa sobre o que os jovens do Morro do Amaral pensam a partir do Imaginário sobre o Patrimônio Cultural da região.

Sendo assim, é importante destacar nesse momento, que a partir de então, nessa explanação, todas as vezes que o termo “relação” estiver compondo uma ideia, seu significado não está no sentido simples como ligação ou conexão entre dois objetos, mas sim a transcendência buberiana de qualidade mútua. Martin Buber²⁰ desenvolveu a experiência da relação no momento em que há uma doação de si e ao mesmo tempo em que o outro, na mesma proporção, também se doa, de maneira que ambos ganham qualidade em termos de crescimento, de conhecimento de si e do outro em cada encontro. Se permitir dar ao mesmo tempo em que recebe é a relação de Buber, o contrário está naquilo que ele chama de relação “Eu e Isso”, onde cada um está preocupado em receber e não se envolver através daquilo que lhe pertence. Essa relação “Eu e Isso” parece permear a contemporaneidade em resposta as ideologias materiais através do consumo e da instigada competição entre competências, méritos e sucessos (Capitalismo/Positivismo), talvez essa seja uma das formas para compreender a relação entre sujeito e Patrimônio Cultural apresentada e discutida aqui.

Ao tomar esse conceito de Buber, relacionado especificamente às relações com o Patrimônio Cultural e não necessariamente entre pessoas, mas podendo ser com objetos, construções, locais, riquezas naturais etc. que possam despertar memórias e identidades, pretendemos destacar essa “relação” como algo que caracterize um ganho entre ambas as partes a partir do entre, isto é, a partir do envolvimento gerado.

Estabelecido isso, destacamos que o objeto de estudo dessa pesquisa são os jovens da Ilha do Morro do Amaral que se apresentam como sujeitos em contato com o Patrimônio Cultural inserido ao seu contexto. Usamos o plural para falar dos jovens porque entendemos que ao tratar o jovem no singular é estabelecido um conceito genérico, que pressupõe pensar alguma coisa em torno de algo estático ou reprodutora de uma prática até então corriqueira, mas isso não é o que percebemos, porque essa expressão marca apenas um local dessa discussão, por isso falamos de plural, isto é, de Juventudes, jovens inseridos em diferentes contextos históricos

²⁰ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. 2 ed. São Paulo: Moraes, 2004.

com desigualdades sociais e diferenças culturais. Rossana Reguillo²¹ citada por Barbiani contribui dizendo que

os jovens não são uma categoria unívoca. São uma categoria construída culturalmente; não se trata de uma essência e, em tal sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil estão necessariamente vinculados aos contextos sócio-históricos, produto das relações de força em uma determinada sociedade.

A característica de uma região não é suficiente para concluir os aspectos envolvendo práticas da Juventude. Equívocos acontecem quando a análise se baseia no simples fato de estar afastada dos grandes centros ou por práticas de tradição artesanal. Parece ser tendencioso o pensar em Juventudes como descolada do cotidiano por atitudes em prol de movimentos como de violência ou de rebeldia ou mesmo reflexa a uma comunidade como um comportamento de aceitação submissa a uma prática.

O Morro do Amaral faz parte de uma cidade que experimenta um presente marcado pelo complexo fluxo de migrantes, tecnologias, informações midiáticas e desejos de preservação de um passado, de memórias que organizam uma suposta unicidade, uma plenitude identitária sempre ausente. Desde os anos de 1980, como analisa a historiadora Ilanil Coelho²², a cidade viveu uma reestruturação das indústrias, o aumento do emprego industrial e a inclusão de novas tecnologias e atualizações no processo produtivo e de comunicação, e essas evidências “incidem sobre os deslocamentos humanos para a cidade e também sobre os multifacetados relacionamentos sociais da urbe”²³. Tais aspectos não podem ser desconsiderados ao analisar as características envolvendo esses jovens.

Tais jovens estão inseridos em um campo de pesquisa que é a Ilha do Morro do Amaral que dispõe de um Patrimônio Cultural considerável aos estudos da Academia. Procuramos entender através do Imaginário desses jovens a relação com esse Patrimônio, numa perspectiva de compreensão teórica auxiliada pela Psicanálise de Freud e Lacan em conjunto com a AD de Pêcheux e autores que sustentam estudos sobre a memória como Pierre Nora, Michel de Certeau, Joël Candau e François Hartog, que corroboram com uma visão francesa de análise.

²¹ REGUILLO, 2003, p. 104 apud BARBIANI, Rosângela. Mapeando o discurso latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 142, jan/jun, 2007.

²² COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma cidade migrante**. Joinville: UNIVILLE, 2011.

²³ Id. Ibid. p. 30, 31.

No trabalho desenvolvido em 2009, o grupo formado era constituído por jovens entre as idades de 12 à 14 anos. Contudo, para o atual projeto, a ideia está voltada para investigar a “relação” com o Patrimônio Cultural da região tendo em vista a experiência de 2009. Nesse sentido, a pesquisa de sigla “Jovens” desenvolvido nos Mestrados em Educação – MEDUC e Patrimônio Cultural e Sociedade – MPCPS da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, coordenado pela Prof^a Dra. Raquel ALS Venera, que agrega outras cinco pesquisas, todas do Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas Educativas e interessadas nas culturas juvenis da região de Joinville, contribuiu para o desenvolvimento e a expansão da ideia da pesquisa com os jovens na Ilha do Morro do Amaral, por atrelar nas discussões uma visão de relação com o Patrimônio Cultural diversa, como por exemplo, as depredações e as indiferenças.

Nos trabalhos anteriores (Conclusão da Graduação em 2008 e Projeto junto a PMJ em 2009) utilizou-se o conceito de adolescência desenvolvido pelo Psicólogo americano Granville Stanley Hall em seu extenso *Adolescence* de 1300 páginas publicado em 1904²⁴. “Acreditava ele que a criança, em seu desenvolvimento individual, repete a história da raça. Quando a criança brinca, por exemplo de *cowboy* e índio, está repetindo o nível do homem primitivo”²⁵. Sendo assim, tais características representam uma fase transitória.

Por ser reconhecida em vários discursos como uma “fase conturbada”, envolvendo mudanças e oscilações de ordem biopsicossocial, de rupturas e de rebeldias, pode por isso ser questionada quanto a propostas de políticas públicas, pois se afinal, é um período que irá passar, cabe apenas amenizar possíveis danos. Segundo Arminda Aberastury e Mauricio Knobel²⁶ essa “fase conturbada” constitui aquilo que chamam de “Adolescência Normal”, porque de um ponto de vista psíquico, o adolescente elabora “lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância”²⁷.

²⁴ SCHULTZ, Duane. **História da Psicologia Moderna**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

²⁵ Id. p. 163.

²⁶ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

²⁷ Id. 13.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA²⁸ estabelece a idade entre os 12 e 18 anos para a adolescência enquanto lei, Aberastury e Knobel²⁹ do ponto de vista psíquico afirmam que o “período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente entre os 13 e os 23 anos no homem, podendo estender-se até aos 27 anos”³⁰ pode ser referência para o desenvolvimento das características da fase.

Do ponto de vista social, Regina Novaes³¹ questiona quem são esses adolescentes:

E quem são “eles”? São aqueles nascidos há 14 ou 24 anos – seria uma resposta. No entanto, esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho – uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais³².

Nesse sentido, os “adolescentes” em questão fazem parte daquilo que estamos assumindo nessa pesquisa como Juventudes, sem segmentar e nem reduzir a um grupo específico dentro de uma faixa etária, muito pelo contrário, falamos de jovens quando rompemos com a idade ou com a característica biológica e entendemos as Juventudes como uma condição que se articula social e culturalmente³³.

Não obstante, decidimos deixar de lado o termo Adolescência por entendermos que o conceito reduz os sujeitos a uma fase e isso dá a impressão de que politicamente nada se pode fazer porque se trata de um estágio que passa. Em contrapartida, a ideia de Juventudes se apresenta adequadamente à nossa proposta, pois do ponto de vista das políticas de Cultura a visibilidade discursiva sobre os jovens é necessária porque nossa discussão não é tratá-los, nem amenizarmos a fase de transição, porque não temos a intenção de anular o sujeito

²⁸ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, 2005.

²⁹ Id. Ibid.

³⁰ Id. p. 89.

³¹ NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 105-120.

³² Id. p. 105.

³³ MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra, error! Marcador no definido. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf> Acesso em 30 abr 2010.

num discurso construído sobre uma falta, sobre a ausência, sobre o não ser, ele não é adulto, vai ser e ele foi criança, não é. Se assim agíssemos continuaríamos reproduzindo um local de fala que então foi estabelecido em prol do consumo em todos os sentidos.

E isso faz toda a diferença no nosso grupo de pesquisa sobre Juventudes, e aqui nosso interesse está no estudo do Imaginário para concatenar aspectos que possam explicar a relação com o Patrimônio Cultural num processo de memória e identidade de um passado presente. Jacques Le Goff fala sobre o “objeto da história” que é diferente da história dos historiadores e que é reconhecido “nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica e nomeadamente da sua maneira de reagir perante o seu passado”³⁴. A construção imaginária é subjetiva, própria e peculiar, entrelaçada as bases materiais³⁵, isto é, envolvida ao real contemporâneo e aquilo que se tem como simbólico na memória individual ao coletivo.

Entendemos, a partir de Jacques Lacan, que o Imaginário é algo em extrema relação com o Real e o Simbólico, representado esquematicamente pela ligação tríade em formato de nó³⁶ como exposto na Imagem 1 logo abaixo, onde cada qual é ligado em prol do outro. O Imaginário é constituído a partir da relação entre o Real, àquilo que provém da relação fusional passando pela privação - castração³⁷ - e entre o Simbólico, que está constituído e que é da ordem coletiva - leis e Cultura.

³⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p.49.

³⁵ Entendemos por bases materiais as condições sociais, econômicas e políticas que caracterizam um dado momento histórico, pelos quais proporcionam experiências de subjetividade privada, isto é, experiências íntimas com acesso restrito e conteúdos exclusivos.

³⁶ Para explicar a ligação entre o Real, o Imaginário e o Simbólico, Lacan utiliza o Nó Borromeano, que faz com que cada nó seja deslocado ao mexer com o outro. Nesse sentido, não há como separá-los e a compreensão de um depende dos outros e vice-versa.

³⁷ A rigor, castração ou complexo de castração, diz respeito a uma diversidade de crenças e emoções assumidas pela criança em torno da submissão a alguém que lhe prove ter aquilo (falo) de que precisa para assumir sua posição inicial de completude (simbiose), nesse sentido, serve para definir uma identidade sexual. Nesse sentido, “a castração torna-se o símbolo da diferença sexual, e a superação da ameaça de castração determina uma identidade em lugar da outra”. WARD. Ivan. **Castração**. Tradução Carlos Mendes Rosa. Conceitos da Psicanálise v.7 Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 35.

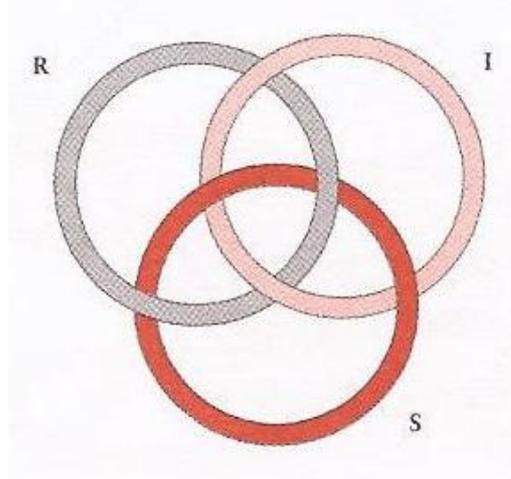


Figura 1: Nó borromeano

Fonte: LACAN, 2007, p. 21.

O Real nessa perspectiva é tudo aquilo que não é simbolizado, aquilo que não pode ser explicado coletivamente. “A construção social da realidade implica em um mundo que pode ser designado e falado com as palavras fornecidas pela linguagem de um grupo social. O que não pode ser dito na sua linguagem não é parte da realidade desse grupo”³⁸. Por isso, o Real não é a mesma coisa que realidade, porque ao não ser simbolizado não faz parte do coletivo e por conta disso, sobra, isto é, constitui o resto daquilo que é significado pela linguagem e essa entendida pelo social. A Imagem 2 abaixo representa alguns aspectos do Real, Imaginário e Simbólico.

³⁸ CORREIA, Thais Machado Moraes. Real, Simbólico e Imaginário em Lacan. **Ciências humanas em Revista**. São Luis, v. 3, número especial, p. 100, jun. 2005.

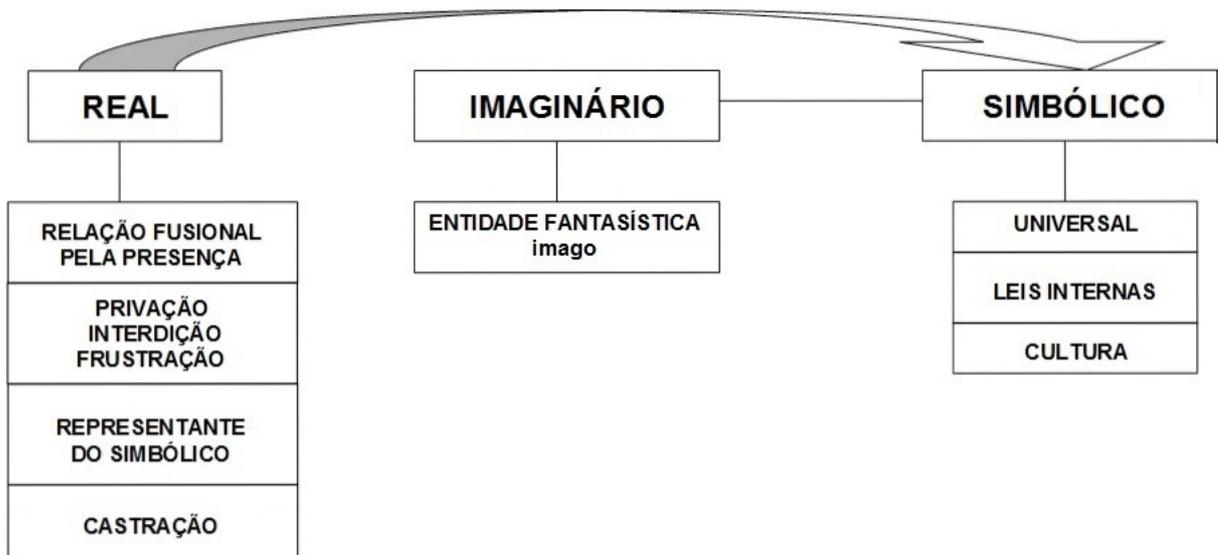


Figura 2: Esboço Real, Imaginário e Simbólico.

O Imaginário se situa no ponto central onde define o lugar do objeto, isto é, segundo Lacan “é o gozo enquanto fálico que implica sua ligação ao Imaginário como ex-sistência; o Imaginário é o não-gozo”³⁹. Sendo assim, o Imaginário constitui a falta, aquilo que é da ordem do desejo e que ainda não foi satisfeito. Em outras palavras, o desejo é o não-gozo e o gozo se constitui na busca incessante por saciá-lo pelo desejo. Então o Imaginário é uma plenitude ausente de um gozo possível que nunca acontece.

Por intermédio de Lacan pode-se compreender o Imaginário como reflexo da construção do Eu que se encontra no local do desejo e que se projeta a partir das noções entre o Real e o Simbólico. Na busca pelo reconhecimento do outro e na sensação de existência, o sujeito é capaz de idealizar conceitos a partir de suas experiências num processo de projeção de si mesmo a esses ideais.

A partir disso é possível trabalhar o Imaginário como instrumento de compreensão da realidade e da construção subjetiva. A falta ou o excesso de fantasia⁴⁰ pode revelar aspectos destoantes entre o Real e o Imaginário em

³⁹ LACAN, 1974, p. 52 apud DIAS, Maria das Graças Leite Villela. Le Sinthome. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, jan/jun 2006, p. 95.

⁴⁰ Algo que chamou a atenção no trabalho realizado com os jovens da Ilha do Morro do Amaral em 2009 foi a dificuldade em fantasiar/imaginar situações e ambientes diferentes do cotidiano a partir de uma dinâmica envolvendo uma hipótese de viagem a dois lugares distintos, Amazônia e Nova Iorque. Logo em seguida, os jovens montaram um jogo da memória com desenhos criados por eles mesmos sobre “essa imaginação”. A grande maioria representou em figuras aspectos relativos ao ambiente da Amazônia e não da cidade Nova Iorque.

confrontação com a realidade. Sendo assim, é possível detectar os elementos que fazem parte dessa construção num processo de análise daquilo que entendemos como constituinte coletivo.

Portanto, a busca pela compreensão da “relação” entre os jovens do Morro do Amaral e o Patrimônio Cultural da região é posicionada pela análise, e nesse caso específico como opção nossa, pela AD, ou seja, do lugar do sujeito e não necessariamente o social. O referencial psicanalítico serve de suporte para compreendermos esse sujeito que se constitui único, peculiar, respondendo ao meio de acordo com suas vicissitudes. Do sujeito para o social é o movimento de partida para estabelecer relação entre os aspectos peculiares de ordem psíquica e os comportamentos diversos de ordem sociais respondentes à leis, normas e decretos.

Essa posição revela a compreensão que temos sobre a resposta – comportamento – do sujeito ao meio em que vive sob o aspecto de que o social, ou o comportamento coletivo é formado por respostas individualizadas em união a adaptação, isto é, uma convenção de atos e ideias que sejam suficientes para se viver satisfatoriamente em sociedade.

Se, estamos partindo do sujeito para o social, é preciso eleger um método de análise que venha satisfazer a nossa necessidade de compreensão dessa construção representada no cotidiano. Nesse sentido, levando em conta a Cultura e a dinâmica envolvendo Juventudes, nossa pesquisa se propôs utilizar a Análise do Discurso da corrente francesa (AD) para detectar na fala dos jovens significados importantes para responder à problemática apresentada. Segundo Pêcheux⁴¹ essa perspectiva de investigação envolve o campo da AD como “determinado pelo campo dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, dependendo dos domínios filosófico, sócio-histórico, político ou estético, e, portanto, também dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado”⁴².

De acordo com o projeto pêcheutiano, a AD

constrói-se sob a articulação de três regiões do conhecimento científico, a saber: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos

⁴¹ PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: UFRGS, n. 01, nov. 1998. 47-55. 2 ed.

⁴² Id. Ibid. p. 54.

processos semânticos, as três regiões atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica⁴³.

Para Eni Orlandi⁴⁴ a AD tem pontos variados pelos quais julga interessantes no campo do saber, como: “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem”⁴⁵. Ao falar o sujeito tem a possibilidade de escutar-se e ao mesmo tempo interpretar as ideologias e significados em seu próprio discurso.

A compreensão de como se estabelece o discurso, segundo Orlandi é estar em uma “encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro”⁴⁶. Descrever a relação do sujeito com a sua memória consiste observar o interdiscurso ou memória discursiva que estratifica “formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando”⁴⁷. É nesse jogo de lembrar e esquecer que a memória se torna evidente podendo ser resignificada pelo discurso e é nesse ir e vir que também estamos interessados.

Lacan afirma que a fala está relacionada ao pensamento e este como um processo atuante entre Real, Imaginário e Simbólico. É por conta disso, que ao falar concretizam-se cadeias de pensamentos que podem estar recalcados passando despercebidos pelo agente do discurso. Lacan diz que

quando chamamos de imaginário um elemento da cadeia, um outro, de real, e o terceiro, de simbólico, o sentido, como já lhes mostrei, está no campo entre o imaginário e o simbólico. Não podemos esperar colocá-lo em outro lugar, pois nos limitamos a imaginar tudo o que pensamos. Entretanto, não pensamos sem palavras⁴⁸.

⁴³ PÊCHEUX; FUCHS [1975]. apud TEIXEIRA, Marlene. **Análise de discurso e psicanálise:** elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 17.

⁴⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** Princípios e procedimentos. 9 ed. Campinas: Pontes, 2010.

⁴⁵ Id. Ibid. p. 9.

⁴⁶ Id. Ibid. p. 10.

⁴⁷ Id. Ibid. p. 54

⁴⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário:** O sinthoma, 1975-1976 livro 23 Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Diante disso, podemos afirmar que a análise dos dados levantados nas entrevistas, foi avaliada de acordo com os critérios da AD. De acordo com esse método, as falas dos participantes são organizadas por meio da identificação dos centros de significação que permitem destacar temas relevantes no relato. Segundo Caregnato e Mutti⁴⁹ “o analista ao utilizar a AD fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos”. Ao realçar os centros de identificação a AD também se posiciona no diálogo entre a Linguística, a História e a Psicanálise que são a força motriz desse trabalho⁵⁰.

Epistemologicamente nos posicionamos com a Psicanálise porque entendemos o desenvolvimento humano através da subjetividade numa construção primária e progressiva de fases, unidas aos referenciais num processo de separação e identificação aos modelos apresentados⁵¹ para práticas sociais. Essa ideia “que descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença seja como resultado de supostas similaridades, tem sua origem na psicanálise”⁵².

Freud⁵³ afirmou que a base da Psicanálise está no recalçamento, sendo assim, o fato de analisar e interpretar conteúdos de ordem inconsciente permite à Psicanálise se deter nos aspectos do desejo e do Simbólico através do discurso, isto é, na fala o sujeito projeta seus conteúdos. Kathryn Woodward, uma autora contemporânea, que utiliza conceitos da Psicanálise para articular a identidade e a diferença numa perspectiva Sociológica e Cultural, discorre da seguinte forma:

A ideia de um conflito entre os desejos da mente inconsciente e as demandas das forças sociais, tais como elas se expressam naquilo que Freud chamou de supereu, tem sido utilizada para explicar comportamentos aparentemente irracionais e o investimento que os sujeitos podem ter em ações que podem ser vistas como inaceitáveis por outros, talvez até mesmo pelo eu consciente do sujeito⁵⁴.

⁴⁹ CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, 2006. Out-Dez. p. 684.

⁵⁰ Assume-se aqui uma preponderância da mobilização da Psicanálise no decorrer dos capítulos em função do local de fala do analista. No entanto, o desafio do trabalho interdisciplinar foi engendrado nas orientações que se materializaram no texto.

⁵¹ Esses modelos *a priori* referem-se aos pais no sentido figurado (ou representantes de experiências primárias) e conseqüentemente a cultura vigente num determinado contexto histórico.

⁵² WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 18.

⁵³ FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria vol. 2**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁵⁴ WOODWARD, Kathryn. Op. cit., 62.

Tanto o “supereu” como “comportamentos aparentemente irracionais” citados por Woodward são analisados e teorizados no decorrer da explanação do trabalho e na apresentação dos dados de pesquisa. O primeiro referindo-se às leis e os decretos instituídos e que exigem cumprimento e o segundo sobre as respostas subjetivas apresentadas frente a essas exigências.

Os pontos de análise dos discursos apresentados pelos jovens do Morro do Amaral são analisados de acordo com a compreensão do Imaginário lacaniano produzido por subjetividades em uma construção individual, mas em íntima relação com o Simbólico que é coletivo sob uma ideia específica que é o Patrimônio Cultural da região. Entendemos que a importância dada ao Patrimônio Cultural diz respeito a uma construção gerada por constructos internos e que refletem em comportamentos (posições) e esses disseminados através do discurso.

A problemática de pesquisa está imbricada ao questionamento que envolve a relação entre os jovens da Ilha do Morro do Amaral e seu Imaginário sobre o Patrimônio Cultural, nesse sentido trabalhamos a partir da seguinte indagação: Como é o imaginário dos jovens sobre o Patrimônio Cultural da Ilha do Morro do Amaral em relação àquilo que se espera⁵⁵, na perspectiva das leis que regem a situação do local sobre a valorização e a conservação da região?

Algumas concepções pré-estabelecidas decorrente da experiência de 2009 foram aprimoradas e outras foram descartadas. Por exemplo, o aspecto religioso que naquela ocasião demarcava uma divisão entre os moradores, em torno dos fiéis da igreja católica unidos a um centro espírita *versus* evangélicos que poderiam caracterizar uma categoria de diferentes respostas. Não foi observado relevância nessa separação agora, por isso desconsiderada.

A ideia de realizar uma pesquisa *survey* com os jovens do Morro do Amaral para discussão do grupo de estudos sobre Juventudes também foi descartada por não ter relevância direta com a nossa pesquisa. As entrevistas que seriam feitas com os alunos da Escola Municipal Reinaldo de França foram substituídas por entrevistas com outros jovens da região, para além apenas da idade escolar.

⁵⁵ No sentido de cumprir com as leis de preservação não apenas por ser simplesmente lei.

A escolha pela AD, especialmente no diálogo com a Psicanálise, foi primordial para a ligação entre aquilo que a pesquisa buscou investigar em termos de relação entre sujeito e Patrimônio Cultural. Inicialmente muitos autores foram destacados para o embasamento teórico, porém como critério de trabalho foram reduzidos (como descritos nas referências) àqueles que na nossa opinião, apresentam boa discussão sobre os temas.

Os capítulos foram desenvolvidos, a partir do problema de pesquisa, respeitando uma construção de ideias sobre a constituição do sujeito e a sua relação com o Patrimônio Cultural. Procuramos estabelecer a compreensão do sujeito para então entendermos sua relação com o social, esse processo nos permite conjecturar possibilidades de análise para conclusões envolvendo os temas Juventudes, Imaginário e Patrimônio Cultural.

O primeiro capítulo expõe a história do Patrimônio Cultural da ilha do Morro do Amaral de forma breve, realçando aspectos da história, da memória e da experiência que essa comunidade compartilha há anos. Uma história que dá sentido as questões que envolvem aquilo que nos fez investigar para dar sentido nesse trabalho.

No segundo capítulo é discutida a relação entre sujeito e Patrimônio Cultural a partir de conceitos da Psicanálise, como Simbiose (Margaret Mahler, 1993), Complexo de Édipo (Freud, 1999) e Jogo do Espelho (Lacan, 1998). A ligação dos conceitos está voltada para tópicos como o pensar através de ideias pré-estabelecidas, a constituição do Eu enquanto único e com possibilidades de se posicionar consciente ao social e a formação de identidades como um devir constante. O conceito de Juventudes também é explanado levando em consideração os discursos apresentados e as leis de preservação como um reflexo de sintoma social. O sintoma referido diz respeito ao tema desenvolvido por Hartog⁵⁶ juntamente com a ideia de “presentismo”.

O terceiro capítulo se propõe a expor e analisar o discurso dos jovens através da relação entre o Imaginário e o Patrimônio Cultural do Morro do Amaral coletados através das entrevistas feitas (APÊNDICE A) a seis jovens da região que concordaram em contribuir para a pesquisa (APÊNDICE B), envolvendo os aspectos Culturais do Morro do Amaral. Esses jovens são identificados por nomes fictícios

⁵⁶ HARTOG, François, 2006.

criados, com sobrenomes aleatórios e sem maiores significados além da função exposta. Trata-se de Dan Dall, Joana Mell, Quéren Onri, Denis Tag, Gina Pan e Berta Dess. São identificados os valores através da AD, nesse sentido, é pertinente a investigação respeitando os aspectos das diferenças e das indiferenças construídas, alternando entre a AD e os conceitos apresentados sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário através de um olhar teórico.

No quarto capítulo nos permitimos apresentar reflexões interdisciplinares sobre os temas discutidos no MPCs que contribuíram para instigar essa pesquisa através de uma posição inicial – Psicologia – com conteúdos como Patrimônio Cultural, História, Memória, Identidades etc. Os dados levantados nas entrevistas proporcionaram uma ligação direta entre aquilo que até então eram apenas reflexões sobre os conteúdos das aulas.

Apresentamos finalmente as considerações finais sobre a pesquisa, destacando os objetivos alcançados, aspectos refutados ou ressignificados e ponderando as características apresentadas sobre a relação subjetiva dos jovens e o Patrimônio Cultural da região do Morro do Amaral alinhando possibilidades de avançar no tema em projetos futuros para a região, como sustentabilidade e turismo.

1. UMA BREVE EXPOSIÇÃO DA HISTÓRIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MORRO DO AMARAL

Essa pesquisa faz um movimento de diálogo com o Patrimônio Cultural a partir da Psicanálise e, por isso, privilegia um olhar que parte do sujeito para o social porque entendemos que a constituição subjetiva é única, um processo cíclico e constante na formação do sujeito. No entanto, os primeiros anos de vida caracterizam o estabelecimento de referenciais necessários para aprimorar futuras modificações. Ao nascermos somos inseridos em um mundo já existente, pronto para se viver, e tudo aquilo que encontramos em termos de relações sociais são aprendidos através de modelos ou de referenciais chamados pela Psicanálise de relação primária.

Todos os comportamentos ou reações aos estímulos diários são produtos de características psíquicas estabelecidas na relação primária e internalizadas sob influência da direção desses referenciais. Em outras palavras, as pessoas conseguem desenvolver habilidades sociais de acordo com conteúdos condizentes à sociedade pelo qual está inserida. As convenções só terão sentido quando aprendidas de forma consciente.

Analisar um comportamento social por intermédio de grupos pode caracterizar uma visão de parte daquilo que pode estar na causa. As pessoas estão inseridas em grupos, respondem à essas exigências em muitos casos de forma diferenciada, mas significam de maneira individual, processam informações, questionam ou não sob a tutela da própria consciência, apesar de que na grande maioria isso ocorra de forma inconsciente, talvez por isso muitas teorias estabeleçam critérios estanques de análise.

A relação com o Patrimônio Cultural acontece nessa perspectiva social internalizada, em nível Simbólico, porque faz parte de algo já construído, de uma história já existente e que pode ser significativa ou não. A apropriação de significados é feita através da aprendizagem, pois nenhuma condição social ou qualquer atividade seria possível sem uma ligação direta com o conhecimento, quer na prática quer na teoria.

Os valores de um Patrimônio Cultural podem estar velados ou desqualificados por qualquer ideologia, mas quem pode direcionar tais valores como significativos ou

não é o sujeito de direito, essa pessoa que pela razão da consciência consegue identificar-se. Nesse sentido, podemos destacar as estratégias e planos envolvendo a Educação Patrimonial.

Impossível seria a apropriação da Cultura sem a História, sem a Educação e sem os processos de significação sob essa égide. Nesse sentido, não há como acessar as riquezas Culturais sem o contato direto ou indireto a esses locais ou saberes, ou até mesmo tendo esse acesso, mas sem a ligação desses significantes aos aspectos subjetivos, isto é, as representações simbólicas apresentadas coletivamente em confronto com aquilo que cada um significa para si mesmo.

Avançando nessa perspectiva, apresentamos a ilha que hoje é conhecida como Morro do Amaral, reconhecida como um bairro de Joinville, “antes se chamava Riacho Saguacu. A partir de 1935, passou a adotar a denominação de Morro do Amaral, em virtude das terras pertencentes, em sua grande maioria, à família Amaral⁵⁷”. Os habitantes dessa região são “resultados de uma mistura de portugueses, espanhóis e índios”⁵⁸. Nesse sentido, com o afastamento da ilha as famílias formaram-se entre si, pois

o isolamento, aliado à falta de opções de lazer próximas a localidade, fez com que primos, parentes próximos, casassem entre si. Isso explica o ditado de que, no morro, quem não tiver o sobrenome dos Soares terá certamente o dos Amaral. Não é difícil encontrar casos de primos que viraram marido e mulher. Os moradores explicam o fenômeno da mesma maneira simples com que vivem: “para que procurar romance fora se no próprio lugar isso poderia ser encontrado?”⁵⁹.

É importante destacar que as fontes de pesquisa que encontramos destacam um ponto de vista de pessoas de fora do Morro do Amaral e que apresentam o local como um bairro de Joinville. Contudo, sabemos que antes de ser um bairro o Morro do Amaral era litoral de São Francisco do Sul, uma das cidades mais antigas do Brasil e que remonta uma ocupação há aproximadamente 5.000 anos.

O acesso era possível apenas pelo mar, pois a mata cobria totalmente a ligação com o resto da cidade, isso dificultava em muito ir à “colônia” em busca de recursos. Em 1992 as formandas de História da FURJ, Roseana Maria Corrêa e

⁵⁷ CORRÊA, Roseana Maria; ROSA, Terezinha Fernandes da (coord.). **História dos bairros de Joinville**. São Paulo: Gráfica Círculo, 1992, p.107.

⁵⁸ ASSUNÇÃO, Luis Fernando. Morro do Amaral: pedaço de paraíso à beira da Babitonga. **Jornal A Notícia**, Joinville, 11 mai. 1997. ANCidade, D-6, D-7

⁵⁹ Id. Ibid.

Terezinha Fernandes da Rosa fizeram uma pesquisa sobre os bairros de Joinville na época e relataram essa dificuldade:

Por se tratar de uma ilha, o meio de transporte mais usado foi a canoa. Era de canoa que os moradores do Morro do Amaral vinham para o Centro de Joinville, que denominavam “colônia”. Conta o Sr. Francisco Soares que “só depois do centenário da cidade, é que os moradores se habituavam a chamá-la de Joinville”. Acrescenta D. Vergília Ramos: “também era de canoa que as parturientes iam para a maternidade. Quando falecia alguém, o caixão era trasladado em canoa até o Porto do Bucarein, local em que era recolhido pelo ‘Carrinho das Almas’, dirigindo-se ao Cemitério Municipal seguido pelas pessoas que acompanhavam o féretro a pé. O mesmo transporte era utilizado pelos noivos, por ocasião dos casamentos. Vinham de canoa até a Rua Jaguaruna, de onde se dirigiam à Catedral São Francisco Xavier ou à Paróquia Sagrado Coração de Jesus em trolés, retornando ao Morro do Amaral, para a festa”. A canoa era então o meio de transporte oficial até a construção da ponte sobre o Rio do Riacho (ou Rio Biguaçu)⁶⁰.

Considerável o fato dos moradores do antigo Riacho Saguauçu, por um bom tempo se deslocarem à “Colônia” e não a identificarem. Essas idas a Joinville ajudava na subsistência, pois a pesca sempre foi a maior atividade econômica da região. Os pescadores comercializavam no Mercado Municipal aquilo que pescavam como “prejereba, pescada, bagre, cação, arraia, camarão, tainha, siri, caranguejo, bacucu, miraguaia”⁶¹.

Em uma reportagem especial do jornal A Notícia em 11 de maio de 1997, muitos aspectos da região foram apresentados, assim como relatos de alguns moradores. Dentre eles é apresentada a fala de uma mulher que relata essas idas ao centro de Joinville de canoa a remo:

Dalvina pertencia à família dos Amaral e era calejada no ofício da pesca. Desde pequena levava peixe a remo até o mercado, retirados da água pelo pai, Nazário do Amaral. “Desde os 13 anos eu remava. A gente levava duas horas até o mercado, só de ida”, relembra. Com sorte, Dalvina ganhava uma carona a reboque do barco Catarina, que também entrava no Cachoeira⁶².

Além da pesca como o grande centro da economia, a agricultura também chamava a atenção para o sustento. Por ser coberta por extensa vegetação, os moradores coletavam “folhas do mangue, das quais se extraía uma resina e que era

⁶⁰ Id. Ibid.

⁶¹ Id. Ibid. p. 108.

⁶² ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

vendida para as fábricas do Sr. Conrado Kuehne Indústrias Reunidas C. Kuehne S.A. – Curtume) e Indústria e Comércio Gothard Kaesemodel Ltda”⁶³. Também foi constatado que

a região chegou a contar com dois engenhos de farinha, onde era produzida a farinha que até hoje ornamenta os pirões indispensáveis no acompanhamento dos peixes fritos ou assados. Aipim, batata, feijão, milho, cará, abóbora e cana-de-açúcar completavam a lista das plantações desenvolvidas pelos moradores.

Na década de 1970 a atividade econômica do Morro do Amaral começou a mudar quando a estrada que liga a ilha ao continente foi construída dando oportunidade aos moradores da região sair para trabalhar nas empresas da cidade. Muitos pescadores trocaram o ofício para trabalhar principalmente na Tupy⁶⁴ ou na própria prefeitura.

O prefeito da época, Pedro Ivo – até hoje muito lembrado pelos habitantes mais antigos -, tinha uma empatia com o povo do Morro do Amaral. Abriu a primeira estrada e empregou na Prefeitura grande parte dos pescadores chefes de família. Hoje muitos deles estão aposentados pelo trabalho realizado no serviço público. Quem não empregou-se na Prefeitura optou por serviços em fábricas. A Tupy foi uma das empresas que mais empregou os ex-pescadores do Morro do Amaral. A maioria preferia usar a canoa para chegar ao trabalho, atravessando a baía. Enfrentavam chuva, sol, frio, calor⁶⁵.

Anos mais tarde, muitos desses trabalhadores depois da demissão resolveram voltar para a pesca, como o caso do industrial Salvador do Amaral, que em 1997 tinha 59 anos, depois de trabalhar 13 anos na PMJ foi admitido em uma empresa da cidade e encontrava-se desempregado por ter sido demitido por contenção de despesas, via-se na época confeccionando redes para venda, como sustento⁶⁶.

Sob a vista da baía da Babitonga, destacada como uma das belezas que mais chamam a atenção não só dos moradores como de todos os visitantes, a alegria do povo era representada pelo lazer e as festas, como bem destacadas pelas historiadoras Corrêa e Rosa:

⁶³ CORRÊA; ROSA, 1992, p. 107.

⁶⁴ Uma Fundação que chegou na cidade no ano de 1938 e é uma referência econômica do município.

⁶⁵ ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

⁶⁶ Id. Ibid.

No tocante ao lazer, saudosas são as festas que eram realizadas em casas particulares e “animadas a toque de cavaquinho, violão, rabeça e tambor”, segundo conta D. Vergília. Se traduziam em domingueiras e fandangos, nas quais dançavam a chama-rita (ou chamarita), a Dança de São Gonçalo, entre outras. Estas festas começavam mais ou menos às 20 horas e iam até manhã e nelas eram servidos vinho e queimada. A iluminação do local consistia em um lampiãozinho. Conta o Sr. Francisco Soares que “os mais novos não dançavam, ficando a observar o cantador”⁶⁷.

Na lembrança dos moradores mais antigos está a memória das tradições que eram preservadas através de festas seguidas pelo Terno de Reis, Boi-de-Mamão, Cavalo-Marinho e Pau-de-Fita. De acordo com um relato de um morador saudosista, descrito por Corrêa e Rosa, “os tempos de antigamente eram melhores, apesar de haver pouco dinheiro e morar em uma casa de palha”⁶⁸. Essa referência “à tempos melhores” ou a “idade do ouro” em que pela lembrança do passado em confronto com o presente, viver era sentir uma felicidade que só quem está no agora consegue “medir”. Para esses moradores a simplicidade da vida era melhor ao lembrar que algumas coisas faltam.

Com a abertura da rua e a construção da ponte que permite o acesso ao continente na década de 1970, os ônibus começaram a circular. Essa rua fazia parte de um total de 53 ruas que tinham o nome do seu mais antigo morador, por conta disso foi chamada de Estrada do Amaral⁶⁹. Sendo assim, em 1976 após aprovação da Câmara Municipal passou a se chamar Kurt Meinert:

A Câmara Municipal aprovou na reunião da quarta-feira última, o projeto-de-lei nº 43/76 que denomina de Avenida Kurt Meinert, a via até então denominada Estrada do Amaral, que liga a Cidade ao morro do mesmo nome, situado as margens da Lagoa Saguauçu. [...] Com este trabalho, a Câmara Municipal denominou um total de 53 ruas que não tinham nomes e que eram conhecidas apenas pelo nome do seu mais antigo morador⁷⁰.

A atual Avenida Kurt Meinert liga o Morro do Amaral a cidade de Joinville pelo bairro Jardim Edilene e por atravessar o mangue, que é área de preservação, não pode ser asfaltada, isso fomenta há anos muitas críticas e discussões em torno da lama, buraco e pó causado pelo trânsito de veículos. Em período de maré alta, a

⁶⁷ CORRÊA; ROSA, 1992, p. 108.

⁶⁸ Id. Ibid.

⁶⁹ KURT. Kurt Meinert é nome da via que liga ao Morro do Amaral. **Jornal A Notícia**, Joinville, 10 set. 1976. p. 4.

⁷⁰ Id. Ibid.

ponte que liga a Ilha ao Continente fica intransponível para circulação de automóveis fazendo com que por horas o Morro do Amaral fique isolado.

Foram descobertos na região três sítios arqueológicos de sambaquis⁷¹, “é o local que mais tem sambaquis da região – os pesquisadores contam dois, mas os habitantes garantem haver mais – é onde os primeiros habitantes da região ribeirinha da Babitonga foi ocupado por civilizações”⁷². Esses sambaquis são de difícil acesso e ignorados, segundo dados levantados “o proprietário da área já chegou a sair algemado do local por ter construído casas e cercas em cima do sambaqui, que é patrimônio da União. Na área também ocorre pisoteio de gado e o único acesso é atravessando a Lagoa do Saguçu”⁷³.

Também foi descoberto na região um cemitério que fica deslocado do ponto central e por não se saber ao certo a origem, suscita algumas crenças ou suposições disseminadas pelos moradores, como no relato abaixo:

Um cemitério que pode ser encontrado alguns quilômetros do ponto central do local, perdido em meio a mata, poderia ter sido de colonizadores holandeses que teriam desembarcado no morro em outros séculos. Muitos moradores, entretanto, garantem tratar de antepassados que pela distância da colônia Dona Francisca, enterravam seus mortos próximos às residências. Perto do cemitério soterrado pelo tempo é possível encontrar escavações ao redor das covas. Isso é explicado pelos moradores como uma tentativa de pessoas desconhecidas ao bairro em retirar joias e pertences dos cadáveres enterrados. De concreto, apesar das lendas, é de que ali existiu de fato um cemitério, muito provavelmente de moradores ainda deste século⁷⁴.

A igreja católica do Senhor Bom Jesus, recentemente tombada como Patrimônio Histórico, nem sempre esteve ali, foi transferida para próximo do mar provavelmente em 1945. “Com a igreja vieram os últimos moradores que resistiam em meio ao mato, onde só uma picada era o caminho para o transporte”⁷⁵. “Os padres vinham de São Francisco para celebrar os ofícios religiosos”⁷⁶. Esse deslocamento da igreja como etapa final para estabelecer o local em que é hoje a comunidade, pode ser entendido a partir do momento em que o Morro do Amaral

⁷¹ ASSESSORIA DE IMPRENSA, Gabinete do Prefeito. Arqueologia a serviço do meio ambiente. **Jornal A Notícia**, Joinville, 15 out. 2001, p. B-8.

⁷² ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

⁷³ ASSESSORIA DE IMPRENSA, Gabinete do Prefeito, 2001, p. B-8.

⁷⁴ ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

⁷⁵ Id. Ibid.

⁷⁶ CORRÊA; ROSA, 1992.

começou a receber seus primeiros moradores contemporâneos, no início deste século, o Morro do Amaral era conhecido como Riacho Saguauçu. Ainda é possível, caminhando alguns quilômetros mais ao Sul por entre a mata, encontrar os alicerces da igreja católica e algumas ruínas de casas utilizadas para moradia. Com a chegada de novos moradores, o núcleo da região foi puxado para próximo da baía, forçando a mudança das casas no local então conhecido como Riacho Saguauçu. A última a mudar-se para o novo ponto foi a igreja católica, demolida e transportada para onde hoje se encontra de frente para o mar. Através de uma picada entre à mata Atlântida é possível chegar até onde um dia foi a região central do Morro do Amaral – que recebeu esse nome na década de 30, em homenagem à família que mais tinha muitas (sic) terras no lugar⁷⁷.

A iluminação era de lampião à querosene e também de velas, essa prática só foi substituída na década de 1990 quando a energia elétrica chegou ao local⁷⁸, assim como a comunicação telefônica, pois o único telefone público existente foi instalado pela PMJ na área central⁷⁹. Dois fatores importantíssimos em se tratando de bem estar que foram disponibilizados muito recentemente.

Parece que para os moradores do Morro do Amaral, dois prefeitos da cidade ficaram marcados positivamente por proporcionarem mudanças significativas na região, Pedro Ivo Campos, que além de demonstrar afinidade pelos moradores oferecendo emprego na PMJ, inaugurou na década de 1970 a então Estrada do Amaral. Tal iniciativa mudou a história da região por pelo menos dois motivos, ligou a Ilha ao Continente facilitando o acesso à cidade que até então era somente pelo mar e criou uma opção de emprego fora da região. Esse último talvez seja mais significativo por interferir em uma cultura instituída pela pesca e frustrada com o desemprego. O outro prefeito lembrado é Luiz Henrique da Silveira:

Na verdade o prefeito Luiz Henrique guarda uma afeição especial ao Morro do Amaral. Assim como Pedro Ivo conseguiu no passado, o atual prefeito conta com o apoio e a simpatia dos moradores. “O prefeito disse que fará o trapiche municipal e quer preservar a colônia de pescadores. Isso para nós é excelente”, acredita Vieira. Segundo o pescador, o prefeito e a população pretendem continuar a proteção do lugar – considerado área de preservação permanente –, principalmente dos loteamentos clandestinos que proliferam na cidade⁸⁰.

Um acordo foi estabelecido nessa época entre a PMJ e os moradores do Morro do Amaral sobre a fiscalização da entrada de pessoas de fora com intenção

⁷⁷ ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

⁷⁸ CORRÊA; ROSA, 1992.

⁷⁹ ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

⁸⁰ Id. Ibid.

de apropriação de terra para moradia sob a condição desses benefícios. Parece que a fiscalização não foi efetuada com eficácia e as promessas da PMJ também não foram cumpridas. Percebe-se hoje, algumas construções que destoam o cenário natural chamando a atenção para interesses outros de pessoas não nativas.

Com o decorrer dos anos o Morro do Amaral sofreu com algumas designações que direta ou indiretamente criaram imbróglis quanto ao impasse entre necessidades da população *versus* possibilidades legais para suprimir. Foi em 1989 que a localidade recebeu o título de Parque Municipal do Morro do Amaral criado por Decreto Municipal nº 6.182 de 1989. Segundo o Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville – IPPUJ, sua área foi demarcada como 2,7 km² e localizada às margens da Baía da Babitonga, na saída da Lagoa do Saguacú, respeitando o acesso pela Avenida Kurt Meinert, no agora catalogado bairro Paranaguamirim, zona sul de Joinville⁸¹.

Os dados atuais descrevem-na também como a Ilha do Morro do Amaral, provavelmente agora por causa da maré que, quando alta, isola a região, apresentando características naturais de beleza e proporcionando grande potencial turístico. É vista como um local que abriga sítios arqueológicos, sambaquis e uma comunidade de pescadores artesanais que guardam a história de seus ancestrais⁸².

É possível pensar que a beleza natural do Morro do Amaral atrai algumas pessoas à morar no local, por isso algumas construções recentes. De acordo com dados levantados em 2009 através de pesquisa para o projeto “Acompanhamento em Grupo no Morro do Amaral” envolvendo a Faculdade Guilherme Guimbala – FGG, PMJ e a empresa Águas de Joinville (não concluída), a região apresentava aproximadamente 800 famílias num número próximo à 2.000 habitantes.

Por ser um Parque Municipal com reservas naturais não é possível fazer obras a ponto de descaracterizá-lo. Isso se tornou um problema porque a PMJ não tem como fazer muita coisa nesse sentido porque as pessoas estão se alojando no local e não há fiscalização ou impedimento. Cogitou-se a possibilidade numa discussão sobre o remanejamento dos moradores, o que poderá causar um impacto Cultural, pois entra em jogo todas as questões sobre Memória e Identidade.

Por fim, no dia 3 de abril de 2012 a Câmara de Vereadores de Joinville aprovou “a recategorização do local até então denominado Parque. A Ilha do Morro

⁸¹ IPPUJ (Org.). **Joinville Cidade em dados 2010/2011**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2011.

⁸² Id. Ibid.

do Amaral agora é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável”⁸³. É possível questionar quais as implicações provenientes dessa mudança de Parque Municipal para Reserva de Desenvolvimento Sustentável? O que essa mudança significa para os moradores do Morro do Amaral? Para responder a essas perguntas é importante primeiro expor legalmente o que cada categoria significa. Segundo a LEI Nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 exposta no Código Florestal, os Parques Nacionais, Estaduais e Municipais são criados

com a finalidade de resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos; Florestas Nacionais, Estaduais e Municipais, com fins econômicos, técnicos ou sociais, inclusive reservando áreas ainda não florestadas e destinadas a atingir aquele fim. Parágrafo único. Fica proibida qualquer forma de exploração dos recursos naturais nos Parques Nacionais, Estaduais e Municipais. Parágrafo único. Ressalvada a cobrança de ingresso a visitantes, cuja receita será destinada em pelo menos 50% (cinquenta por cento) ao custeio da manutenção e fiscalização, bem como de obras de melhoramento em cada unidade, é proibida qualquer forma de exploração dos recursos naturais nos parques e reservas biológicas criados pelo poder público na forma deste artigo⁸⁴.

Na categoria de Parque, os moradores não poderiam explorar os recursos naturais e nem modificar os aspectos. Essa condição explica diretamente as queixas e as exigências dos moradores até então não atendidas. Entretanto, o cumprimento da lei não existia e para não criar mais conflitos a situação caminhou até o ponto de se aprovar a atual Reserva de Desenvolvimento Sustentável, que segundo a LEI Nº 9.985 de 18 de julho de 2000

tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações. § 2º A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser, quando necessário, desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. § 3º O uso das áreas ocupadas pelas populações tradicionais será regulado de acordo com o disposto no art. 23 desta Lei e em regulamentação específica. § 4º A Reserva de Desenvolvimento

⁸³ KELLER, Ana. **Morro do Amaral agora é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<http://www.joinville.sc.gov.br/noticia/1503-Morro+do+Amaral+agora+é+uma+Reserva+de+Desenvolvimento+Sustentável.html>>. Acesso em: 6 jul. 2012.

⁸⁴ BRASIL Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Novo Código Florestal. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4771impressao.htm>. Acesso em: 20 jan 2013.

Sustentável será gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade. § 5º As atividades desenvolvidas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável obedecerão às seguintes condições: I - é permitida e incentivada a visitação pública, desde que compatível com os interesses locais e de acordo com o disposto no Plano de Manejo da área; II - é permitida e incentivada a pesquisa científica voltada à conservação da natureza, à melhor relação das populações residentes com seu meio e à educação ambiental, sujeitando-se à prévia autorização do órgão responsável pela administração da unidade, às condições e restrições por este estabelecidas e às normas previstas em regulamento; III - deve ser sempre considerado o equilíbrio dinâmico entre o tamanho da população e a conservação; e IV - é admitida a exploração de componentes dos ecossistemas naturais em regime de manejo sustentável e a substituição da cobertura vegetal por espécies cultiváveis, desde que sujeitas ao zoneamento, às limitações legais e ao Plano de Manejo da área⁸⁵.

Essa mudança poderá proporcionar maior evidência aos moradores da região que, a partir de então, poderão explorar os recursos naturais para sustento, amparados por recursos de lei fiscalizados por um Conselho Deliberativo.

Desde 2007 a Fundação Municipal do Meio Ambiente a FUNDEMA vem levantando dados sobre o local, que além da aprovação da recategorização também constatou a presença de “quatro sítios arqueológicos e o tombamento da igreja como patrimônio histórico”⁸⁶. Além dos sambaquis, dos aspectos naturais como o mar, o manguezal, a mata Atlântida, a construção da igreja do Senhor Bom Jesus, também é reconhecido popularmente como Patrimônio Cultural da região a comida típica e a pesca artesanal.

A prática da pesca artesanal na região estava sofrendo interferências de ordem burocrática prejudicando alguns pescadores, para resolver essa situação, em 1999 sob a liderança de Pedro Rosalvo foi instituída a colônia de pesca Z-32, que congrega 180 pescadores profissionais e 120 amadores, tendo como sede o Morro do Amaral. De acordo com Pedro Rosalvo:

Antes da fundação da nossa colônia todas as questões burocráticas da categoria, como emissão ou renovação de carteira de pescador, tinham de ser resolvidas em São Francisco do Sul. Com a instalação da Z-32 diminuímos a distância e estimulamos a organização da nossa categoria⁸⁷.

⁸⁵ BRASIL Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Legislação Federal. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm>. Acesso em: 20 jan 2013.

⁸⁶ Id. Ibid.

⁸⁷ Id. Ibid.

Em 2005 foi criada a Festa do Pescador, que segundo relato de seu idealizador Pedro Rosalvo, “o objetivo de mostrar a qualidade dos pescados e da gastronomia da nossa ilha onde a pesca continua sendo importante meio de sustento de muitas famílias”⁸⁸. Dentre as iguarias oferecidas na festa, estão: o espetinho de camarão à milanesa, tainha recheada, marisco, peixe frito, ostra, camarão ao bafo, ao alho e óleo. Além da culinária, apresentam-se também as tradições do folclore açoriano, como Boi-de-Mamão, Pau-de-Fita, São Gonçalo, puxada de rede e fandango recortado⁸⁹. Infelizmente a Festa do Pescador não está sendo mais efetuada.

Em tom de alerta Pedro Rosalvo pode estar indicando uma das causas para as dificuldades com relação ao turismo e o comércio na região que poderá ser sanada diante da aprovação da categoria de Reserva de Desenvolvimento Sustentável:

Aqui temos alguns problemas, dentre os quais o mais grave é o alagamento do acesso viário em dias de maré de lua. Perto da ponte que liga a ilha ao continente, a estrada chega a ficar coberta com uma lâmina de água de quase um metro de altura, provocando a interrupção do trânsito. Para piorar, quando os visitantes conseguem sair, seus carros ficam lambuzados de água salgada e em pouco tempo são atacados pela ferrugem. Isso é muito ruim, pois muita gente que já enfrentou esse problema nunca mais veio aqui para comprar peixes e frutos do mar. Se a prefeitura fizer um aterro para levantar a estrada, a pesca artesanal do Morro do Amaral ficaria fortalecida e toda a comunidade sairá ganhando⁹⁰.

Como relatado até aqui, a história do Morro do Amaral apresenta “ecos” que chegam até nós em momentos, enfraquecidos e em momentos fortalecidos. Esses “ecos” são memórias que interferem no Imaginário. Uma discussão entre categorias, recategorias, moradores, política, tombamento e Patrimônio Cultural. Esse último de nosso interesse deve ser compreendido conceitualmente para poder facilitar a análise sobre a relação dos moradores da região destacada nos discursos dos jovens entrevistados.

⁸⁸ FRANCK, Loreni. **Um mar de peixes e histórias no Morro do Amaral**. Disponível em: <<http://nonline.com.br/mobile/plural/1849-um-mar-de-peixes-e-histaorias-no-morro-do-amaral.html?id=1849>>. Acesso em: 7 dez. 2012.

⁸⁹ GERAL AN Cidade. Atrações para dar água na boca. **Jornal A Notícia**, Joinville, 9 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.an.com.br/ancidade/2007/jun/09/3ger.jsp>>. Acesso em: 7 dez. 2012.

⁹⁰ FRANCK, Loreni. 2012.

Cabe ressaltar que o tratamento dado às questões do Morro do Amaral até então pela imprensa mostra apenas uma parte da história e que cumpre um recorte apropriado àquilo pelo qual se deseja revelar. Não há como estabelecer uma discussão ampla apenas por esse intermédio, não é essa a questão principal do trabalho, no entanto, serve de estopim para compreender traços da história que se ligam aos pormenores da nossa investigação.

Mediante esses pormenores envolvendo a região do Morro do Amaral, entendemos como Patrimônio Cultural tudo aquilo que, direta ou indiretamente constitui uma riqueza à humanidade transmitida de geração à geração nos moldes da Cultura, proporcionando uma ligação entre passado e presente. Segundo definição da UNESCO

o patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade. O que faz com que o conceito de Patrimônio Mundial seja excepcional é sua aplicação universal. Os sítios do Patrimônio Mundial pertencem a todos os povos do mundo, independentemente do território em que estejam localizados⁹¹.

Relacionado ao conceito de Patrimônio Cultural estão os bens materiais, sendo “aqueles que possuem um suporte material de grande valor e significado, incorporado ao valor simbólico do bem tal como uma imagem, uma igreja, uma cidade, uma serra, um jardim, um sítio arqueológico etc”⁹². Ao conceito da UNESCO um Patrimônio Cultural se projeta na humanidade e não apenas para uma região ou grupos de pessoas ao atingir o simbólico através de significantes.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN entende o Patrimônio Cultural em duas esferas, material e imaterial. O Patrimônio Cultural imaterial é visto com o mesmo conceito da UNESCO⁹³ e o material é descrito como

⁹¹ UNESCO. **O Patrimônio:** legado do passado ao futuro. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

⁹² MACHADO, Marília Rangel. O Tombamento e o Inventário como formas de Acautelamento. In: MIRANDA, Marcos Paulo et al. **Mestres e Conselheiros:** manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural. Belo Horizonte: IEDS, 2009, p. 50.

⁹³ IPHAN. **Patrimônio imaterial.** Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos⁹⁴.

Marília Rangel Machado destaca o Patrimônio Cultural sob os bens imateriais que são:

os saberes enraizados no cotidiano das comunidades, as celebrações como rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; as formas de expressão tais como as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; os lugares tais como os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas⁹⁵.

O Patrimônio Cultural no estado de Santa Catarina respeita os conceitos da UNESCO e do IPHAN de acordo com o que

a Constituição Federal Brasileira estabeleceu em seu artigo no 216, "Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira"⁹⁶.

Nesse sentido, a exposição conceitual de Patrimônio Cultural abrange tanto os bens materiais como os bens imateriais e indica um todo correspondente a expressão cultural através de práticas envolvendo a manifestação subjetiva significativa nos monumentos, arquitetura, música, literatura, dança, rituais, locais etc.

Com o decorrer dos tempos, a história foi acelerando alguns processos envolvendo o Patrimônio Cultural, fato observado por Le Goff, que destaca uma disposição dos "países industrializados a ligarem-se nostalgicamente às suas raízes:

⁹⁴ IPHAN. **Patrimônio material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

⁹⁵ MACHADO, Marília Rangel, 2009, p. 50.

⁹⁶ SANTA CATARINA, Patrimônio Cultural. **Conceito de Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://www.alquimidia.org/patrimoniocultural4/index.php?mod=pagina&id=4390>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

daí a moda *retro*, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações⁹⁷.

Para Hartog quando o passado fala, estabelece lugares, sendo esses

lugares de patrimônio urbano para construir a identidade escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada, depois mostrada, em torno da qual se organiza, em todos os sentidos da palavra, a “circulação”⁹⁸.

Sendo assim, os patrimônios se multiplicam à medida que há necessidade de restaurar posições, reviver memórias e barrar a passagem do tempo através da tentativa de cristalizar épocas, a patrimonialização.

Ao falar sobre essa questão, Candau destaca que

a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa⁹⁹.

A relação que cada um estabelece com o passado permite que o Patrimônio Cultural seja um desencadeador de crises e rupturas que resultarão dialeticamente num “devir” constante envolvendo um movimento uniforme entre memória e identidade.

Sabemos que a parte da história que apresentamos remonta o ponto de vista de um jornalista e historiadoras da década de 1990 e que se caracteriza como algo de fora destacando o “isolamento” em relação a que? Ponderamos esse ponto de vista, mas entendemos que a discussão pode ir para além, porque Joinville é litoral, mas é esquecido, o Morro do Amaral era litoral de São Francisco e remonta a chegada de imigrantes no século XIX. Poderíamos então conjecturar que a patrimonialização inicia sobre os modos de viver historicamente construídos, nesse sentido, essa é uma necessidade de quem?

A relação estabelecida com o Patrimônio Cultural, a Cultura passada de geração a geração e possíveis mudanças podem ser teoricamente ressignificadas levando em conta as contribuições da Psicologia no campo da subjetividade. Afinal o

⁹⁷ LE GOFF, Jacques. 1992, p. 221.

⁹⁸ HARTOG, François, 2006, p 268.

⁹⁹ CANDAU, Joël. 2011, p. 16.

que se entende por Cultura se não um relacionamento íntimo com aquilo que proporciona um sentido direto aos aspectos do cotidiano inerente a construção subjetiva de cada indivíduo em uma coletividade? Diante de tantas discussões, em alguns momentos aparecem, em meio ao imbróglio conceitual, discursos ideológicos em prol da fronteiriça separação entre aquilo que deveria unir pela liberdade de ser o que realmente se é, ou oportunizar ser o que realmente se deseja ser.

O conceito de Cultura na sua mais áurea morfologia muitas vezes é ignorado em prol das questões que derivam das variáveis ideológicas, evitando isso, e chamando a atenção para o sentido das relações sociais do cotidiano, consideramos o que o Professor da Universidade Federal da Bahia Paulo César Alves¹⁰⁰, pesquisador em Cultura e Sociedade, nos diz:

Embora a palavra “cultura”, tal como entendemos atualmente, tenha sido criação do século XVIII, seu significado é antigo. Etimologicamente, vem do latim “*colere*”, que significa o cuidado dispensado no campo, ao gado, ao “cultivo agrícola”. Dentro dessa concepção semântica, o termo “cultura” designa, até o século XIII, um estado da terra cultivada (algo, portanto, que já está dado) para, aos poucos, passar a se referir à ação de cultivar a terra (algo que está em processo). Nos fins do século XVI, começam a aparecer algumas mudanças semânticas do termo. Cultura alarga o seu significado e passa a ser usada para se referir ao cultivo da língua, da arte, das ciências. Nos meados do século XVIII, com sentido bastante expandido, designa o patrimônio universal dos conhecimentos e valores humanos.

Nesse sentido, a Cultura torna-se fragmentada a ponto de, no senso comum, ser discutida como o acúmulo de conhecimento, afinal é isso que nos ensinam sobre alguém “culto”. A soma das experiências, a reunião das habilidades e a organização dos saberes passam a ser a busca dos intelectuais. Ao inserir essa ideia, cria-se uma explicação para justificar, por exemplo, o sucesso ou o fracasso na educação através dos discursos da Carência Cultural.

Até então, essa questão do conhecimento, precisamente a sua falta, esteve fortemente ofuscando outras possibilidades de compreensão, fazendo com que, uma ideia muito parecida com o “sonho adâmico” descrito por Orlandi¹⁰¹ não levasse em consideração que a apropriação do conhecimento não é o suficiente para resolver

¹⁰⁰ ALVES, Paulo César. Origens e Constituição científica da cultura. In: _____ (org). **Cultura: múltiplas leituras**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 23,24.

¹⁰¹ ORLANDI, 2010, p. 35.

essa questão. Em trocas conceituais sobre o tema Juventudes¹⁰² foi possível romper com essa percepção tendenciosa pelo simples fato de analisar a inoperância do conhecimento em prevenir erros e de evitar equívocos. Ficou claro a partir de então que se o conhecimento salvasse, as adolescentes não engravidariam por “acidente”, que os jovens não experimentariam drogas, todos usariam camisinhas, ninguém dirigiria embriagado num mundo em que a informação e a educação para tudo está muito disponível.

Para pensar a questão de memória e identidade dos jovens torna-se urgente considerar a percepção de si e do outro numa perspectiva envolvendo Diversidade Cultural e Desigualdade Social. A relação que proporciona sentido vai além de uma educação patrimonial informativa sobre os bens culturais locais, mas também é importante e necessário destacar nessa análise o fato de que a memória proporciona ao mesmo tempo modelar-nos e se deixar modelar por nós. “Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam um na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”¹⁰³.

No entanto, quando se estabelece critérios para diferenciar Culturas no sentido de maior ou menor, boa ou ruim, mais ou menos, naquilo que se pode dizer como maniqueísta cravam-se fronteiras que instigam e seduzem ao desbravamento pelo domínio, pela imposição daquilo que se tem como verdadeiro e melhor contra o inferior, arcaico e inócuo. Segundo Edgar Morin¹⁰⁴, isso não apenas cria uma nova fratura social, mas também uma fratura intelectual entre essa elite e os rejeitados”¹⁰⁵. De acordo com Zygmunt Bauman¹⁰⁶ o processo de “autoformação de elite letrada ou esclarecida (que agora se distingue por seus ‘modos civilizados’, com

¹⁰² Esse rompimento foi proporcionado pelas pesquisas e “provocações” da Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera em discussões com o grupo de pesquisa liderado por ela entre os Mestrados em Educação e Patrimônio Cultural.

¹⁰³ CANDAU, 2011, p. 16.

¹⁰⁴ MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade a identidade humana**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

¹⁰⁵ Id. Ibid. p. 237

¹⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. Cultura e identidade. In: _____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

suas duas faces de refinamento espiritual e adestramento corporal) foi ao mesmo tempo, um processo de formação orientada das ‘massas’¹⁰⁷.

Homi Bhabha¹⁰⁸ chama isso de “fixidez, como signo da diferença cultural histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca”¹⁰⁹. Sendo assim, o discurso colonial, realçado por Bhabha, diz respeito a uma população com tipos entendidos como degenerados que servem para justificar o fato de serem conquistados. Uma fronteira que separa Culturas e fortalece o domínio que se estabelece pelo consumo. Sendo assim,

não é possível ver como o poder funciona produtivamente enquanto estímulo e interdição. Tampouco seria possível, sem a atribuição de ambivalência às relações de poder/saber, calcular o impacto traumático do retorno do oprimido – aqueles aterrorizantes estereótipos de selvageria, canibalismo, luxúria e anarquia que são os indicadores de identificação e alienação, cenas de medo e desejo, nos textos coloniais¹¹⁰.

Não estamos supondo aqui que exista uma relação colonial entre os outros bairros de Joinville e o Morro do Amaral, no sentido vertical entre um colonizador dominante e um colonizado dominado. Ao contrário, levantamos a hipótese que existe no imaginário social um reconhecimento mais nobre e mais desejável dos lugares urbanizados e com mais acesso aos bens culturais, especialmente aqueles relacionados à comunicação, em detrimento dos locais mais remotos, de difícil acesso e menos industrializados. São valores que, nas relações de construção de pertencimento e identidades, acabam alavancando desejos e demandas do presente.

É possível pensar que a abertura do acesso ao continente na década de 1970 proporcionou uma mudança significativa na vida cotidiana dos moradores do Morro do Amaral. A prática da pesca foi substituída por emprego na cidade, assim como, o início de uma busca incansável entre manter o sossego, suprir necessidades

¹⁰⁷ Id. Ibid. p. 49.

¹⁰⁸ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

¹⁰⁹ Id. Ibid. p. 105.

¹¹⁰ Id. Ibid. p.114.

tecnológicas e ser aceito por suas próprias características. Como será possível avançar nessa fronteira de Culturas?

Tensões são estabelecidas a partir de então envolvendo identificações pelo trabalho de reapropriação e negociação entre passado e presente para se chegar a individualidade através de mudanças, crises e rupturas¹¹¹. Nesse sentido

diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção de realidade etc¹¹².

Como metáfora do “colonialismo” de Bhabha que impõe aquilo que se tem valor, isto é, aquilo que merece ser comercializado. Além de invadir, esse local de fala se apropria de bens culturais em prol do discurso Cultural. Sob essa ótica, podemos aventar um movimento para aquilo que necessariamente instiga a noção de ausência, ou de um desejo nunca alcançado. Terry Eagleton¹¹³ ao discorrer muito bem sobre a ideia de Cultura retoma Eliot para dizer que tudo isso caracteriza algo que nunca poderá ser compreendido por estar na ordem do inconsciente. Parafraseando Eliot, ele diz que a Cultura é “o modo total de vida de um povo, do nascimento ao tumulto, da manhã até a noite e mesmo durante o sono”¹¹⁴.

Podemos inserir nessa discussão, e com a mesma ideia de dominação através das fronteiras culturais estabelecidas, uma identidade em busca de segurança numa perspectiva de coletividade. Bauman nos diz que essa

identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre “eles” – os estranhos, os adversários, os outros hostis, construídos simultaneamente ao “nós”, no processo de autoafirmação. “Nós” devemos ser poderosos, ou a identidade social não será gratificante”¹¹⁵.

¹¹¹ CANDAU, 2011.

¹¹² ORLANDI, 2010, p. 21.

¹¹³ EAGLETON, Terry. Rumo a uma cultura comum. *In*: _____ **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

¹¹⁴ *Id.* *Ibid.* 161.

¹¹⁵ BAUMAN, Zygmunt, 2012, p. 47.

Percebe-se nessa ideia tensional a existência de um jogo entre Culturas, entre os hábitos e valores, e aquilo que se tem como a tradição do Morro do Amaral e dos outros lugares, um exercício de poder através de marcas urbanas que acabam por funcionar como uma Cultura de massificação e desigualdade. Uma identidade que traz segurança por estar em “toda parte”. A noção ilusória de se sentir “em casa” mesmo estando longe de seu contexto, uma confusão estabelecida.

O sentimento desencadeado por esse domínio faz com que as pessoas sintam-se o todo ilusório e não mais a parte desse todo. A possibilidade de se apropriar daquilo que é comum à grande maioria das pessoas de uma forma rápida e facilitada faz com que a noção de tempo e espaço seja descaracterizada e preterida por uma ideia global e atual de um valor material de necessidade identitária de aceitação. Stuart Hall¹¹⁶ chama a atenção para o fato de que

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”¹¹⁷.

Essa supervalorização da atualidade, do desenvolvimento, das tecnologias da vida urbana, pode explicar o fato de que torna-se necessário vez por outra chamar a atenção para a história, chamar a atenção para o contexto histórico que trouxe o homem até aqui. Talvez essa seja a explicação para a criação de leis de preservação do Patrimônio Cultural como forma de chamar a atenção para um bem coletivo esquecido, desvalorizado, preterido por desejos que podem ser concretizados somente no aqui-e-agora. Mas parece que só a criação dessas leis não está sendo suficiente, porque falamos de relação, de significação em termos de aceitação e satisfação de desejos ainda não compreendidos.

A relação com o Patrimônio Cultural nessa perspectiva mostra os dois lados da moeda, ou se valoriza ou se desconsidera. O sentido da “relação”, do “entre” que se constitui como o vazio, isto é, sem significado, pois não significa nada a não ser

¹¹⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹¹⁷ Id. Ibid. p. 75.

que de uma forma ou de outra esteja inserido na visão global instantânea e lucrativa do aqui-e-agora.

Essa óptica de percepção nos instiga a entender uma parte da Cultura e Turismo, que ao mesmo tempo, que apresenta a história através da visitação aos locais de Patrimônio Cultural, quer tangíveis, quer intangíveis, também lucra. Sendo assim, destacam-se cidades, vilarejos, países etc. como roteiros de Cultura sobrepostos aos que não apresentam essa atratividade aos turistas dessa elite que Morin afirma viver “num mundo onde só é real o quantificável; crê dirigir a locomotiva irresistível do progresso; ignora qualquer outra virtude que não seja a da gestão das sociedades desenvolvidas, das inovações tecnológicas, da racionalidade do mercado”¹¹⁸.

Para ilustrar essa questão, propomos um recorte do indivíduo hologramático de Morin:

Assim, um europeu de classe média desperta, todas as manhãs, em contato com os acontecimentos do mundo, ouvidos em seu rádio japonês; terremotos, atentados, conferências internacionais, descobre tudo isso enquanto toma um chá do Ceilão ou um arábica da América Latina; veste seu blusão, sua cueca e sua camisa de algodão do Egito ou da Índia; casaco e calça em lã da Austrália; tratados em Manchester e depois em Roubaix-Tourcoing; ou um blusão de couro vindo da China e um jeans estilo USA. Usa relógio suíço ou japonês, óculos com armação em tartaruga equatorial, carteira em pele de javali das Antilhas ou de réptil africano. Pode ter um carro coreano, comer, no inverno, morangos e cerejas da Argentina ou do Chile, feijões verdes frescos do Senegal, abacates ou abacaxis da África, melões de Guadalupe. Pode beber, conforme o seu gosto, rum da Martinica, vodca russa, tequila mexicana, Bourbon americano, malte escocês. Pode ler jornais de diversos continentes; a televisão a cabo fornece-lhe informações, em diversas línguas, de todo o planeta. Pode ler romances traduzidos do japonês, do chinês, do albanês, ver filmes de todos os continentes, ouvir música do mundo inteiro, inclusive a *world music*, escutar Bach interpretado por um violoncelista coreano, assisti em vídeo à La Bahème, na qual a negra Barbara Hendrix e o espanhol Plácido Domingo encarnam dois apaixonados parisienses. Enfim, o computador lança-o, à vontade, em todos os pontos do globo¹¹⁹.

Esse “indivíduo hologramático” está mais para a experimentação do aqui agora, sentindo uma sensação de presente/futuro do que para o presente/passado. Huyssen fala do tempo e espaço “como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligadas entre si

¹¹⁸ Id. Ibid, p. 237.

¹¹⁹ MORIN, Edgar, 2002, p. 229, 230.

de maneiras complexas e a intensidade dos desbordantes discursos da memória”¹²⁰. Huyssen realça todo esse movimento de conectar ao mesmo tempo passado/presente/futuro como um medo inconsciente de se perder a memória num movimento constante de identificação tecnológica para dar conta disso.

As dimensões e os resultados que uma ação pode causar nesta perspectiva, podem ser refletidos em um evento ocorrido em 2012 envolvendo uma mulher espanhola de 81 anos de idade que chamou a atenção de uma boa parte da mídia mundial por tentar restaurar um afresco do século XIX do obscuro pintor García Martínez (1858-1934) que em seu resultado descaracterizou por completo a imagem. Essa atitude acabou repercutindo de uma forma polêmica, pois as críticas relevam a intenção da idosa e também o produto da ação que veio a ser modelo de uma resignificação moderna do passado?

Essa notícia veio tomar conta das redes sociais na internet durante uma semana inteira sendo inclusive tema de curiosas montagens sobre personalidades e quadros consagrados¹²¹. Mas o que chama mesmo a nossa atenção é que a Igreja de Borja, numa cidadezinha perto de Zaragoza na Espanha passou a ser procurada por uma multidão de pessoas que queriam ver pessoalmente o tal afresco modificado. Em apenas alguns dias, tanto a idosa como a Igreja passaram a ser conhecidas por quem está “ligado” no global, esse indivíduo hologramático. O artista passou a ser conhecido, “Ecce Homo”¹²² passou a ser foco das atenções midiáticas e a região passou a ser visitada e “valorizada” turisticamente.

O fato de ser notícia e estar acessível ao indivíduo hologramático por uma situação incomum, muitas pessoas que sequer tinham consciência da existência de tal obra passaram a conhecê-la. Essa conexão entre passado/presente/futuro pelos meios tecnológico poderá estar mostrando identidades constituídas através de memórias coletivas num processo de modelagem de uma nutrição mutuamente

¹²⁰ HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 10.

¹²¹ Pode-se ter acesso a uma parte do que foi compartilhado nas redes sociais em: <<http://tecnologia.uol.com.br/album/2012/08/23/pintura-de-jesus-desfigurada-por-idosa-vira-monalisa-mr-bean-e-teletubbie.htm>> Acesso 28 set 2012.

¹²² Ecce Homo em latim quer dizer Este é o homem, título do quadro do pintor Elias Garcia Martinez, um artista pouco expressivo. Essa obra é avaliada pelos especialistas como de pouca importância, sem valor comercial.

produzindo uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa, como nos diz Candau¹²³?

Todo esse turbilhão desencadeado despertou a atenção para uma Cultura tida por “menor”, isto é, sem relevância atualmente no âmbito global lucrativo, porém é pertinente destacar a estratégia descrita por Eagleton por trás desse fato, que pode-se dizer, aconteceu inconsciente, “já que é astuto o suficiente para reconhecer que nenhuma cultura minoritária sobreviverá a menos que lance rebentos complexos na vida popular”¹²⁴. É justamente essa a explicação para tal repercussão, quando uma notícia inédita invade a “vida popular”, pois o que se tem como corriqueiro não chama mais a atenção da massa. Uma estratégia inconsciente que deu certo.

A exposição conceitual de Patrimônio Cultural abrange tanto os bens materiais como os bens imateriais e indica um todo correspondente a qualquer expressão cultural através de qualquer prática envolvendo a manifestação subjetiva significativa nos monumentos, arquitetura, música, literatura, dança, rituais, locais etc. Mas exige uma estratégia inédita, que proporcione romper com o simples.

É dito que com o decorrer dos tempos a história foi acelerando alguns processos envolvendo o Patrimônio Cultural, fato observado por Le Goff¹²⁵, que destaca uma disposição dos “países industrializados a ligarem-se nostalgicamente às suas raízes: daí a moda retro, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações”¹²⁶.

Ao dar voz ao passado por qualquer que seja a iniciativa, cravam-se estacas de locais demarcados que serão significados e resignificados, levando em conta “auras” ou não, com lucros materiais ou não, pois esses

lugares de patrimônio urbano para construir a identidade escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada, depois mostrada, em torno da qual se organiza, em todos os sentidos da palavra, a “circulação”¹²⁷.

¹²³ CANDAU, 2011.

¹²⁴ EAGLETON, Terry, 2005, p. 165.

¹²⁵ LE GOFF, Jacques. 1992.

¹²⁶ Id. Ibid. p. 221.

¹²⁷ Id, Ibid.

Ao falar sobre essa questão, Candau¹²⁸ chama a atenção para o estabelecimento da memória que “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”¹²⁹, pois para isso é preciso esquecer para lembrar. A relação que cada um tem com o passado permite que o Patrimônio Cultural seja um desencadeador de crises e rupturas que resultarão dialeticamente um “devir” constante envolvendo um movimento uniforme entre memória e identidade.

Portanto, em uma época em que a Cultura é vista pelo mundo do capital como algo rentável e que se caracteriza como melhor ou pior, tem-se a possibilidade diversa de que a qualquer momento aspectos tidos como refutável e obsoleto se torne atrativo e disseminado. As favelas são oferecidas como roteiro cultural, os turistas consomem uma Cultura globalizada. O desejo de ver o que todos veem torna a procura pela Cultura como uma proposta para a identidade coletiva de se sentir atual.

Ao propor uma discussão da Intercultura o desafio está em transcender tudo aquilo que caracteriza extremos maniqueístas e capitalistas para trocar conhecimentos, valorizar o diferente, incentivar a preservação e disseminar as várias possibilidades de compartilhar e não excluir ou separar por juízos de valores preestabelecidos por ideologias alienantes de dominação. Significar e ressignificar são tão importantes quanto valorizar e disseminar a Cultura em todas as suas possibilidades de discussões Interculturais.

Ao expor o conceito de Patrimônio Cultural e analisar os aspectos históricos do Morro do Amaral, realçando aquilo que se tem como riquezas naturais e culturais na região, como seria possível estabelecer uma linha de compreensão envolvendo a relação que os moradores têm com esse Patrimônio Cultural? Fazendo uma ligação com a Psicologia, especialmente com a Psicanálise, nos propusemos desenvolver tópicos conceituais para estruturarmos nossa linha de raciocínio de acordo com o desenvolvimento psíquico que o sujeito constrói no decorrer da sua vida, entre aquilo que internaliza em termos psíquicos e aquilo que concretiza em termos de comportamento.

¹²⁸ CANDAU, Joël. 2011.

¹²⁹ Id. Ibid. p. 16

2. RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA

Toda relação estabelecida traz consigo conteúdos subjetivos, isso só é possível porque entendemos que cada pessoa se inscreve única e ao mesmo tempo semelhante no mundo, ou seja, ao mesmo tempo em que somos diferentes no modo de pensar, agir, falar, se expor, somos semelhantes na maneira e na capacidade de projetar nossos conteúdos nas diversas relações do cotidiano. O viver em sociedade nos faz confluír para nos tornar aceitáveis através da adaptação a uma comunidade regimentada para uma satisfação coletiva. Ao escrever *O Mal-Estar na Civilização*, Freud¹³⁰ afirma que

a vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isoladamente e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como “direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato dos membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. A primeira exigência da civilização, portanto, é a justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo¹³¹.

Viver em sociedade e se submeter às leis convencionadas coletivamente muito outrora à sua existência, só passa a ter sentido (na óptica psicanalítica) para o sujeito quando no decorrer das fases de seu desenvolvimento psíquico consegue se ver descolado do Outro, nesse caso da mãe, se percebendo como “Eu” e com condições, a partir de então, de estabelecer identidades. Ao explicar esse movimento em seu livro didático sobre as teorias da Psicologia Ana Bock, Odair Furtado e Maria Thassi comentam:

Eu passo a ser alguém quando descubro o outro e a falta de tal reconhecimento não me permitiria saber quem sou, pois não teria elementos de comparação que permitissem ao meu eu destacar-se dos outros eus. Dessa forma, podemos dizer que a identidade, o igual a si mesmo, depende da sua diferenciação em relação ao outro¹³².

¹³⁰ FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

¹³¹ Id. Ibid. p. 49.

¹³² BOCK, Ana Mercês, FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Thassi. Op. cit., p. 204.

Se essa diferenciação é importante enquanto base para estabelecimento de identidades e conseqüentemente proporcionar um relacionamento social adaptativo, respondente as convenções, apresentamos a seguir, sem estabelecer intenso aprofundamento conceitual (pois não é essa nossa proposta), as fases de desenvolvimento que permitem ao sujeito essa condição de atuar de forma consciente ou não diante de tudo aquilo que enfrenta no cotidiano pelos quais implicam em responsabilidades representadas em comportamentos ou discursos.

Propomos a compreensão da relação entre sujeito e Patrimônio Cultural a partir da explanação teórica das fases de desenvolvimento, sendo elas, a Simbiose, o Complexo de Édipo e O jogo do Espelho. Ao fazer a ligação entre cada fase com o Patrimônio Cultural significado no cotidiano, o conceito de Sintoma conclui a ideia sob a ótica do Fenômeno Social, no sentido de resposta do sujeito às exigências sociais e não de grupo, como algo que é percebido *a priori*, mas que representa uma causa escamoteada em comportamentos.

2.1. Simbiose: O pensar terceirizado

A Simbiose é a fase mais primitiva e intensa experimentada por todas as pessoas. Trata-se dos primeiros meses após o nascimento e constitui um momento de extrema relação entre mãe-bebê num sentimento de completude e encantamento, onde não há noção de espaço e tempo a ambos.

Para Margaret Mahler¹³³ o conceito de Simbiose consiste na “característica da vida cognitiva-afetiva primitiva, na qual a diferenciação entre o self e a mãe não aconteceu, ou onde ocorreu uma regressão ao estado de indiferenciação Self-objeto (que caracteriza a fase simbiótica)”¹³⁴. Trata-se de um momento em que o bebê exerce uma relação extremamente única com a mãe a ponto de não ter a noção de existir por si só. Nesse sentido, é comum que as características subjetivas da mãe

¹³³ MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O nascimento psicológico da criança: Simbiose e Individuação**. Tradução Jane Araujo Russo. Porto Alegre: Artmed, 1993.

¹³⁴ Id. Ibid. p. 20.

sejam reproduzidas pelo comportamento do bebê. O bebê vive a vida da mãe, a ponto de a mãe discernir e interpretar todas as suas necessidades, suprimindo-as.

O estado simbiótico consiste em uma sensação de completude onde não há necessidade de tomar ação por si só. A relação mãe-bebê estabelece um mundo a parte de satisfação mútua. Uma unicidade necessária para ambos com o fim de estabelecer as bases do vínculo. Essa relação proporciona uma sensação atemporal e irreal para as demais pessoas, porque diz respeito apenas a relação mãe-bebê.

O psicanalista francês Joël Dor¹³⁵ chama essa relação de “relação fusional, na medida mesma em que nenhuma instância exterior é suscetível de poder mediatizar seus móveis do desejo”¹³⁶. Trata-se então de uma esfera bloqueada aos conteúdos terceiros¹³⁷ que por conta disso são incapazes de representar algum significado, porque nesse momento está estabelecida uma relação que permite compreender dois seres em uma pessoa, a mãe. Os conteúdos terceiros nesse sentido dizem respeito a tudo que venha diferente da mãe e que para o bebê não faz sentido por ser ele mesmo a própria mãe.

Parece haver nessa relação uma pequena continuidade externa daquilo que por 9 meses tinha se estabelecido internamente. Porém, é preciso que ao final dessa fase tal vínculo seja rompido para que a díade seja posicionada de acordo com os critérios do Real num processo de diferenciação/separação e constituinte psíquico de self e de papéis. Isso só será possível com a entrada de um terceiro nessa relação através da permissão discursiva da mãe ao bebê, isto é, o ingresso de mais um nessa relação deve ser efetuado pelo discurso da mãe ao direcionar o bebê a alguém que seja capaz de romper com esse estado de encantamento.

É interessante notar que nessa relação simbiótica quem está no “comando” é a mãe, mesmo inconsciente, ela determina quando a separação deve acontecer

¹³⁵ DOR, Joël. **O Pai e sua função em Psicanálise**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

¹³⁶ Id. Ibid. p. 46.

¹³⁷ É importante destacar aqui o significado triplo da expressão “terceiro”, que (1) pode ser tudo aquilo que seja fora da relação simbiótica mãe-bebê e que não tem qualquer sentido ou poder nesse momento; (2) pode ser a figura paterna que só terá sentido e poder ao bebê quando a mãe permitir sua entrada na relação através do discurso e (3) aquilo que será discorrido como uma força ideológica fora do sujeito que faz com que reproduza conteúdos alheios sem a consciência do real sentido por não ter concretizado uma posição crítica sobre, repetindo, só que dessa vez não numa relação simbiótica primária e sim secundária, a experiência em que a mãe pensava e agia por si.

através da permissão ao terceiro. O psicanalista Philippe Julien¹³⁸, ao falar sobre isso explica que

a mãe não é toda-mãe, mas primeiro e ainda mulher. Por uma parte de si mesma, a mãe enquanto mulher marca para o filho um lugar em posição terceira. [...] para o filho só há lugar para um pai por sua fé na fala que sua mãe lhe transmite. [...] para o filho ou para a filha, um homem é pai na medida em que recebe este lugar do desejo de sua mulher¹³⁹.

A medida que a presença de um terceiro entra na relação, alguém que faça a função paterna¹⁴⁰, implica em tirar a mãe juntamente com seu bebê do estado irreal de simbiose, aquilo que constitui um mundo platônico. O bebê passa a partir de então reconhecer-se como diferenciado, ou seja, constitui-se como diferente da mãe, pois nesse momento a presença de um terceiro na relação faz com que o “encanto” seja desfeito desencadeando frustração e estabelecendo a noção de realidade. Pode-se dizer então que a realidade é percebida através da frustração de se perder o objeto de desejo para um Outro que é mais forte, sendo assim, todo esforço que o sujeito passa a fazer a partir de então é motivado inconscientemente pelo desejo infinito de retornar ao estado perdido.

Ivan Ward¹⁴¹ ao escrever sobre castração na coleção sobre os Conceitos da Psicanálise discute quatro aspectos resultantes desse processo de separação pela presença do terceiro, sendo eles:

(1) a muito falada instauração de um objeto fantasmático dentro da mente que toma o lugar do objeto perdido ao mundo exterior; (2) uma mácula emocional mais ou menos grave, sobre a qual se realiza o crescimento futuro, e (3) um nó de angústia no interior da pessoa. O quarto resultado é a crescente complexidade emocional e estrutural da mente¹⁴².

Ivan Ward destaca o quarto aspecto como sendo estabelecido a partir do movimento entre Imaginário e o Simbólico de Lacan no processo de “triadificação”

¹³⁸ JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

¹³⁹ Id. Ibid. p.48.

¹⁴⁰ A Função Paterna constitui uma posição que faz a separação da relação fusional/simbiótica entre mãe-bebê. A *priori* essa função é identificada por Freud como cumprida pelo pai, sendo esse para Lacan, aquele que consegue transmitir à criança as dimensões de ser ao mesmo tempo Pai Real, Pai Simbólico e Pai Imaginário. No entanto, é possível afirmar que a função paterna não necessariamente precisa ser cumprida por um homem ou pelo pai biológico, mas sim por alguém que se faça aparecer como o terceiro na relação e inserido pelo discurso da mãe através do desejo.

¹⁴¹ WARD, Ivan. **Castração**. Tradução Carlos Mendes Rosa. Conceitos da Psicanálise v.7. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

¹⁴² Id. Ibid. p.23.

descrito por Mary Target e Peter Fonagy¹⁴³. Porque a partir do momento em que se rompe com a relação simbiótica apresenta-se a noção do Real longe da sensação de completude outrora vivenciada.

Nesse momento é exigida uma movimentação gradativa para um fim definitivo que é a capacidade de criar identidades e formular concepções autonômicas. Somente alguém que também passou por essa experiência de romper com o vínculo simbiótico através daquilo que a Psicanálise afirma ser a castração¹⁴⁴, pode cumprir com o papel da função paterna e proporcionar tais características tão importantes para a formação subjetiva da autonomia¹⁴⁵.

Aspectos e características da fase simbiótica podem ser vistos e reconhecidos no cotidiano quando tratamos das relações interpessoais e, em nosso caso, em relação ao Patrimônio Cultural. Ao expor as “fases” a Psicanálise não encerra suas peculiaridades como sendo um período de transição pelo qual não se volta mais. Os aspectos desenvolvidos estabelecem estruturas psíquicas que o sujeito levará consigo e que farão a diferença quanto às interpretações e respostas do cotidiano.

Quando propomos um “pensar terceirizado” queremos dizer com isso, que em algum momento, diante de algum conceito ou assunto, alguém “pensa por”, isto é, uma opinião já estabelecida é reproduzida como algo pronto. Como num serviço contratado por uma empresa que está interessada apenas no resultado sem se importar com o processo e muito menos contribuído para isso, é justamente para evitar o labor que se contrata um serviço desses.

O “pensar terceirizado” faz com que o sujeito, inconscientemente, procure um estado de conforto, outrora perdido e pelo qual vive desejando, pois não conseguiu ainda lidar com a frustração de ter que lutar por si só contra aquilo que lhe causa desconforto. Negar o desconforto faz com que não haja trabalho de contestar, por conta disso, não há posicionamento crítico e sim aceitação. Essa reprodução conceitual de pensamentos estabelecidos, em alguns momentos, pode ser

¹⁴³ TARGET, Mary; FONAGY, Peter. Father in Modern Psychoanalysis and Society: The Role of the Father and Child Development”. In: TROWELL, J.; ETCHEGOYEN, A. (Org). **The Importance of Fathers: A Psychoanalytic Reevaluation**. Londres: Routledge, 2002 apud Id. Ibid.

¹⁴⁴ A rigor, castração ou complexo de castração, diz respeito a uma diversidade de crenças e emoções assumidas pela criança em torno da submissão a alguém que lhe prove ter aquilo (falo) de que precisa para assumir sua posição inicial de completude (simbiose), nesse sentido, serve para definir uma identidade sexual.

¹⁴⁵ DOR, Joël, 1991.

observada claramente e em outros momentos velada, por estar dissimulada em ideologias e que só vêm à tona através da observação dos discursos. Eni Orlandi ao discorrer sobre AD nos dá uma ideia de como isso pode acontecer:

[...] toda formação social, no entanto, tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas: há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir” sentidos), tais como o juiz, o professor, o advogado, o padre, etc. Os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos¹⁴⁶.

Nessa dissimulação cotidiana, a figura da mãe extremamente ligada à Simbiose com seu bebê é projetada para outros representantes como bem citados por Eni Orlandi, podendo ser os juízes, os professores, os advogados, os padres, enfim, todos que direta ou indiretamente constituem posições capazes de influenciar por seu poder de decisão e seu modo de formular ideias. A partir de uma aceitação passiva, tais ideias passam a fazer parte daquilo que se tem como verdade pelo simples fato de não haver contestação ou simplesmente compreensão. A posição força a aceitação àqueles que não romperam com a Simbiose em nível psíquico.

Nesse sentido, como podemos estabelecer ligação entre a relação simbiótica e o Patrimônio Cultural? Levando em consideração o fato de tratar-se de algo que por si só traz significados, memórias, identidades e representa uma riqueza da humanidade, também exige ações de preservação em muitos casos impostas por lei. Sendo preciso impor que se preserve um Patrimônio Cultural, também se entende que não é algo visto da mesma forma por todos, que para algumas pessoas não tem tamanho significado a ponto de merecer preservação ou por existir coisas “mais importantes”¹⁴⁷ para defender.

Conhecer um Patrimônio Cultural está na implicação de saber ligar tudo aquilo que lhe convém, conceitos, história, preservação, leis e relação. Nesse sentido entra a Educação Patrimonial, que segundo o IPHAN é toda e qualquer discussão que seja destinada à construir novos conhecimentos, investigar e

¹⁴⁶ ORLANDI, Eni Paccinelli, 2010, p. 10.

¹⁴⁷ Essa questão foi motivo de discussão após visita técnica feita pelos alunos do MPCPS, Turma IV da UNIVILLE ao Sambaqui do Rio Comprido em Joinville/SC. Os moradores da região mostravam pelo comportamento que estavam preocupados em outras coisas do que com a preservação do local.

conhecer melhor, entender e transformar a realidade através do Patrimônio Cultural¹⁴⁸.

É pertinente destacar que entre conhecer, preservar, ser indiferente ou destruir um Patrimônio Cultural está a disseminação ideológica do Patrimônio em nossos dias. François Hartog fala sobre isso expondo que “no curso do período, o patrimônio se impôs como a categoria dominante, englobante, senão devorante, em todo caso, evidente, da vida cultural e das políticas públicas”¹⁴⁹. Essa evidência faz com que se crie um “modismo” que oferece conceitos prontos de um “pensar terceirizado” sobre aquilo que diz respeito a nossa própria história, é por conta disso que Hartog afirma que o “patrimônio se apresenta então como um convite à anamnese coletiva”¹⁵⁰.

Nesse sentido os jovens podem responder a essas questões por intermédio de alguns comportamentos associáveis a um estado simbiótico de um “pensar terceirizado” ou não através de identidades. Nesse sentido, Aberastury e Knobel destacam que com relação a identidade “é necessário integrar todo o passado, o experimentado, o internalizado (e também o rejeitado), com as novas exigências do meio”¹⁵¹. A relação com o atual está intrinsecamente ligada a história de vida de cada um, assim como, a reação às exigências.

Jesús Martin-Barbero¹⁵² um dos estudiosos sobre juventudes, citando o trabalho de Enrique Gil Calvo¹⁵³ fala sobre os “reguladores primários, que são morais e rituais (mitologias, religiões e nacionalismos), que atuam como força centrípeta na união de um grupo, mas que são muito lentos na modificação de condutas, pois operam no passado”¹⁵⁴. Talvez esse seja um dos motivos para entender a relação controversa entre alguns jovens e o Patrimônio Cultural, pois se “vive com uma certa deslocalização temporal; converte o tempo em presente e ativo,

¹⁴⁸ IPHAN. **Educação Patrimonial**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

¹⁴⁹ HARTOG, François, 2006, p. 265.

¹⁵⁰ Id. Ibid. p. 266.

¹⁵¹ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio, 1981, p. 31.

¹⁵² BARBERO, Jesús Martin. A mudança na percepção da Juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. **Cultural juvenis no século XXI**. São Paulo: 2008.

¹⁵³ Enrique Gil Calvo (1985) publicou uma pesquisa sobre jovens na realidade social sobre a diferenciação de três modos de regulação de conduta: reguladores primários, reguladores secundários e os reguladores terciários.

¹⁵⁴ Id. Ibid. p. 14.

numa tentativa de manejá-lo”¹⁵⁵. Por estar longe e não entender os significados, pelo fato de significar pouco e também como forma de evitar labor contrariando e estabelecendo pensamentos, até porque não se tem conhecimento, alguns jovens podem estar alheios ao Patrimônio Cultural.

Os grupos podem fornecer um “pensar terceirizado” e estabelecer uma relação simbiótica, mas no sentido subjetivo identitário o sujeito pode responder de forma autônoma e contrária até mesmo. Isso é caracterizado quando um jovem é percebido em ação no grupo e em outro ambiente sozinho¹⁵⁶. Os interesses do grupo são o que conta e não o individual, tal imposição é o que o sujeito espera para se submeter, pois o desejo visa o retorno ao simbiótico que desencadeia a sensação de falsa proteção.

A reação diante de valores prontos, o cumprimento das leis, a conceitualização de ideias e a reprodução de práticas comportamentais no cotidiano evidenciam as relações simbióticas. Quando interesses, paradigmas, preconceitos ou ideias confabulosas de cunho ideológico de dominação são impostas e disseminadas, provocam um comportamento estanco e passivo sem forças de reação mesmo diante de uma consciência contrária, pois não há como lutar contra aquilo que ainda não foi vencido ainda que provoque revolta.

Entretanto, na constituição do Eu há paradoxalmente uma sujeição, e nesse caso ao que estabelece o rompimento da simbiose e inscreve a frustração, para então se posicionar através de locais que lhe permitem discernir de forma consciente e racional o que lhe apraz. Ao contrário da Simbiose que desenvolve uma relação inconsciente de prazer na dependência, é através da passagem pelo Complexo de Édipo, sendo esta fase que estabelece o posicionamento consciente de um prazer seletivo, ou seja, o sujeito busca suas fontes de prazer para retornar, mesmo que em momentos rápidos, a sensação de completude que tinha com a mãe e que perdeu, que se estabelece posições independentes críticas. É preciso entender os mecanismos que sustentam essa posição para relevar possíveis

¹⁵⁵ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio, 1981, p. 41.

¹⁵⁶ A Psicologia de grupo analisa o comportamento do sujeito no grupo e fora dele. Um exemplo desse fato pode ser dado no comportamento das torcidas organizadas dos times de futebol, o sujeito inserido nesse contexto reproduz o comportamento comum ao grupo, geralmente de forma violenta, porém quando está no cotidiano pode parecer totalmente diferente, a ação do grupo, nesse caso, é a ação do sujeito, é estabelecida uma relação simbiótica na reprodução comportamental.

reações de inércia ou de atividade quanto às exigências, nesse caso, as questões envolvendo o Patrimônio Cultural.

O próximo tópico mostra as implicações envolvendo o estabelecimento do Eu através da metáfora do Complexo de Édipo desenvolvido por Freud, que nos auxiliará a entender aspectos de posicionamento diferentes daquilo que tratamos na simbiose quanto a tornar ideias externas como necessárias para manter uma posição confortável no sentido de dependência.

2.2. Complexo de Édipo: A constituição do Eu

Freud usa o Mito do Édipo¹⁵⁷ para explicar o processo de diferenciação do Eu como superação do estado de Simbiose. Ao reconhecer uma terceira pessoa o bebê experimenta a imposição do interdito em relação ao investimento afetivo que havia entre a díade mãe-bebê. A função paterna entra em ação promovendo a frustração do desejo.

A trilogia de Édipo é descrita por Sófocles¹⁵⁸ por volta de 401 a.C. como uma tragédia envolvendo um amor proibido entre mãe – *Jocasta* – e filho – *Édipo* – e a consequente morte do pai – *Laio* – através de um veredito dos deuses. Freud usa esse mito para explicar os sentimentos provenientes da passagem pelas fases iniciais da infância que vão marcar o resto da vida, tanto nos aspectos internos como nas relações sociais.

O Complexo de Édipo é dividido em três tempos¹⁵⁹, e nesse caso destacamos o primeiro descrito como “relação fusional”¹⁶⁰, o bebê, que nesse momento é o objeto de desejo da mãe e ainda não se inscreveu na linguagem não é sujeito, não está inserido no Simbólico, não externa desejos, porque ainda não os tem, uma vez

¹⁵⁷ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu vol. XIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

¹⁵⁸ SÓFOCLES. **Édipo Rei e Antígona**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v. 99. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SÓFOCLES. **Édipo em Colono**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v.196. São Paulo: Martin Claret, 2005.

¹⁵⁹ Lacan utiliza o Édipo de Freud para estabelecer uma divisão que se inscreve em três tempos: 1º tempo – o pai está velado e a mãe tem o filho como o falo; 2º tempo – o pai é o terrível que efetua a intervenção privando a mãe do falo - bebê; 3º tempo – o pai é constituído como representante da Lei.

¹⁶⁰ DOR, Joël, 1991, p. 46.

que as faltas são supridas pela mãe. Portanto é importante salientar que a função paterna desencadeia o rompimento em que

o bebe está enclausurado no desejo deste outro (mãe), isso ocorre na medida em que este lugar o preserva alienadamente no estado de satisfação e prazer, franqueado pelo desejo desta mãe. Neste lugar não há a percepção de uma figura de rivalidade e de posição fálica (pai) que seja potencialmente maior do que aquela que lhe foi atribuída. Apenas a convocação deste pai pela mãe irá investi-lo como alguém que também ocupa o lugar de desejo para ela, adquirindo o lugar de rival fálico perante o filho. Neste sentido é importante que a mãe também se submeta a lei do desejo do outro (pai), oferecendo assim a entrada deste “terceiro” que adquire um caráter operatório para o rompimento da díade fusional, promovendo a mediação do desejo dos integrantes da configuração edípica¹⁶¹.

A partir do momento em que o pai, ou alguém que cumpra essa função no sentido figurado, é inserido na relação, estabelece o Nome-do-Pai¹⁶² como um representante do que está estabelecido, isto é, do Simbólico. Nesse sentido “a função do pai é ser significante que substituiu o significante”¹⁶³, ou seja, o representante de algo já existente muito antes da criança nascer, convencionado e da ordem coletiva através de uma representação Real de si mesmo.

Lacan¹⁶⁴ chama a atenção para a ideia do pai através do desejo da mãe no processo de permitir o significante do “Nome-do-Pai” que faz então do bebê um sujeito desejante. Joël Dor¹⁶⁵ diz que “o Pai Simbólico, pois só, surge para a criança como Pai castrador estritamente na medida em que a criança o investe como um Pai doador diante da mãe”. Essa função paterna só é possível exercer por alguém que passou pela castração.

Através da experiência do Édipo (Freud) surge a noção tríade do Real, Simbólico e Imaginário (Lacan). Só consegue estabelecer essa noção quem conseguiu sair da Simbiose, pois a fusão com o outro impede que haja segurança na tomada de ação e por resultado a dificuldade de expressar autonomia não só no comportamento, mas principalmente no pensar.

¹⁶¹ AVIZ; SCHUCKO, 2008, p. 4.

¹⁶² Sentimento de pertencimento a alguém, ou seja, garantia de ser filho de um pai, ou de ter recebido um nome (sobrenome) que constantemente atualize a experiência da castração.

¹⁶³ LACAN, 1958 apud DOR, Joël, 1991, p. 53.

¹⁶⁴ Id. Ibid.

¹⁶⁵ Id. Ibid. p 54.

Ao romper a fusão o vazio causado pela frustração de perder o objeto de desejo – mãe – faz com que a realidade seja percebida como tal. A realidade não é a mesma coisa que o Real. Na realidade há uma convenção de informações, as pessoas concordam com os eventos, pois lhe são comuns. No entanto, o Real de uma situação é algo peculiar, próprio de cada um, construído subjetivamente através da ligação indissolúvel entre o Simbólico e o Imaginário. Na realidade o que impera é o coletivo/convencional, isto é, o que é acordado entre uma sociedade e que pode ser visto da mesma forma por todos, porém o Real se inscreve como um produto único daquilo que cada pessoa subjetiva dessa realidade. Nesse sentido o Real de cada um se torna diferente dos demais e a realidade permanece única para todos¹⁶⁶.

A função paterna é responsável pela conquista da independência num processo de compreensão da realidade, sendo assim, “deve-se diferenciar entre pai simbólico, que é este, o que representa a lei, que pode ou não coincidir com o pai da realidade, e o pai imaginário, rival, que a criança quer matar para roubar o objeto de seu desejo”¹⁶⁷. A ideia psicanalítica destaca que o sucesso da função paterna está em proporcionar ao filho a possibilidade de ultrapassá-lo, em termos simbólicos, “matar o pai imaginário” para então superá-lo, essa experiência é discutida por Aberastury e Knobel¹⁶⁸ quando tratam da adolescência como uma “fase normal” em todos os seus sentidos. O fato de superar esse pai Simbólico dá a condição de assumir responsabilidades outrora impossíveis, caracterizando de vez o ingresso ao social através da internalização do Simbólico. E é justamente na Juventude que essa possibilidade se torna mais enfática quando diante das exigências sociais de independência o jovem se vê forçado a tomar decisões.

Em termos de relações cotidianas a fase do Édipo é diferente da Simbiose, porque na Simbiose o pensar é alheio e no Édipo o pensar é estabelecido. A relação com as leis, a aceitação de outros pontos de vista e a adequação de conceitos próprios como ideias sobre o homem, mundo, conhecimento, vida social etc. estão imbricadas fortemente na experiência com o Édipo pela função paterna.

¹⁶⁶ No caso da psicopatia, a realidade de forma inconsciente, é questionada dando lugar a outra criada em substituição a convencional.

¹⁶⁷ VIVIANI, Alejandro Luis. **Lacan e o Édipo Freudiano**. Disponível em: <<http://www.revistatextura.com/leia/lacaneopdf>> Acesso em 17 mai. 2012, p. 8.

¹⁶⁸ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio, 1981.

Se a forma que percebemos o mundo e a relação que temos tem a ver com a construção subjetiva a partir do Édipo como uma posição instigada do desejo, sempre em movimento para suprir a “falta”¹⁶⁹, sendo diferente e único, é possível destacar características de comportamentos e discursos envolvendo aquilo que nos propusemos investigar nesse trabalho que é a relação com o Patrimônio Cultural.

Nesse sentido, os lugares de memória citados por Pierre Nora¹⁷⁰ só são possíveis pela falta, pelo desejo àquilo que não se pode concretizar. Para ele “o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar”¹⁷¹. O Patrimônio Cultural constituído como um lugar de memória traz consigo o poder de desencadear ressignificações a partir do desejo de suprir uma falta, desconhecida e que falsamente parece ser suprida por um prazer qualquer. Quando um grupo destaca um Patrimônio Cultural e investe na incessante necessidade de dizer sobre sua importância é sinal da sua falta, da sua ausência e do desejo neurótico de saciar a falta. Por conta disso, Nora afirma que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”¹⁷². Sendo assim, pode-se considerar o Patrimônio ou a Patrimonialização um Sintoma que aparece na neurose de buscar o perdido.

É pertinente destacar que para Nora os locais de memória só são de fato por causa dos sentidos da palavra e nesse caso através do “material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”¹⁷³. Um lugar que é significado através do Imaginário perenemente ligado ao Real e ao Simbólico na

¹⁶⁹ A eficácia da função paterna em encerrar a Simbiose no Édipo, proporciona um vazio, a falta daquilo que preenchia (mãe) a relação e que agora passa a ser um propulsor em direção a busca eterna pela completude. Essa busca que pode ser nomeada didaticamente como “motivação” se torna significações na ordem do desejo, ou seja, todo signo que momentaneamente faz o papel do desejado, porque na real não é o signo em si que satisfaz mas sim o significado instantâneo e etéreo, que é subrepujado pela frustração de não ser o suficiente ou da comparação com o concreto daquilo que está no imaginário/desejo.

¹⁷⁰ NORA, Pierre, 1993.

¹⁷¹ Id. Ibid. p. 15.

¹⁷² Id. Ibid. p. 9.

¹⁷³ Id. Ibid. p. 21.

busca da lembrança daquilo que é impossível lembrar, semelhantemente ao desejo que nos move em direção de algo nunca alcançado por completo.

Candau afirma que “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução, continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstrução fiel do mesmo”¹⁷⁴. Em outras palavras, Candau está querendo dizer que essa reconstrução nada mais é do que ressignificações a partir de significações. O passado significado, por si só não tem tanta importância do que o presente ressignificado, porque se trata de saber o que fazer no aqui-e-agora com aquilo que já foi estabelecido.

Entendemos que é possível estabelecer esse ir e vir entre memória e identidade o indivíduo que se sujeita a ordem Paterna através da projeção identitária àquele que provou ser suficiente para indicar o caminho de volta a completude, mesmo que ilusório. O movimento de ir e vir torna-se consciente, porém o desejo de satisfação permanece inconsciente. Candau fala sobre isso, utilizando ideias de Georges Gusdorf, Santo Agostinho, G. Tiberghien, Jean Guilaumin e Cassirer:

De fato, é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu – “é aí que me encontro comigo mesmo”, escreve Santo Agostinho -, ela é, desse ponto de vista, bem mais eficiente que as simples sensações: é da duração ou da repetição destas que nasce a consciência de si, o que supõe a capacidade propriamente mnemônica de perceber essa duração ou descobrir essa repetição. Essa faculdade multidimensional implica componentes conscientes (consciência perceptiva, epistêmica, mnemônica) e inconscientes, representacionais e motivacionais. É um “sistema tensional essencialmente dinâmico que implica as intenções, os valores [...] logo as motivações, uma afetividade”. Por isso mesmo compromete toda a pessoa em sua percepção do mundo. Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido¹⁷⁵.

A passagem bem sucedida pela fase denominada por Freud como Complexo Édipo permite ao sujeito ponderar pontos de vista, se posicionar criticamente, interpretar ideologias, respeitar, aceitar e conviver com convenções coletivas – leis – de forma saudável, porque se sujeitou a castração e se permitiu ser frustrado. Para a Psicanálise ao final do Complexo de Édipo uma estrutura psicológica – em três

¹⁷⁴ CANDAU, Joël, 2011, p. 9.

¹⁷⁵ Id. Ibid. p. 61.

possibilidades – é perpetuada, necessariamente nesse caso, a neurótica que se torna a dita “normal” porque vive constantemente em busca de sanar um buraco causado pela falta do objeto de desejo – a mãe – através do desejo que a impulsiona cada vez mais. Caso haja alguma falha nesse processo, poderá ser evidenciada, ou a estrutura perversa que por questionar e não se submeter à autoridade do Pai desvia a sujeição ao falo para transferir ao fetiche – um prazer objetual para além do libidinal – anulando completamente o sentimento de culpa ou pudor; ou a estrutura psicótica que por não ter acesso a função paterna por essa não existir nos planos Real, Simbólico e Imaginário através do discurso da mãe, permanece num estado ilusório fora da realidade, continuando a relação simbiótica¹⁷⁶.

É relevante salientar que em certa medida, as três estruturas atuam de certa forma, uma estabelecida (neurose) e as outras duas em menor medida (perversão e psicose), pois é muito complexo e onipotente afirmarmos categoricamente a normalidade ou a insanidade. Seria prepotência estabelecermos de forma estanque tais posições como se percebe nos diagnósticos, pensando dessa forma, entendemos que em certo grau tais instancias podem sim estar atuando no cotidiano das relações.

Para esclarecer especificamente a estrutura perversa temos que:

a atribuição fálica do pai que lhe confere a autoridade de Pai simbólico (representante da Lei) nunca será reconhecida, aqui, exceto para melhor ser incansavelmente contestada. Daí o exercício incapaz de ser superado de dois estereótipos estruturais que atuam regularmente nas perversões: o desafio e a transgressão¹⁷⁷.

A perversão aqui relatada é diferente do senso comum, que acredita ser “perversa” a pessoa que responde com uma característica maldosa às relações. Diz-se daquelas pessoas que tramam o mal, que articulam coisas ruins para os outros. Malgrado, o conceito psicanalítico para perversão é de ausência de culpa ou pudor, alguém que seja regido por um entorpecimento das regras sociais e interesse alheio. O perverso, por não se inserir no Simbólico através do Real e do Imaginário não se insere nas regras coletivas e não se submete às normas ou qualquer mediação simbólica coletiva e Cultural. Por conta disso, lhe parece peculiar caso interprete

¹⁷⁶ DOR, Joël, 1991.

¹⁷⁷ Id. Ibid. p. 62.

necessário, infringir leis, depredar patrimônios e causar danos a quem quer que seja.

Não há relação alguma com a tríade Real, Simbólico e Imaginário por não ser inscrito no Nome-do-Pai, em decorrência disso lhe causa o sentimento de não se sentir filho de alguém ou de receber um nome que lhe garanta uma identidade. Esse reconhecimento diz respeito ao aspecto figurativo de ordem psíquica e não literal, porque não é suficiente ou de garantia que um pai, homem de carne e osso estabeleça essa estrutura, assim como, a ausência não seja suprimida pelo discurso da mãe. Se assim fosse não teríamos ninguém perverso por ter um pai concreto e os órfãos seriam os mais afetados. Trata-se de uma relação “figurada e metafórica” refletida no concreto da relação primária. “Em outras palavras, neutralizando a emergência do recalque originário, a forclusão do Nome-do-Pai compromete gravemente a assunção da castração simbólica. Em caso extremo, essa abolição faz falhar toda a função paterna”¹⁷⁸.

Reconhecer um bem comum como algo rico em Cultura não é suficiente para fazer com que alguém se importe em preservá-la. Ter a consciência de preservação, valorizar e se importar com aquilo que temos como Patrimônio Cultural está para além das normas de proteção ou leis de conservação. Nesse sentido, é preciso estabelecer uma identidade a partir de uma imagem constituída de si em reconhecimento pessoal em meio à estrutura identitária de diferenciação.

2.3. Jogo do Espelho: A identidade em formação

Lacan nomeou o período entre os seis meses até os dezoito meses como sendo o Estádio do Espelho. Este estágio compreende aspectos de identificação em termos de absoluta completude, “ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*”¹⁷⁹. Lacan utiliza a palavra *imago* para representar a relação do organismo com sua realidade. Ao reconhecer-se no espelho a criança passa a compreender a imagem de seu corpo

¹⁷⁸ Id. Ibid. p. 103.

¹⁷⁹ LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 97.

com aquilo que realmente é, identificando-se consigo mesmo e proporcionando com esse movimento, a capacidade de estabelecer outras identificações.

O Estádio do Espelho constitui para a criança a fase em que identifica através da imagem – imago – suas fantasias sobre si. Ao elaborar a separação do objeto de desejo na passagem da Simbiose ao Complexo de Édipo, o bebê internaliza seus limites até identificar-se único e diferente da mãe. O fato de entender que existe por si só e não em dependência total da mãe, a criança chega no Estádio do Espelho reconhecendo na imagem a figura do outro em si mesma.

“A criança reconhece sua imagem refletida, identifica-se com ela e torna-se consciente de que é um ser separado de sua mãe”¹⁸⁰. Essa fase é estabelecida entre a Linguagem e o Simbólico com o Imaginário, isto é, constitui uma das primeiras experiências subjetiva porque compreende a mãe como uma pessoa distinta e separada de si. Isso só é possível por causa da “lei do pai” que rompe com a Simbiose proporcionando possibilidades de identificação.

É pertinente comentar que na Simbiose a relação entre mãe/bebê não é de identificação porque não existe separação, há uma confluência entre duas pessoas em uma. A identificação passa a existir na relação pai/bebê quando a criança entende ser diferente da mãe projetando no pai o desejo de voltar à completude outrora perdida. Obter o modelo do pai para esse fim permite à criança iniciar no processo de identidade através de uma relação primária paterna. Sendo assim

o pai separa a criança de suas fantasias, enquanto o desejo da mãe é reprimido para o inconsciente. Esse é o momento em que o inconsciente é criado. À medida que a criança entra na linguagem e na lei do pai, ela se torna capaz, ao mesmo tempo, de assumir uma identidade de gênero, já que este é o momento em que a criança reconhece a diferença sexual¹⁸¹.

A conclusão dessa fase acontece quando se inicia a possibilidade de identificação com a *imago* do semelhante, por aquilo que Lacan chama de “ciúme primordial” ao objeto de desejo – mãe – que transita dialeticamente entre um desejo e outro às situações sociais¹⁸².

Kathryn Woodward ao falar sobre a fase do Espelho de Lacan como desencadeante aos aspectos da identidade diz que

¹⁸⁰ WOODWARD, Kathryn, 2008, p. 63.

¹⁸¹ Id. Ibid. p. 65.

¹⁸² LACAN, Jacques, 1998.

por depender, para a sua unidade, de algo fora de si mesma, a identidade surge a partir de uma falta, isto é, de um desejo pelo retorno da unidade com a mãe que era parte da primeira infância, mas que só pode ser ilusória, uma fantasia, dado que a separação real já ocorreu. O sujeito ainda anseia pelo eu unitário e pela unidade com a mãe da fase imaginária, e esse anseio, esse desejo, produz a tendência para se *identificar* com figuras poderosas e significativas fora de si próprio. Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros¹⁸³.

Candau fala da identidade como um estado “resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço, etc –, uma representação – eu tenho uma ideia de quem sou – e um conceito”¹⁸⁴. Stuart Hall discute a identidade chamando a atenção para o fato de preenchimento do espaço interno e externo, ou seja, relação do sujeito consigo mesmo e com os outros (individual e social)¹⁸⁵.

Ao ligarmos esse processo desencadeador de identidades, partindo do sujeito para o social, ao Patrimônio, “que é preciso conservar, restaurar ou ‘valorizar’ é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo”¹⁸⁶ em prol de uma característica comum. Só é possível manter uma identidade social quando essa mesma identidade estiver formada no sujeito a partir da prova no Jogo do Espelho.

Para a Juventude, estabelecer uma relação entre a imagem e a realidade, isto é, a *imago* do Patrimônio Cultural com significações atuais, na visão lacaniana do Estádio do Espelho, constitui o estabelecimento de identidades a partir desses locais de memórias. O que está em jogo nesse caso é a *imago* precursora de resignificações com o presente, que para os jovens parece ser descolada em alguns casos com aquilo que se espera, porque vivendo em um sentido de liberdade “apresentam uma capacidade de viver suas experiências de forma autônoma, relativamente. É um momento, em que se espera deles que saiam de uma posição mais objetal, ou sob a tutela de adultos responsáveis”¹⁸⁷.

Entendemos pela Psicanálise que a primeira identidade se projeta no pai como alguém que se apresenta como representante de uma *imago* perdida, mesmo

¹⁸³ WOODWARD, Kathryn, 2000, p.64.

¹⁸⁴ CANDAU, Joël, 2011, p. 25.

¹⁸⁵ HALL, Stuart, 2006.

¹⁸⁶ CANDAU, Joël, 2011, p. 26.

¹⁸⁷ VENERA, Raquel Alvarenga Sena. **Discursos educacionais na construção das subjetividades cidadãs e implicações no ensino de história: um jazz possível.** Campinas, SP [s.n.], 2009.

que seja ilusória, pois tratamos aqui de desejo. A criança ao estabelecer identidades tem como base essa primeira experiência que se tornará o estopim para projetar muitas outras identidades no decorrer da vida. A figura paterna imprimiu uma marca que nos acompanha constantemente, tendo como principal finalidade renovar e atualizar a “sujeição identitária” através da instância freudiana do Superego.

O Patrimônio Cultural passa então a constituir nessa visão, possibilidades de identificação por aquilo que se tem como experiência no Jogo do Espelho através da validação entre o que faz sentido pela imago identificada no reflexo de si mesmo e pela imposição do Superego à valorização que não permite desconsiderar aquilo que simbolicamente representa a si mesmo. Malgrado, o comportamento contrário, que faz ignorar tudo aquilo que representa o Patrimônio Cultural em práticas, não só de indiferença, mas de depredação ou de substituição mostra um fenômeno interessante diante da discussão desenvolvida até aqui sobre dependência, independência e identidades. Entendemos tratar-se de um Sintoma que poderá, de acordo com uma análise precisa, indicar a causa de tais comportamentos.

2.4. Sintoma: O Fenômeno Social

Quando se fala em Sintoma a representação presumida para muitos é de uma ligação direta à medicina em termos de patologia ou algo que denota doença. Entretanto, podemos discorrer sobre alguns pontos de vista envolvendo a palavra Sintoma. Conceitos materializados e cristalizados como no dicionário Aulete Digital, seu significado aparece classificado dessa forma: “Psic. Exteriorização de problema emocional ou mental; Fig. Qualquer indício, sinal de alguma coisa, ger. considerada grave ou ruim; Pressentimento, presságio; SP Pop; Aparência, semelhança”¹⁸⁸.

Se levarmos em consideração a última ideia apresentada no dicionário Aulete, podemos relevar a superficialidade do Sintoma, isto é, a representação significativa que possa mostrar apenas a “ponta de um iceberg”, porque aquilo que aparece à percepção é apenas uma parte do todo, a causa está dissimulada e envolvida na obscuridade num processo intimamente ligado à inconsciência. Nossa percepção

¹⁸⁸ LEXICON EDITORA DIGITAL, 2007.

consegue captar somente aquilo que permite ser captado, aquilo que pode ser estudado, comentado, questionado a partir de um “lugar de fala”¹⁸⁹.

Chamando a atenção para comportamentos coletivos como resultante de uma confluência de comportamentos individuais em comum, podemos usar o termo Sintoma para levantarmos conexões entre aquilo que aparece como perceptível *a priori* e aquilo que supostamente pode ser a “causa” de tais fenômenos e que por motivos outros parecem não realçados, porém acessíveis. Comportamentos como depredação, vandalismo e violência entre os jovens sinalizam um Sintoma que pode ser interpretado¹⁹⁰ de várias maneiras de acordo com os critérios estabelecidos.

Lacan trabalha com os conceitos de sintoma e *sinthome* como o quarto elemento do nó borromeano, como representado na Imagem 3. *Sinthome* é um ícone representativo daquilo que Lacan entende por “*sint’home rule*”¹⁹¹ ao utilizar a palavra inglesa “*home*” destaca que os sinais aparentes dizem respeito tudo àquilo que o sujeito fomenta em si mesmo e que por conta disso revela-se com conteúdos suficientes para entender o fenômeno.

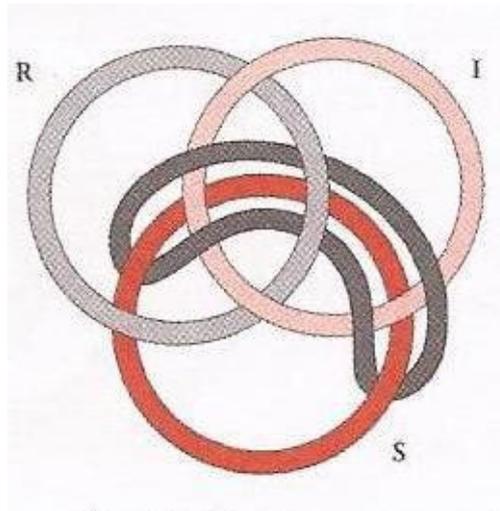


Figura 3: Os três anéis ligados pelo sinthoma, o quarto.

Fonte: LACAN, 2007, p. 21.

¹⁸⁹ A expressão um “lugar de fala” refere-se à base epistemológica em que o pesquisador sustenta sua compreensão de mundo, de homem, das relações, do conhecimento, etc. e sua escrita num diálogo conceitual com uma gama de teóricos que compartilham a mesma posição para conclusão de conceitos, análise de dados e a defesa de ideias. Saber o “lugar de fala” ou a base epistemológica de um teórico é iniciar a leitura percorrendo o mesmo caminho conceitual, prestando atenção aos detalhes ao redor para se chegar ao local proposto.

¹⁹⁰ Tais comportamentos são realçados tendenciosamente como características inerentes a juventude por conta de um período de revoltas e vulnerabilidade. Tais afirmações não deixam de ser um sintoma daquilo que age como precursor de estigmas e preconceitos à ideologias instrumentais afins.

¹⁹¹ LACAN, Jacques, 2007, p. 15.

A diferença entre as palavras não está apenas na escrita e sim em significados, sendo que

o sintoma é aquilo que se apresenta no início de uma análise endereçado ao analista sob a forma de uma demanda. Devemos precisar que desde Freud o sintoma não coincide exatamente com aquilo de que o sujeito se queixa. Uma queixa pode vir sob a forma de um desconforto somático ou psíquico¹⁹².

Sinthome é decisivo no fato de que ele privilegia o gozo, o Real, o incurável. Diz respeito “a vertente significativa tenderia a fazer com que a articulação significativa proliferasse e a análise se tornasse interminável. A vertente gozo traria como problema o fato dele ser inalcançável pela interpretação”¹⁹³.

Malgrado, a visão lacaniana de Sintoma/*Sinthome*, François Hartog apresenta uma posição sobre o tema que nos permite compreender melhor o fenômeno social como Sintoma de um presentismo¹⁹⁴ desencadeado pela memória. O conceito de presentismo exposto por Hartog é a ideia da onipresença do presente, ou seja, a busca da história como tempo presente visto na patrimonialização. Ele afirma que

se o patrimônio é doravante o que define o que nós somos hoje, o movimento de patrimonialização, este imperativo, tomado ele mesmo na aura do dever da memória permanecerá um traço distintivo do momento que nós vivemos ou acabamos de viver: uma certa relação ao presente e uma manifestação do presentismo¹⁹⁵.

O que Hartog está tentando destacar é a resposta que o sujeito transmite diante desse “imperativo” que é exigido diante da aprovação de leis envolvendo o Patrimônio. Se convencionalmente concordamos que se trata da nossa história e que é importante trazermos a memória o passado para se tornar presente, como entender a negação de um Patrimônio? O que dizer sobre a destruição através do vandalismo? E a indiferença de alguns sobrepujando os Patrimônios para a necessidade outras?

¹⁹² MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. Qual a relação entre sintoma e sinthoma? Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Ondina_Machado_Qual_a_relacao_entre_sintoma_e_sinthoma.pdf> Acesso em 22 mai. 2012.

¹⁹³ Id. Ibid.

¹⁹⁴ HARTOG, François, 2006.

¹⁹⁵ Id. Ibid. p. 271.

Tem que haver uma ligação significativa entre passado e presente, pois “cada geração tem a sua própria tarefa. Tentar anular a experiência de uma outra geração é inútil e potencialmente perigoso¹⁹⁶. “Os jovens nos falam hoje através de outros idiomas: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também, do emagrecer para se adequar aos modelos de corpo que lhes impõe a sociedade, pela moda e publicidade”¹⁹⁷. Todas essas representações denotam Sintomas como “pontas de icebergers” escamoteando ideias, posições e ideologias que podem ser compreendidas através da observação acurada do fenômeno social. Buscamos esses significados nas entrevistas.

¹⁹⁶ SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 15.

¹⁹⁷ BARBERO, Jesús Martín, 2008, p. 21.

3. O DISCURSO DOS JOVENS: RELAÇÃO ENTRE O IMAGINÁRIO E O PATRIMÔNIO CULTURAL

3.1. Método de pesquisa, entrevistas e os jovens.

A pesquisa realizada na região do Morro do Amaral foi produzida no decorrer do curso de MPCS da UNIVILLE, contando com informações levantadas no ano de 2009 quando naquela ocasião trabalhamos com um grupo de jovens. Informações importantes também foram colhidas no Arquivo Histórico de Joinville auxiliando a compreensão da historicidade do Morro do Amaral.

As perguntas da entrevista foram elaboradas de acordo com a proposta de responder aquilo que se apresenta como nosso problema de pesquisa. Levamos em consideração os aspectos da teoria que estariam ou não nas respostas dos jovens entrevistados, para que tendo essas respostas, pudéssemos analisá-las a luz da AD fazendo os links necessários para compreender, sustentar ou contestar as hipóteses sobre a relação entre sujeito e Patrimônio Cultural através do Imaginário entre os jovens do Morro do Amaral.

Participaram das entrevistas seis jovens com idades entre 19 e 31 anos, moradores do Morro do Amaral. As entrevistas foram feitas de acordo com a disponibilidade de cada um no seu cotidiano. Suas atividades são variadas, dois participantes já tiveram a oportunidade de morar em outro lugar e dois desejam isso, tal fato mostrou-se agradável e rico para o objetivo da nossa pesquisa.

Os jovens demonstraram disponibilidade e com bom grado responderam as perguntas de forma tranquila e sem dificuldades. Diante das respostas podem-se estabelecer análises daquilo que representa discursos pré-estabelecidos como em muitos casos em tom de desabafo, assim como em outros, críticas e colocações que se apresentam primordiais para discussão em torno do Patrimônio Cultural.

Iremos apresentar as falas, que foram coletadas através de entrevistas orais, juntamente com a análise teórica levando em conta a identidade velada de cada

jovem, preferimos usar codinomes para que cada identidade não fosse revelada por motivos de preservação. Entendemos que o que importa para a nossa pesquisa é expor os locais de fala desses jovens e os sentidos dos seus discursos sobre o Patrimônio Cultural da região a partir do contexto de suas falas. Nesse sentido, apresentaremos algumas características de cada entrevistado para que haja compreensão sobre a posição de cada um diante do tema, assim como a escolha e a participação na pesquisa.

Dan Dall é um jovem de 19 anos, solteiro, está residindo no Morro do Amaral há 6 meses, saiu para morar em outra cidade próxima a Joinville, mas voltou. Informou que na cidade onde morava enfrentava muita violência e que agora está “sossegado”. Mora em uma casa com mais três pessoas, possui Ensino Fundamental completo e trabalha na construção civil. Gosta de jogar futebol e ir ao bar tomar uma “geladinha” nos momentos vagos, mas informou que fica mais em casa. Com relação às amizades, relatou ter na região em torno de “uns quatro, cinco” amigos, justificando a diferença de colega e amigo.

Joana Mell tem 23 anos e sempre morou no Morro do Amaral. Reside em uma casa com seu marido e mais quatro pessoas, possui Ensino Fundamental e não trabalha com registro legal. Afirmou ter vários amigos, demonstrou conhecer toda a região, assim como as pessoas que moram no local. Com relação ao lazer, afirmou não ter muita coisa para fazer sendo melhor ficar em casa.

Quéren Onri tem 23 anos, solteira, morou no Morro do Amaral até os 15 anos quando se mudou para outro bairro. Seus pais ainda têm casa no local, por isso todo o fim de semana está ali. Mora com quatro pessoas em uma casa trabalha em uma empresa de Joinville e possui Ensino Médio completo. Afirmou ter em torno de quatro amigos na região e que nos momentos de lazer, procura ir a uma lanchonete que tem no local ou assistir filmes.

Denis Tag tem 28 anos, solteiro, mora há 18 anos no Morro do Amaral. Possui Ensino Médio, mora em uma casa com mais três pessoas e havia sido desligado recentemente de uma empresa da cidade. Afirmou ter quatro amigos na região e de gostar de jogar bola nos momentos de lazer.

Gina Pan tem 31 anos, solteira, tem uma filha, sempre morou no Morro do Amaral, mas pensa seriamente em ir embora para outro bairro. Possui Ensino Médio completo, mora em uma casa com mais três pessoas e não trabalhava no momento. Informou ter em torno de quatro amigos e nos momentos de folga gosta de assistir televisão ou acessar a internet.

Berta Dess tem 22 anos, solteira, sempre morou no Morro do Amaral. Possui Ensino Médio completo, mora em uma casa com mais cinco pessoas e passa o dia inteiro fora trabalhando em uma empresa da cidade. Afirmou ter em torno de cinco amigos na região e nas horas vagas e de lazer procura se dedicar à igreja ou à família, disse também gostar de ir ao Shopping.

3.2. O Discurso sobre Patrimônio Cultural do Morro do Amaral.

As perguntas efetuadas aos jovens (APÊNDICE A) mostram através das respostas os pensamentos, gosto, satisfação, cotidiano, desejo, projeção, frustração, preferência etc. relacionado ao convívio no Morro do Amaral respeitando o discurso em tudo àquilo que diz respeito à relação com o Patrimônio Cultural da região.

Por que morar no Morro do Amaral? O que pensam esses jovens sobre isso? O que esses jovens entrevistados pensam que os outros jovens de outros locais acham sobre o Morro do Amaral? Três dos entrevistados repetiram a ideia quanto morar no Morro do Amaral, e as falas realçam uma característica peculiar da região: “um bom lugar para se morar bem sossegado, não tem muito movimento” (Dan Dall); “é bom porque é um lugar calmo” (Quéren Onri); “acho legal morar aqui, bem sossegado, tranquilo” (Denis Tag);

Parece paradoxal ouvir jovens falando de forma agradável morar em um lugar “calmo” e “sossegado” quando se tem paradigmas envolvendo movimento, violência e agitação. Nesse sentido, parece uma tendência ligar a Juventude aos aspectos estereotipados como revolucionários ou reivindicantes associados aos movimentos urbanos. No entanto, esses jovens quebram essa posição, que em muitos casos torna-se genérica, para destacar uma situação contrária.

Um lugar “calmo e sossegado”, nesse discurso, caberia melhor para pessoas em idade avançada ou em processo de aposentadoria. Nesse caso, a agitação ocorre por conta dos jovens ou pelo contexto proporcionado? Ou ainda por ser um discurso que liga um passado presente? Hartog chama a atenção para um comentário de Glevarec *et* Saez sobre as associações com o patrimônio que podem mostrar “uma memória que não é dada, portanto, não perdida. Elas abrem à constituição de um universo simbólico. Também o patrimônio não deve ser visto a partir do passado, mas a partir do presente, como categoria de ação do presente e sobre o presente”¹⁹⁸.

Esse lugar sossegado traz à tona uma característica histórica do Morro do Amaral e que no presente torna-se significativo por ser uma memória coletiva, “uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”¹⁹⁹. Esse aspecto calmo e sossegado está constantemente representado por meio das águas da baía, sem ondas que permite a contemplação serena e uma necessidade de destacar como nos relatos dos antigos moradores²⁰⁰ assim como dos atuais.

No decorrer da história do Morro do Amaral é possível ouvir palavras de admiração e satisfação de seus moradores pelo lugar, ou por viverem num ambiente regido pela natureza em termos de vida saudável respirando ar puro ou pelo sustento que o mar proporciona²⁰¹. A fala desses jovens parece ecoar, como paráfrase, como repetição do discurso de seus antepassados: “Gosto muito de morar aqui. O ar puro que sentimos todas as manhãs apaga qualquer problema que possa existir. Sempre há uma brisa gostosa vinda da baía”²⁰².

Dan Dall informa que no lugar para onde foi morar era mais agitado, “eu tinha mais conhecimento lá, me dava bem com as pessoas, conversava, saía, tinha mais movimento na verdade, lá é bem movimentado, tem mais fervo”²⁰³. No entanto preferiu voltar para o Morro do Amaral por causa do lugar “calmo e sossegado”.

¹⁹⁸ HARTOG, 2006, p. 10.

¹⁹⁹ CANDAU, 2011, p. 24.

²⁰⁰ ASSUNÇÃO, 1997.

²⁰¹ Id. Ibid.

²⁰² Id. Ibid, D-7.

²⁰³ O termo fervo refere-se a movimento, agitação.

O retorno pode estar mostrando um aspecto simbólico daquilo que vemos na Simbiose, querer estar numa posição sem frustração, sem desconforto, sem ser exigido. Dan Dall deixa claro que não gosta de incomodo quando diz que no Morro do Amaral “não tem muita incomodaçãõ, o cara não se incomoda muito”. Ao ser indagado sobre o que seria esse incomodo ele diz: “Vizinho na porta de casa, um vizinho vir na casa do outro direto, lá em casa não vai muito, só eu que saio de vez enquanto”.

O movimento, o agito, as pessoas e o “fervo” parece não ser aquilo que Dan Dall quer, porque força uma posição de ação, de uma resposta que ele não quer dar, por isso o retorno ao Morro do Amaral, porque agora ele só sai quando quer. Esse pseudo controle diz respeito a escolher um local “sossegado” que não lhe ofereça riscos de ter que conviver com as diferenças, de ter que conhecer pessoas, pois aqui ele tem a possibilidade de manter um ritmo que seja condizente à sua dinâmica de não incomodar para não ser incomodado.

Ao contrário do que se vê em muitos anúncios ideológicos, desses que forcem a junção de modificações fisiológicas (puberdade) e ideológicas dos jovens à manifestação de movimentos de rebelião e violência contra sistemas políticos e sociais, discutindo a Juventude de forma estanque, enclausurando o jovem em um comportamento cristalizado, a fala de Dan Dall realça um contraponto, mostra o contrário, indica uma ação inversa. Com relação a tais pressupostos Aberastury e Knobel comentam que

a violência dos estudantes não é mais do que a resposta à violência institucionalizada das forças da ordem familiar e social. Os estudantes se revoltam contra todo o nosso modo de vida, rejeitando as vantagens tanto como seus males, em busca de uma sociedade que ponha a agressão a serviço dos ideais de vida e eduque as novas gerações visando à vida e não a morte. A sociedade em que vivemos, com seu quadro de violência e destruição, não oferece garantias suficientes de sobrevivência e cria uma nova dificuldade para o desprendimento. O adolescente, cujo destino é a busca de ideais e de figuras ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa²⁰⁴.

Nesse sentido, no mínimo podemos questionar o modo como se tem falado sobre a Juventude, porque pensando assim, não se pode romper com tais ideias que enquadram o jovem como o grande vilão da sociedade. Nesse caso, Dan Dall pode voltar para o seu lugar de “sossego” quando se deparou com um ambiente que

²⁰⁴ ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 19.

Ihe forçava a reagir, porém essa reação não está elaborada, não parece exercitada, porque Ihe incomoda.

Os jovens dos grandes centros que carregam uma posição na Simbiose se veem reprodutores de comportamentos e pensamentos terceirizados como forma de afastar aquilo pelo qual não sabem lidar, uma posição independente. Nesse sentido, a violência pode se apresentar como esse recurso, cumprindo um papel de “escudo protetor” numa prática direta à resposta de uma ameaça à frustração. Parece paradoxal porque como comentam Margulis e Urresti²⁰⁵ o jovem tem um movimento afastado da morte porque Ihe parece distante. Contudo, simbolicamente, a morte se apresenta como esse lugar de “sossego” pelo qual não haverá mais respostas a frustração.

Se para o jovem a morte está distante, temos duas posições contrárias, mas com o mesmo propósito, por um lado temos a violência como uma atitude de defesa à frustração mas que acaba aproximando da morte e o afastar-se dela como fez Dan Dall escolhendo voltar para o Morro do Amaral.

Essa questão é mais uma das várias discussões envolvendo Juventudes, pois

pensar a juventude de hoje em suas múltiplas determinações e expressões obriga a todos a pensar e a falar no “plural”. Essa “regra” é tributária do campo que introduziu a necessidade de ressignificação dos estudos e teorias sobre juventudes: os estudos culturais. Não obstante à ênfase presente aos atributos culturais, nos textos, encontramos a segunda regularidade discursiva: mesmo em se tratando de “multiplicidades”, há de se considerar o contexto sócio-histórico nos quais os jovens criam e recriam modos de vida, ou seja, a afirmação da perspectiva que conceitua a juventude nos marcos de uma dada condição juvenil. Grande parte das argumentações que justificam essa ênfase resgata um “certo olhar sociológico” nos estudos sobre juventude que “alguns” estudos culturais tendem a relegar ou suprimir²⁰⁶.

Com relação a essa carência apresentada quanto a discussão teórica da Juventude, Rossana Reguilo²⁰⁷ chama a atenção para

a la necesidad urgente de investigaciones que, sin renunciar a la dimensión intragrupal, sean capaces de ver al joven más allá de los ámbitos restringidos de sus respectivos colectivos. El balance realizado, si bien señala una tendencia creciente a los acercamientos interdisciplinarios,

²⁰⁵ MARGULIS; URRESTI, 2010.

²⁰⁶ BARBIANI, 2007, p. 140.

²⁰⁷ REGUILO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Ago, n. 23, 2003, p. 103-118.

revela, de otro lado, una escasa problematización del sujeto juvenil desde las dimensiones psicosociales que no se reduzcan al establecimiento a priori de una serie de etapas y actitudes que caracterizan el periodo de la juventud. El problema es mucho más complejo y exigiría un trabajo más fino en los interfaces entre individuo, grupo y contexto sociocultural. En tal sentido, la perspectiva psicoanalítica ha sido una veta poco explorada en el campo de los estudios de la juventud.

Dan Dall saiu para morar em outro lugar, mas voltou. Quéren Onri mora em outro bairro, mas continua mantendo residência no Morro e passa todos os fins de semana na região. Esse movimento de ir e vir, sair e depois voltar está registrado na história dos moradores da região. Na década de 1970, muitos chefes de família foram cativados pela oportunidade de trabalhar nas empresas da cidade deixando a atividade da pesca²⁰⁸. Com a demissão ocasionada alguns anos mais tarde ou mesmo com a aposentadoria após anos de trabalho, voltaram para a convivência tranquila que tinham no Morro do Amaral, assim como, as práticas de sustento na pesca.

Esse movimento parece marcar o Morro do Amaral como uma pátria enquanto local de chegada sempre que finda uma experiência externa frustrante. Memória do grupo estabelecida através da aprendizagem com os mais velhos, uma “memória coletiva como um ‘conjunto de lembranças comuns a um grupo’”²⁰⁹.

Quéren Onri apresenta uma característica marcada pela história desse grupo, um sentimento que é reproduzido pelos moradores à região em que tanto veneram:

Mesmo trabalhando fora, o morador do Morro do Amaral não abre mão de duas coisas: pescar na baía de vez em quando e permanecer no lugar que para eles é a própria razão da existência. Os mais velhos garantem a todos que ali chegarem: só saem do morro direto para o cemitério²¹⁰.

O pensar sobre o Morro do Amaral, mostrou na fala desses jovens uma conotação crítica expandindo a ideia de lugar “sossegado e calmo” a um lugar que pode mudar e essas mudanças parecem ser desejadas. “É provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando

²⁰⁸ ASSUNÇÃO, 1997.

²⁰⁹ HALBWACHS, 1950 *apud* CANDAU, 2011, p. 31.

²¹⁰ ASSUNÇÃO, 1997, D-7.

de sua socialização primeira”. Esse desejo de mudança no local é transmitido há anos pelos mais velhos e essa busca parece ser intensificada a partir da década de 1970²¹¹, uma história que marca uma memória social daquilo que revela ser um conjunto de lembranças reconhecidas pelo grupo²¹², mas, no entanto velada pelo desejo e a frustração de concretizar²¹³.

Os jovens diferenciam o Morro do Amaral como um lugar calmo, sossegado e bom de morar em relação aos demais bairros da cidade. Dessa maneira, “o objeto patrimonial que é preciso conservar, restaurar ou ‘valorizar’ é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo”²¹⁴. Mediante o destaque das características também é realçada necessidades em reflexo a desigualdade aos outros lugares outrora diferenciados. Quéren Onri diz: “Eu penso que é um bairro com potencial, muita coisa para ser explorada, muita coisa boa pode ser tirada daqui, mas precisa de atenção por parte do governo, até mesmo dos próprios moradores daqui, se valorizar”.

Com relação a essas desigualdades, Denis Tag diz que é preciso “fazer um ponto turístico, ter mais áreas de lazer, esporte, só tem um campo, investir na saúde”. E para Berta Dess o Morro do Amaral: “poderia crescer, a questão do ônibus, o acesso daqui para cidade que é ruim, poderia melhorar essas coisas básicas”.

É importante destacar que “o processo de conhecimento das origens e desenvolvimento das áreas urbanas, manifestado através de patrimônio cultural”²¹⁵ auxilia na compreensão de conflitos envolvendo as desigualdades decorrentes do convívio através do enfrentamento de problemas de ordem social. As necessidades apresentadas pelos jovens entrevistados são identificadas e possivelmente solucionadas através do discurso com base nos modelos vistos em outros lugares. Todavia, tais soluções podem se chocar com aquilo que veneram no local, como o sossego e a calma.

²¹¹ Id. Ibid.

²¹² CANDAU, 2011.

²¹³ O desejo se revela na ordem do ideal, um mundo perfeito criado para ser sonhado através de dispêndio de energia na tentativa frustrante de concretização. Frustrante porque na concretização de um desejo o que se apresenta sempre é uma cópia imperfeita daquilo outrora projetado.

²¹⁴ CANDAU, 2011, p. 26.

²¹⁵ CALDEIRA, Altino Barbosa. **As cidades e o patrimônio cultural**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. v. 16, n. 18/19, 2009.

Já em 2009 quando realizamos o trabalho com o grupo de jovens em parceria com a PMJ, se ouvia falar na condição passiva dos moradores do Morro do Amaral no sentido de tomar posição ativa frente às necessidades. Enquanto o projeto estava em funcionamento o grupo das mulheres do artesanato estava em plena atividade, no entanto, com o término do projeto o grupo das mulheres também se findou, não houve continuação nos trabalhos por não haver quem direcionasse as atividades. O lugar “sossegado e calmo” parece denotar também a um comportamento passivo e dependente do povo ao próprio ambiente.

Na fala de Dan Dall vemos um pouco disso: “Não tem muita incomodação”. Perguntado sobre o que seria “incomodação”, ele continua: “Vizinho na porta de casa, um vizinho vir na casa do outro direto”. O fato de entrar em contato com a comunidade parece ser para Dan Dall algo que lhe traz incomodo.

De acordo com a posição da Simbiose, o lugar “sossegado e calmo” que cada um quer (que deveria ser da ordem do desejo desencadeada pela frustração de ter que buscar por si mesmo de forma independente), remete àquela posição dependente e passiva protegida pela égide do suprimento alheio das necessidades. A frustração de ter que sair dessa posição para ir à busca de sanar as necessidades por si só, não é vivenciada justamente porque não há como isso acontecer pela falta de imposição do Eu na satisfação da autonomia.

A Simbiose, trabalhada teoricamente no capítulo 2 permite que o Outro venha devolver o “sossego e a calma” que por hora pode estar sendo interrompido. Margareth Mahler diz que essa garantia de “sossego e calma” conferida se torna um “escudo²¹⁶” protetor. Seria o Morro do Amaral o escudo que protege da frustração de ter que agir em prol de desconfortos relacionados aos aspectos sociais? E quando o local não consegue sustentar essa posição de “sossego e calma” tem-se a necessidade de um salvador, ou seja, alguém que faça alguma coisa em prol de manter esse status. Daí o discurso sobre a intervenção política, outrora feita por duas vezes na história que deixou uma marca destacada na fala dos mais velhos²¹⁷ e no desejo dos jovens.

²¹⁶ MAHLER; PINE; BERGMAN, 1993.

²¹⁷ ASSUNÇÃO, 1997.

Percebe-se na fala da Quéren Onri esse desejo: “Um bairro que tem potencial, tem muita coisa a ser explorada, mais precisa de atenção da parte do governo, até mesmo dos próprios moradores, valorizar mais”. Gina Pan supõe uma esperança que pode vir da política: “Aqui é um lugar bom para se viver só que está vindo muita coisa ruim de fora e a gente espera de candidato²¹⁸ tudo”. Tais discursos podem estar revelando uma posição dependente iniciada com a forte relação entre os prefeitos Pedro Ivo Campos e Luiz Henrique da Silveira? É considerável destacar que ambos mudaram significativamente a história do Morro do Amaral, mas seria essas ações o suficiente para causar uma dependência dos moradores às iniciativas políticas?

Ao mesmo tempo em que se deseja o crescimento do local em termos de condições de saúde, escola, acesso, locomoção e lazer se tem medo do que pode vir junto, a marginalidade, a violência, a frustração de ter que lidar com aquilo que os outros lidam em lugares alhures. Observa-se na fala desses jovens, esse ir e vir de desejo, pois enquanto Joana Mell diz que o Morro do Amaral “é o lugar que vive gosta e não sai”, Gina Pan contrapõe: “Eu estou lutando para sair daqui, na verdade eu nunca saí, estou pensando em ir embora para sempre morar em outro lugar”. Além disso, Quéren Onri mora em outro bairro nos dias de semana e Dan Dall já morou fora.

Interessante observar que Gina aparentemente demonstra insatisfação e o desejo intenso de ir morar em outro lugar. Foi a única a dizer que possuía internet, e em se tratando do local, talvez seja uma das pouquíssimas pessoas com esse acesso. Ligando a internet ao fato de querer morar em um local em que tenha mobilidade, estar longe daquilo que precisa como escola para a filha ou ir ao médico, lhe causa muita frustração.

Essa conexão com o mundo através da mídia permite o indivíduo conhecer e se fazer conhecido, talvez seja essa a busca de Gina. Talvez seja essa a ideia de Quéren Onri quando diz que “falta conhecimento”, mas conhecimento de quê e de quem? Das pessoas de fora sobre o lugar? Nessa perspectiva sim, mas como isso seria possível? Nesse caso, a mídia fortaleceria o papel do “salvador”, uma figura de

²¹⁸ As entrevistas foram feitas próximo ao período eleitoral do município e como de costume muitos candidatos visitaram o Morro do Amaral em campanha contribuindo para fortalecer a esperança de intervenção, essa temática vem a tona não somente por ser período eleitoral mas porque constitui uma falta.

fora que supre as necessidades e repete a dependência simbiótica, enfraquece a constituição do Eu e não permite estabelecer identidades. Esbarramos aqui novamente nas questões de memória e identidade que podem ser proporcionadas pela busca do indivíduo hologramático desde que os aspectos psíquicos que nos propomos a discutir esteja resolvido.

Na Simbiose quem resolve os problemas é o Outro, aquele pelo qual se investe confiança. Percebe-se que em alguns momentos na fala desses jovens fica o desejo de que as coisas mudem, mas por intermédio de um “salvador”, alguém que faça alguma coisa pelo bem dos moradores. A esperança de Gina nesse Outro salvador aparece quando diz, “a gente espera de candidato tudo” como se isso não ocorrer à única coisa a fazer é ir embora.

Muitas situações foram levantadas como necessitando de mudança porque interfere diretamente no bem estar diário, como destaca Joana Mell: “Tem um posto de saúde que não funciona, só funciona segunda e quinta-feira o resto da semana fica fechado, muita coisa tem que mudar, asfaltamento, as luzes na reta, ter um posto policial também”. Isso também é compartilhado por Quéren Onri:

Tem bastante coisa para mudar, até mesmo de infraestrutura, muita coisa que pode ser feito ainda, colégio com segundo grau, com ginásio que não tem, pavimentação, turismo do bairro que prevê mais pessoas de fora virem, uma creche, as mães reclamam bastante, muitas não trabalham porque não tem com quem deixar os filhos, essas coisas de infraestrutura.

Dan Dall afirma que: “o postinho de saúde é precário, tinha que funcionar mais vezes, porque só tem uma vez na semana e só de manhã ainda”. Denis Tag, também destaca esse tema: “na área da saúde, é bem difícil ter médico as pessoas chegam a amanhecer na fila chega na hora não tem médico, vão para outros lugares, dá uma correria”.

Gina Pan mostrou total desconforto com a situação quando falou sobre o que gostaria que mudasse: “Tudo! (risos) Educação, saúde, queria que mudasse”. E Berta Dess acrescentou: “Transporte, a pavimentação é ruim, a ponte é perigosa tanto para o pessoal que vem como para o pessoal que mora aqui”.

Interessante observar que essas queixas são semelhantes as que escutávamos em 2009 e na década de 1970, ainda continuam fazendo parte do cotidiano. Não há médico no Postinho de Saúde, antes não havia posto, hoje tem

posto, mas não tem médico, as reclamações são da mesma natureza, mas diferentes em grau, são semelhantes, mas não iguais. Da mesma forma, a única escola localizada na região oferece apenas Ensino Fundamental e o acesso ao Morro do Amaral é dificultoso pelo fato de ser uma estrada sem asfalto e de longa distância.

Relatos informam que “grande parte das famílias numerosas do morro tiveram filhos ou parentes mortos, quase sempre por falta de assistência médica. Até chegar nos recursos, o doente não resistia e morria no mar mesmo”²¹⁹. Esse é um medo que parece estar presente nos moradores do Morro do Amaral ao ter que enfrentar a distância ou a falta de médicos no Posto de saúde.

Candau faz uma ligação entre esse medo e a possível falta de consciência patrimonial afirmando que “a ausência de consciência patrimonial é, muitas vezes, a expressão normal do trabalho da memória que regularmente libera o sujeito dos traços mais dolorosos de seu passado”²²⁰. A distância e a falta de médicos aparece no discurso desses jovens como algo ameaçador, que precisa ser resolvido, um discurso que faz sombra a um relato histórico de sofrimento.

Eni Orlandi destaca esse aspecto a memória discursiva como um interdiscurso, isto é, aquilo que dá sentido a algo já existente “em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já-dito que está na base do dizível”²²¹. Esse medo subentendido denota uma história de morte pelos mesmos motivos citados na atualidade e que só são de fato significativos pelo interdiscurso daquilo que já existiu emergindo através de uma memória discursiva, porém inconsciente, esquecida, porém presente.

A discussão entre esse aspecto destacado e outras necessidades da região teve em pauta oficialmente a partir de 1989 quando o Morro do Amaral foi decretado Parque Municipal com reservas naturais, fato que impossibilitava qualquer ação. Por lei²²² não havia como ter nenhuma e qualquer forma de exploração dos aspectos naturais e sim a proteção integral da fauna e flora. Por conta disso, durante anos as reivindicações dos moradores não podiam ser atendidas.

²¹⁹ ASSUNÇÃO, 1997, D-6.

²²⁰ CANDAU, 2011, p. 163.

²²¹ ORLANDI, 1990, p.31.

²²² BRASIL, 2013.

Como já destacado no capítulo 1, em 2012 por decisão da Câmara de Vereadores de Joinville a Ilha do Morro do Amaral passou a ser uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável²²³, isto é, a partir de então os moradores, apoiados por uma Comissão podem desenvolver métodos “necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente”²²⁴.

As questões envolvendo iniciativas de proteção ao meio ambiente e conseqüentemente ao Patrimônio Cultural da região *versus* melhores condições de vida, de um lado as leis e de outro os moradores, como eco podemos destacar a relação entre os sentidos dos que residem no local e dos que são de fora como uma discussão antiga e de ordem internacional. Zanirato e Ribeiro²²⁵ chamam a atenção para isso dessa forma:

Conservar um bem natural ou preservá-lo? Essa não é simplesmente uma distinção semântica, ela nasceu no âmbito do debate entre ambientalistas norte-americanos no final do século XIX. Para os conservacionistas, a conservação ambiental representa manter uma área protegida, porém, utilizá-la sem colocar em risco sua dinâmica natural e atributos físicos. Já os preservacionistas são radicais. Eles entendem que áreas naturais protegidas devem ficar sem a presença humana para que apenas processos naturais influenciem sua dinâmica. O debate entre essas duas correntes permanece até hoje e divide tanto ambientalistas quanto técnicos e acadêmicos²²⁶.

Em 2009 o comentário era justamente o fato de que poderia haver remanejamento das famílias para outros lugares em bairros próximos possibilitando indenizações. Entra em vigor mais uma diferença, o que era um Parque Municipal intocável agora é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável que possibilita a exploração dos recursos naturais pelos moradores para o próprio sustento.

Os jovens falam em “crescer”, em “explorar mais” e de valorização não só dos aspectos naturais como também dos moradores. Com a recategorização da região para Reserva de Desenvolvimento Sustentável é possível confrontar aquilo que é da ordem do desejo com o Real. No entanto, nessas falas denota uma posição inferior

²²³ KELLER, 2012.

²²⁴ BRASIL, 2013.

²²⁵ ZANIRATO, Sílvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. **Patrimônio Cultural**: a percepção da natureza como um bem não renovável. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 251-262, 2006.

²²⁶ Id. Ibid. 2006, p. 255.

em busca de crescer e aparecer no sentido de encontrar valores nos aspectos da região e dos moradores. Uma busca que parece estar na história, uma memória discursiva que “sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos”²²⁷. Orlandi afirma que sobre essa memória o sujeito não tem controle, que os sentidos se constroem de acordo com a falsa certeza de que se sabe do que está falando²²⁸.

Nota-se uma incongruência sob o ponto de vista antagônico entre um lugar “sossegado e calmo” para se morar e abrir possibilidades desse mesmo lugar se tornar uma “bagunça” como retrata Gina Pan: “O agito mesmo começa de sexta até domingo a noite, bagunça de carro, som, escape de moto, bastante barulho, sábado a noite mesmo é terrível”.

Quéren Onri justifica essa agitação nos fins de semana à procura pelo mar: “Final de semana, principalmente na época de verão é bem movimentado, é muito diferente dos dias de semana, é quase uma praia, bem movimentada mesmo”. Joana Mell apresenta outro fator para a agitação nos fins de semana, o futebol²²⁹: “As vezes tem gente que coloca o som alto no sábado para passar o tempo, as vezes tem futebol a gente vai olhar no domingo, é o que acontece”.

A agitação nos finais de semana parece algo que vai de encontro àquilo que o local oferece e que vem sendo vivido pelos moradores. O fato de desejar algumas melhorias também permite o conflito entre “perder” momentaneamente a calma e o sossego e ter que lidar com o enfrentamento desses desconfortos. Sendo assim, é melhor ir embora, como o caso de Gina Pan. Se tal atitude for concretizada, Gina poderá estar sinalizando uma falta de identificação com o lugar pelo fato de não se sentir mais pertencente a sua própria localidade.

Stuart Hall apresenta a identidade como pertencente e localizada no espaço e no tempo simbólicos, um senso de lugar, de casa, pautada no tempo através das

²²⁷ ORLANDI, 2010, p. 54.

²²⁸ Id. Ibid.

²²⁹ O Morro do Amaral possui um time de futebol que joga no campeonato da segunda divisão do futebol amador de Joinville, sendo campeão desse torneio no ano de 2011, maiores detalhes em: <http://www.futebolamadorjoinville.com.br/2011/11/morro-do-amaral-campeao-da-segundona.html>. Nos dias de jogos grande parte dos moradores da região vai para o campo, que fica na entrada do bairro, torcer pelo seu time. Corriqueiramente há muita agitação, alegria quando o time ganha e tristeza quando o time perde, porém essa euforia pode remeter violência nesse último caso. Na verdade, os jogos fazem com que, para os moradores locais, seja essa uma das poucas atrações (pelo menos é o que parece) de lazer que envolve praticamente todos, quer pelo prazer quer pelo desprazer, isto é, aqueles que gostam vibram e aqueles que não gostam “suportam”.

tradições que ligam o passado e o presente em narrativas que conectam o indivíduo aos eventos históricos²³⁰. Características possivelmente perdidas para Gina ao se concretizar seus temores de agitação. Se realmente concretizar a sua saída do Morro do Amaral, Gina pode representar essa memória coletiva do desejo de encontrar em outro lugar a solução para suas necessidades, mas esbarrar com um não pertencimento, uma identidade não constituída e voltar para o refúgio da pátria mãe pela identificação simbólica daquilo que continua fazendo sentido para si.

No momento ela está pensando muito em morar em outro lugar pelo

fato de estar longe de todas as coisas, a filha estudou até a 4ª série, agora tem que ir todos os dias para fora de ônibus, só que o ônibus não é seguro, se ela morasse em outro bairro poderia levar e trazer todos os dias porque é perto de casa aqui não, ela tem que ir de ônibus, a gente ouve muitos comentários do que acontece dentro do ônibus dos colegas do colégio.

Berta Dess pensa que morar em outro lugar poderia ser assim: “Acesso, pelo fato de ter mercado bom, ter Shopping, praça para passear, conversar, espairecer um pouco a cabeça é bem melhor do que aqui, aqui é um lugar fechado, muito distante de tudo, isso é o problema”. Denis Tag também concorda com Berta sobre os recursos: “Seria melhor por causa dos recursos, lá fora tem mais, aqui é bom por causa do lugar, da visão, o lugar em si não tem recurso”.

O que Gina Pan, Berta Dess e Denis Tag imaginam encontrar em outros lugares Dan Dall e Quéren Onri já experimentaram. Dan Dall realça que: “Lá era mais conhecido, tinha mais conhecimento, se dava bem com as pessoas, conversava mais também, saía mais, tinha movimento, mais fervo”. Quéren Onri é mais categórica:

Mobilidade, tudo mais próximo, se precisa de alguma coisa tem ali perto, uma farmácia, um mercado que tenha opções, ônibus, que aqui é complicado devido a distância, em outro bairro no ponto se espera cinco minutos o ônibus tá passando, aqui de duas em duas horas, essas são algumas diferenças.

Dan Dall destaca a expressão “mais fervo” como possibilidades de diversão, a tão criticada “agitação”. Essas características são refutadas por Gina Pan que pensa em sair, realçadas por Dan Dall que voltou. Mesmo com um discurso positivo daquilo

²³⁰ HALL, 2006.

que encontram fora, tanto Dan Dall como Quéren Onri apresentam uma disposição em permanecer no convívio do Morro do Amaral, mostrando conflito de ideias entre sair e permanecer.

Essa identificação com um lugar que ofereça recursos para suprir as necessidades pontuais de Gina, faz com que tenha vontade de buscar fora a concretização do desejo. Como o desejo é algo impossível de ser saciado a concretização não é suficiente para proporcionar satisfação porque há um choque entre a tríade Real, Simbólico e Imaginário com a realidade que ofusca o desejo causando frustração. Essa frustração desencadeia o sentimento de não pertencimento pela perda de memória igual perda de identidade²³¹ fazendo com que haja o retorno à pátria mãe, porque é nesse lugar em que está estabelecida a identidade.

Dan Dall e Quéren Onri apresentam esse movimento que Gina está pensando em fazer. Um discurso entre o desejo, identidade e memória rompido pela frustração de concretizar aquilo que é da ordem do imaginário. É assim que a

natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede. Entretanto, há também injunções à estabilização, bloqueando o movimento significante. Nesse caso, o sentido não flui e o sujeito não se desloca. Ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete²³².

Cabe avaliar essa tentativa de movimento em prol de uma ação independente, de concretizar as possibilidades de viver em um local que possa oferecer a supressão de necessidades. Como explanado pela Psicanálise o processo de separação dos pais em prol da independência acontece em dois momentos, na infância sob as esferas do Complexo de Édipo e na adolescência, quando há uma reedição do Édipo.

Aberastury e Knobel afirmam que para o adolescente a infância está mais próxima do que as experiências adultas, então em momentos de frustração diante de investidas autônomas é comum que os adolescentes reproduzam comportamentos infantilizados como um retorno à posição em que conhecem muito

²³¹ CANDAU, 2011.

²³² ORLANDI, 2010, p. 54.

bem e pelo qual sentem segurança²³³. Sair nesse sentido parece uma tentativa de independência frustrada por não haver sustentação de uma posição de enfrentamento e adaptação ao desconforto, esses jovens acabam retornando ao lugar que lhe proporciona segurança de que precisam a semelhança de muitos que retornam a posição simbólica da Simbiose com os pais na dependência psíquica por não ter suporte para lidar com os desafios de viver por si mesmos.

Chamamos a atenção para as “tensões” que essa posição causa pelo choque do não estabelecido para com o exigido. Uma tensão entre o sossego do lugar com o desejo de melhorias. Essas melhorias se chocam com o sossego porque proporcionam a chegada de estrangeiros que movimentam o lugar, ao mesmo tempo em que frustram ao concretizar um desejo que é fortalecido pela falta. O Imaginário cria fantasias que não correspondem com a realidade. Então nota-se uma identificação desses jovens ao mesmo tempo em que desejam os atributos de outros lugares.

Quando o sossego é afetado, parece surgir um sentimento de não pertencimento em duas etapas: primeiro no Morro do Amaral quando esse sossego é ameaçado e depois nos outros lugares por se acharem estrangeiros, retornando à pátria de origem. Bauman nos ajuda a entender essas questões quando afirma “que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”²³⁴. Esse movimento de sair em busca de amenizar a frustração de ter perdido o lugar de sossego se choca com um lugar de não pertencimento.

Nesse caso a tensão é estabelecida quando diante de duas situações desconfortáveis surgem, a falta de sossego e a busca por recursos para sanar as necessidades, forçam um ir a uma terra estrangeira e voltar para a pátria. Ir para outra terra é conviver com o “fervo” com o “conhecimento” e com o “incomodo” isso parece não agradável para quem sai, mas é o desejo de quem ainda não saiu. É atraente quando está na ordem do desejo e se torna desconfortável quando se concretiza, tal ideia é observada nas falas de Dan Dall, Quéren Onri e Gina Pan.

“As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de

²³³ ABERASTURY; KNOBEL, 1981.

²³⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 17.

representação quanto por meio de formas de exclusão social”²³⁵. Essas diferenças entre lugares, entre sossego e ferver, entre exclusão e pertencimento, marcas que realçam características de fora em contraste com aquilo que se tem no Morro do Amaral.

Dados levantados historicamente revelam que os moradores do Morro do Amaral trazem essa questão da identidade e diferença fortemente em seu discurso: “Nunca pensei em morar na cidade. Aqui é mais fácil. Se a gente se aperta, vai até o mar e traz algum peixe. Na cidade é tudo comprado”²³⁶. Joana Mell, diferentemente dos demais jovens entrevistados, reproduz em sua fala ideias muito parecidas com essa: “É muito importante morar aqui, meus pais vivem aqui a anos é uma experiência para mim também viver como eles estão vivendo até hoje, a minha família já é daqui”. Sobre morar em outro lugar, Joana Mell responde: “Não sei, não ia me acostumar, já pensei sobre isso, um dia eu fiquei na casa do meu tio, fiquei louca para voltar, era no Fátima²³⁷, isso que era pertinho, mas para mim não seria bom sair daqui”.

Se por um lado os jovens apresentam a região como “sossegada e calma” por outro afirmam que é vista pelos de fora como, violenta e marginalizada. Revelaram também o que pensam sobre as pessoas que frequentam a região nos fins de semana ou em dias especiais e também o que acham que os moradores dos demais bairros da cidade pensam sobre o Morro do Amaral. Joana Mell informou que:

Todos são bem recebidos, pode ser de qualquer lugar, já nós não, quando eu falo para os meus amigos que eu moro aqui, eles acham que se trata de um lugar violento, eu falo que não é, é um bairro normal, sossegado, mas não é isso que eles pensam, alguns vêm aqui no Morro do Amaral e falam que é perigoso, mas não é perigoso, mas muitos que não são daqui, já se consideram daqui. É isso que eu digo, eles não pensam coisas boas, há comentários no ônibus dizendo que o Morro do Amaral é um manguezal, não presta para nada, a gente escuta e fica quieto, para eles aqui é um lugar violento, eles pensam assim, é o que a gente escuta no ônibus. Eu acho uma calúnia, eles não vivem aqui para saber, aqui é um lugar de famílias.

Dos seis jovens entrevistados, cinco confirmaram a mesma ideia de que o Morro do Amaral é mal visto pelas pessoas de outros bairros. Expressões como

²³⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 39.

²³⁶ ASSUNÇÃO, 1997, D-7.

²³⁷ Um bairro da cidade distante aproximadamente 7 km do Morro do Amaral.

“marginalidade”, “bandido”, “lugar ruim” e “violento” são ouvidas pelos jovens quando em contato com pessoas de fora. Gina Pan ressentida, conta:

Eles olham para cá com outros olhos, nós somos discriminados pelo fato de morar no Morro do Amaral, dentro do ônibus as pessoas aprendem a discriminação, tem uma linha do Morro do Amaral que fazia Campus²³⁸, teve um pessoal que se revoltou porque o pessoal do Morro do Amaral já vem de lá dentro do ônibus e eles têm que ir em pé. Eles solicitam o fim dessa linha só pelo fato de ser Morro do Amaral, porque o pessoal do Estevão²³⁹ não perderam continua a linha para eles o Morro do Amaral perdeu, eu acho que é muita discriminação.

Podemos destacar alguns pontos nas falas que denotam fragilidade e impotência do povo frente à “calúnia”, “discriminação”, “julgamento”, aquilo que as “pessoas inventam”. Uma característica da Simbiose é o não posicionamento, não reivindicar o seu lugar, porque não se tem noção dessa posição. O fato de destacar esse ponto de vista controverso e infundado das pessoas não é o suficiente para vencer aquilo que Berta Dess destacou como falta de conhecimento.

Apesar das palavras usadas com conteúdos de ofensa por parte principalmente das pessoas no ônibus, não percebemos na fala desses jovens nenhuma mudança no tom de voz e nem ênfase que poderia mostrar sinais de indignação ou revolta pela situação. Houve uma comunicação de um fato que ocorre constantemente, mas parece não ser responsabilidade deles resolver isso. O que comprova tal ideia está evidente na fala da Joana Mell: “A gente não vem falando com eles, discutindo no ônibus, a gente fica quieto”.

Como apresentado no capítulo 2 a posição da Simbiose não permite reagir ao desconforto porque há constantemente alguém que se apresenta para esse fim. Na fala desses jovens parece haver um pedido de ajuda, uma espera que alguém se compadeça do sofrimento e faça alguma coisa por eles. A espera de um salvador é alimentada pela esperança na época de política porque marca um fato histórico.

A passividade diante de uma situação, a insegurança e autoestima baixa são conflitos resultantes de uma falha na passagem do Complexo de Édipo prejudicando o estabelecimento do EU. E pode marcar uma característica compartilhada pelo grupo sob uma memória coletiva, compartilhada por um número de pessoas através

²³⁸ Linha de ônibus que iniciava no Morro do Amaral e terminava na UNIVILLE.

²³⁹ Estevão de Matos é um bairro vizinho ao Morro do Amaral.

de representações do passado comunicadas por modalidades variadas, socialmente determinadas e culturalmente regradas²⁴⁰.

Alguns fatos parecem comprovar a expressão dessa memória coletiva. E que sem entender, a diretora do colégio na região havia dito para nós no trabalho realizado em 2009, como citado anteriormente, que conhecia todas as pessoas do local por estar na direção há aproximadamente 15 anos e que de certa forma atendeu aos avós, os pais e os filhos que naquela ocasião frequentava a escola. Afirmou que percebe o mesmo comportamento diário através das gerações e não apresentava nenhuma perspectiva de mudança. Essa é a fala de todas as pessoas de fora que direta ou indiretamente são ligadas ao Morro do Amaral que tivemos contato.

Diante dessas questões levantadas até agora, os entrevistados foram questionados sobre aquilo que desejavam mudar no local, isto é, tudo aquilo que vem causando desconforto e que merece atenção. As respostas não apresentam nada de novo do que foi explanado até então, mas o realce está sob os aspectos históricos envolvendo a região no sentido de saúde, educação, segurança e acessibilidade. Aliás, é importante destacar que nas respostas apresentadas os jovens não apresentaram posições diferentes, repetiram as ideias na maioria das vezes.

Destacando as questões sobre o Patrimônio do Morro do Amaral e as discussões feitas até então sobre aspectos psíquicos envolvendo formações subjetivas, torna-se relevante destacar nesse momento a diferença entre diversidade cultural e desigualdade social que é fundamental para a discussão nas áreas de Patrimônio Cultural e que aparece aqui como possível embargo entre os aspectos da região Morro, as pessoas que vivem no local e os demais moradores dos outros bairros. Barros²⁴¹ destaca a diversidade cultural aos

modelos normativos diversos que ordenam não apenas a produção e as trocas simbólicas no campo estético, religioso e lúdico, mas que se referem também às maneiras como se definem as formas de aprendizagem, circulação, apropriação, distribuição, mercantilização de bens e processos

²⁴⁰ CANDAU, 2011.

²⁴¹ BARROS, José Márcio. Diversidade cultural e gestão: sua extensão e complexidade. In: BARROS José Márcio; JUNIOR, José Oliveira (org). **Pensar e Agir com a cultural**: desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011, p. 20-27.

culturais. A diversidade cultural é, forçosamente, mais que um conjunto de diferenças de expressão, um campo de diferentes e, por vezes, divergentes modos de instituição²⁴².

Os processos culturais são estabelecidos de acordo com essa diversidade através de representações, memórias e identidades. Um destaque simbólico diferenciado entre grupos que marca territórios e seus patrimônios.

Em análise da desigualdade social na Cultura de nosso país, Teresa Sales²⁴³ destaca duas possíveis maneiras de entendê-la, uma na situação de fuga, representada por parte dos trabalhadores rurais e outra pelas populações pobres. Diante disso, equivocadamente a desigualdade social acaba sendo sinônimo de diversidades culturais na forma de preconceitos. Essa ideia contribui na compreensão das questões discutidas em torno do Patrimônio Cultural do Morro do Amaral imiscuída às questões sociais envolvendo a região, que ligam diretamente as posições de Simbiose e Complexo de Édipo na formação do EU, autoestima e independência dos moradores nos discursos desses jovens entrevistados.

O destaque de Dan Dall sobre saúde e educação é um exemplo possível dessa questão social: “O que mudasse? O postinho de saúde lá em baixo, aquele postinho lá é precário, tinha que ter mais vezes durante a semana, colégio, só isso”. Nada mais seria pertinente mudar no Morro do Amaral para Dan Dall a não ser tais pontos, a expressão “ só isso” parece encerrar o assunto.

Surge aqui um item que parece destoar o discurso apresentado até aqui ao mesmo tempo em que parece permear o medo daquilo que pode ser um perigo para o “sossego e a calma” do local. Joana Mell está pedindo “um posto policial”, sendo ela uma das pessoas que mais destaca o prazer de morar no Morro do Amaral e não pensa em sair. O “sossego e a calma” do local estão ameaçados? Ou seria para preservá-los, que um posto policial seria importante? Tais questionamentos podem ter respostas no medo apresentado por Gina Pan. Melhorando o acesso da Av. Kurt Meinert com iluminação e asfaltamento não seria proporcionar a vinda da “agitação” e com ela aquilo que Gina está prevendo? “A gente tem medo, que possa prejudicar

²⁴² Id. Ibid. p. 20.

²⁴³ SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm>. Acesso: 17 fev 2013.

esse crescimento, a marginalidade, enfim tudo coisa que a gente ouve, e que cada lugar fala um mais agora a gente tá vendo que tá”.

Quéren Onri destaca a necessidade de uma creche e confirma melhorias no acesso chamando a atenção para o turismo. Facilitar a vinda das pessoas para fomentar o turismo da região parece ser o desejo dos comerciantes. Esse turismo parece ser exclusivo à gastronomia, pois os restaurantes com vistas para o mar chamam a atenção dos visitantes, afinal os “restaurantes na beira da baía são o embrião do turismo, o sonho dos moradores do Morro do Amaral é atrair visitantes e fomentar assim o crescimento turístico da região”²⁴⁴. A pergunta que fica é a seguinte: só existe restaurantes a beira mar para atrair os turistas ao Morro do Amaral? E as danças? E a pesca artesanal? E os sambaquis? E o cemitério? E a igreja recém tombada como Patrimônio Histórico? Parecem estar esquecidas ou não ter significância, pois não aparecem na fala dos jovens dessa pesquisa. Esses Patrimônios poderiam fazer parte das atrações turísticas da região? Achamos que sim, porém não nesses termos, porque estão esquecidos e ignorados? Ou porque estão tão presentes que não precisam ser citados?.

Contudo, é importante ponderar que a amostragem da nossa pesquisa considera que os entrevistados não mencionam esses patrimônios e que em uma pesquisa com uma amostragem maior teríamos uma visibilidade amplificada dessa evidência.

“Na relação tensa do simbólico com o real e o imaginário, o sujeito e o sentido se repetem com o real e o imaginário, o sujeito e o sentido se repetem e se deslocam”²⁴⁵. O mar se apresenta como um “salvador” porque atrai visitantes e isso ofusca as demais riquezas da região porque historicamente construiu-se uma dependência de sustentação, uma Simbiose. Nesse sentido, essa memória discursiva sustenta uma estratificação já feita, porém esquecida e que constrói uma história de sentidos²⁴⁶.

Em se tratando desses jovens, não se trata da falta de conhecimento propriamente dita, porque por ser pequeno o Morro do Amaral proporciona essa

²⁴⁴ ASSUNÇÃO, 1997, p. D-6.

²⁴⁵ ORLANDI, 2010, p. 53.

²⁴⁶ Id. Ibid.

descoberta pelo simples fato do convívio diário, mas sim a falta de pertencimento e apropriação dos outros aspectos específicos do lugar. Na identificação discursiva e equívoca desses jovens com o “fervo” que é produzido pelas pessoas de fora na região quando buscam diversão quer pelo mar, quer nas partidas de futebol, têm-se um desejo frustrado pela concretização daquilo que quebra com uma característica do lugar e causa um sentimento de não pertencimento, por isso o desejo de ir buscar fora aquilo que poderá estar deixando de existir.

Um jogo de equívocos, porque além do mar, o futebol aparece como um aspecto que instiga um sentimento de pertencimento pela repercussão causada nos que são de fora, porém denuncia ao mesmo tempo a falta de pertencimento por causa do “fervo” que tira a “calma” do local.

Aquilo que dizemos ser Patrimônio Cultural existente no Morro do Amaral não aparece na fala desses jovens, um valor visto de fora e não reconhecido pelos de dentro. Nesse sentido “o objeto patrimonial que é preciso conservar, restaurar ou ‘valorizar’ é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo”²⁴⁷.

A identificação de Dan Dall é relacionada diretamente ao local “calmo e sossegado” e isso é a causa de ter voltado, isso pode explicar a dificuldade em expor as mudanças que deseja no local, pois não são coisas que perturbam seus pensamentos. Diante da pergunta mostrou-se confuso com o que poderia relatar sobre mudanças, foi preciso direcioná-lo para as questões do bairro, então rapidamente indicou a saúde:

Em relação ao que? (ao bairro em si) tanto como na área de posto de saúde? (qualquer área) Queria que mudasse a área da saúde, é bem difícil ter médico aqui o pessoal chega a amanhecer na fila chega na hora não tem médico e daí vão para outros lugar dá uma correria, para mim é só saúde.

Gina Pan foi radical ao mostrar seu descontentamento, mas também frisou a saúde e a educação, ela tem uma filha e sofre por ter que levá-la para outra escola longe, não confia na segurança dos ônibus e o fato de ter que separar um tempo

²⁴⁷ CANDAU, 2011, p. 26.

considerável para se deslocar são algumas das causas para a sua desmotivação em permanecer no Morro do Amaral.

O acesso mais uma vez é destacado por Berta Dess que acrescenta a ponte que liga o Morro do Amaral como perigosa²⁴⁸: “É que nem eu falei a questão do transporte, a pavimentação daqui é ruim, a ponte é perigosa tanto para o pessoal que vem como para os que vão”.

O asfaltamento da Av. Kurt Meinert vem sendo discutido há muitos anos, mas até agora nada foi resolvido. A rua corta o mangue e por questões ambientais não se chega a nenhuma decisão, mas isso parece não ser problema para os moradores que insistentemente indicam ser necessário o asfaltamento. Não está claro se os moradores do Morro do Amaral foram esclarecidos sobre os impactos ambientais resultantes em asfaltar essa rua que passa sobre o manguezal, o fato é que mais um aspecto do lugar está sendo ignorado em prol de a realização de um desejo.

O dia-a-dia apresenta tensão relacionada a experiência de desigualdade que os moradores enfrentam através do acesso pelo transporte público que ofusca os sentidos de preservação ambiental. Essa tensão diz respeito a segurança e praticidade, que são ameaçadas pela precariedade da rua.

Entre as coisas que mais gostam na região do Morro do Amaral, três dos jovens entrevistados mais uma vez repetiram o que a história já nos contou, o mar é o objeto de admiração e prazer. Dan Dall olhando para o mar com os olhos fixos diz: “O que eu mais gosto? Da visão. É da visão”. Denis Tag também: “O que eu mais gosto, o mar, tomar banho direto aí no verão”. E Berta Dess sem pestanejar disse: “O mar (risos), é o mar, para quem mora bem de frente é o mar (risos)”.

As pessoas quando chegam ao Morro do Amaral pela primeira vez se deparam com uma visão do mar logo ao final da rua após uma pequena elevação. A visão é bela, o mar está exposto em toda a sua extensão. Os moradores demonstram uma relação forte com o mar. Assim relata Assunção:

²⁴⁸ A ponte estreita e de madeira que dá acesso ao Moro do Amaral pelo continente já foi alvo de várias notícias. Anos atrás uma viatura da Polícia Militar caiu no rio quando se dirigia para a região de noite, a escuridão pode ser uma das hipóteses da tragédia, naquela ocasião os dois policiais que estavam no interior do veículo morreram afogados. O local é frequentado por muitas pessoas com interesse em pescar ou apenas banhar-se nos dias de calor. Também houve casos de afogamento.

As águas calmas da Babitonga ainda servem de alimento para o espírito dessa gente. Um presente dos deuses que deixaram naquela parte da baía um lugarzinho especial para se morar. Renovados a cada maré cheia que insiste em bater nos calcanhares das casas. É impossível ficar indiferentes à beleza do lugar. Se o forasteiro sentar numa das casas simples do Morro do Amaral, virar os olhos para as águas e respirar fundo, irá sentir uma brisa suave fortalecendo os pulmões. Uma sensação que os primeiros moradores sentiram e que seus descendentes fazem questão de preservar. O Morro do Amaral tem características ímpares das demais localidades de Joinville. [...] O mar era sustento e meio de transporte para todos no Morro do Amaral. Por isso essa gente fala tanto do mar, come tanto peixe, tem tantos barcos encostados aos fundos das casas²⁴⁹.

Não é por menos que os jovens têm como a maior riqueza no local. De todas as características da região o mar é eleito àquilo que eles consideram de mais “rico”. A palavra denota um simbolismo duplo no sentido de sentimento por proporcionar uma sensação agradável pela vista e brisa calma, assim como, pelo sustento, como parece ser até então o único atrativo que os nativos tem para oferecer aos turistas.

Interessante observar que as respostas dos jovens com relação as riquezas reconhecidas por eles na região, teve uma marca significativa entre aqueles que sempre moraram no Morro do Amaral e aqueles que tiveram experiência fora. Joana Mell com ar de encantamento identificou de imediato: “Esse mar maravilhoso aqui, para pescar, que não falta nada, para mim a riqueza é esse mar que está aí”. Denis Tag da mesma forma: “Riqueza é o ponto turístico, a visão”. Berta Dess igualmente: “É realmente o mar (risos), não tem explicação o mar é a bela vista, realmente é isso”.

A ligação entre a riqueza para esses jovens está no concreto, na fartura da “pesca” e a garantia de que “não falta nada” quando se tem essa prática. O mar garante o turismo, abastece os restaurantes e chama as pessoas. Isso é o concreto que sem “explicação” apresenta resultados por si só, não exige maior compreensão sobre perspectivas de futuro com aquilo que pode ser imaginado como possibilidades. Pensar nas outras possíveis atrações turísticas é algo inexistente porque envolve descoberta e pertencimento pelo Patrimônio.

²⁴⁹ ASSUNÇÃO, 1997, p. D-6.

Candau²⁵⁰ destaca a memória que cada um faz da sua própria memória e o conhecimento que tem dela como uma metamemória através do estabelecimento de identidades. Venera,²⁵¹ apropriando-se de Candau, trabalha esse aspecto usando o termo “arranjos de memórias” para construção de memórias coletivas, que nesse caso, parece se mostrar fraca sobre a igreja, o sambaqui ou qualquer outro Patrimônio do Morro do Amaral nos discursos desses jovens. Como realça Candau, uma memória fraca é uma memória “sem contornos bem definidos, difusa e superficial, que é dificilmente compartilhada por um conjunto de indivíduos cuja identidade coletiva é, por esse mesmo fato, relativamente intangível”²⁵².

Lacan distingue o Real da realidade quando insere o pensamento estanque. A realidade é coletiva e convencional, aceita por todos quando através de evidências concretas percebem-se no convívio. Características incontestáveis quando descobertas, discutidas, amplificadas, ponderadas, explicadas e projetadas. Os segredos descobertos na coletividade tornam-se a realidade na confrontação com o Real de cada um, isto é a ponderação ampliada daquilo que várias pessoas entendem com a compreensão cristalizada de apenas um.

Percebemos que diante da dificuldade dos moradores em “ver” e “explorar” toda riqueza que o local oferece, outras pessoas estão avistando de fora e estão chegando e se instalando. Nos discursos anteriores percebem-se os efeitos da desigualdade. Fora do Morro do Amaral apresentam-se mais possibilidades e uma conotação de vida melhor, mesmo se identificando de uma maneira geral com o Morro alguns vão para esses lugares, mas acabam voltando, quando em meio aos conflitos proporcionados pela falta de sossego e por se sentirem menores, tanto dentro como fora do Morro do Amaral. Essa questão poderá estar fazendo com que não consigam ver as riquezas de suas diferenças, essa desigualdade encobre a riqueza das diferenças.

Então o mar se apresenta cristalizado, finalizado como única riqueza, tal posição revela-se para nós como o terceiro elemento lacaniano imbricado ao nó borromeno, o Real. Mas esse Real remete ao quarto elemento descrito por Lacan

²⁵⁰ CANDAU, 2011.

²⁵¹ VENERA, Raquel Alvarenga Sena; CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. Tensões curriculares e narrativas: o ensino de história da América Latina. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/.../2160>. Acesso 17 fev 2013.

²⁵² CANDAU, 2011, p. 44,45.

como o *sinthoma*, que diferente da patologia por não necessariamente se constituir uma doença a ser tratada, representa características decorrentes desse Real que é enigmático.

O mar toma essa posição por ser concreto e fazer parte de uma realidade de fácil observação, todavia, nesses termos um outro Real também se apresenta para quem a vive: a desigualdade. Lacan diz:

Por Isso, suspendo a abordagem desse terceiro que se distingue da realidade e que chamo de real. Por isso, também não posso dizer eu penso, posto que é um pensamento ainda completamente fechado, isto é, em última análise, enigmático. Não estou certo de que a distinção do real em relação à realidade se confunda com o valor próprio que dou ao termo real. Sendo o real desprovido de sentido, não estou certo de que o sentido desse real não poderia se esclarecer ao ser tomado por nada menos que um *sinthoma*²⁵³.

Portanto para Berta Dess essa admiração pelo mar é “inexplicável” e historicamente relatado como um comportamento peculiar dos moradores do Morro do Amaral em relação direta ao suprimento de suas necessidades. O mar parece ser um aspecto percebido há tempos como apenas uma parte da realidade para essas pessoas. Entretanto outras características da região, não menos importante, podem estar ecoando, como timidamente relatadas nas respostas dos outros jovens, destacadamente, que viveram ou vivem fora do Morro do Amaral.

Quéren Onri destaca dessa maneira o que considera riqueza no Morro do Amaral:

O turismo é uma coisa que sendo bem explorada, tem muito a acrescentar, lógico, mas sendo bem explorado isso tende a crescer é uma coisa que pode fazer com que cada morador tire o seu sustento, ajuda muito, as pessoas são muito tradicionalistas elas têm um pensamento, que para algumas pessoas pode até ser retrógado mas não é questão de tradição, as pessoas mais antigas tem uma tradição bem legal.

Ao relatar o turismo em relação ao sustento liga àquilo que já está construído através da experiência com o mar, porém quando tenta expandir essa ideia, faltam as palavras, fica em silêncio, demonstra desconforto até surgir aquilo que precisa,

²⁵³ LACAN, 2007, p. 131.

“tradição”. Esse silêncio se apresenta como significativo, aquilo que Orlandi diz ser “pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido”²⁵⁴.

Ao se referir “as pessoas mais antigas” Quéren Onri está tentando resgatar uma memória pertinente a “idade do ouro”? Uma tradição que perdurou por anos e agora está na lembrança dos mais velhos, constata as professoras Corrêa e Rosa: “Como forma de preservar as tradições, festejaram por muitos anos o Terno de Reis, cantando anualmente no dia 6 de janeiro. E ainda Boi-de-Mamão, Cavalo-Marinho, Pau-de-Fita. Lamentando, diz Francisco Soares: ‘Ficou só a lembrança’”²⁵⁵. Candau afirma que a evidência dessa memória é facilmente constatada por dados empíricos como “comemorações, construções de museus, mitos, narrativas, passeios dominicais em um cemitério, etc.”²⁵⁶.

Dan Dall parecia não conseguir dizer nada sobre o que considerava riqueza no local, foi quando através de um disparador utilizado com a palavra patrimônio, soltou: “Patrimônio, um lugar que ficou bonito agora que eles restauraram foi aquela igreja lá em baixo lá em frente ao ponto de ônibus, aquela igreja ficou bonita agora, aquela lá é uma das riquezas do Morro agora eu acho”.

Por si só, Dan Dall não conseguiu identificar a igreja como este Patrimônio, no entanto, o fato de destacar a igreja em sua fala e isso vir a tona logo após o disparador, sugere que por conta da reforma e restauração da igreja, que, diga-se de passagem, passou a chamar a atenção, não satisfaz a certeza de um significante próprio, mas influenciado por um acontecimento recente. A restauração faz parte do tombamento da igreja como Patrimônio Histórico, mas o destaque para a igreja faz de Dan Dall um conhecedor de como isso aconteceu? Parece que a estética escamoteia a história. A igreja permanece fechada durante os dias em que não há missa, como instigar os locais de memória? Como resignificar uma memória não revelada? Pela estética de uma fachada reformada? O mar aparece em seu discurso prontamente com destaque elaborado e a igreja se inscreve bela beleza de uma reforma atual, sem maiores comentários.

²⁵⁴ ORLANDI, 2010, p. 83.

²⁵⁵ CORRÊA; ROSA, 1992, p. 108.

²⁵⁶ CANDAU, 2011, p. 35.

Gina Pan valoriza o ambiente, a vegetação e o lugar por si só: “A maior riqueza? Acho que é esse lugar lindo e maravilhoso que Deus nos deu que é uma riqueza, tem que cultivar e preservar, porque se não vem a poluição”. O receio de Gina está mais uma vez voltado para ameaças dos grandes centros urbanos, a poluição. Quem poderá poluir? Quem irá cultivar e preservar? Parece que isso é uma preocupação de outras pessoas.

O que se observa no Morro do Amaral é uma Cultura significada de forma enfraquecida, rejeitada e estigmatizada por que é experimentada com um sentido de desigualdade e não como diferença. Um povo que não se vê em condições de assumir identidades com o local em que vivem, criam sim, dependência simbiótica. Um comportamento de submissão às imposições ideológicas e perante as necessidades. Uma posição que faz com que os de fora sejam ofuscados por uma visão torpe de um sintoma que revela uma relação forte com o local “sossegado e calmo” como símbolo de sua própria atitude.

E então, o que fazer com os sambaquis, com o cemitério e com toda a tradição esquecida e ofuscada por uma parte apenas do Patrimônio Cultural existente – o mar? Que necessidades são essas que permite sobrepujar o sempre existente pelo “novo”? Que sentimento é esse de desejar aquilo que se teme?

Os moradores do Morro do Amaral querem asfalto e iluminação na Av. Kurt Meirnert, melhorias no acesso, escola de Ensino Médio, creche, médicos no Posto de Saúde, transporte urbano com frequência e de qualidade, segurança pública e ainda manter o lugar “sossegado e calmo”, porque do contrário é melhor ir embora, mas para depois voltar.

Diante disso, nos confrontamos com discussões em torno de políticas públicas e com o desejo de que projetos sejam postos em práticas como o Plano Nacional de Cultura (PNC) criado pelo Ministério da Cultura que

engloba as linguagens artísticas consolidadas e as múltiplas identidades e expressões culturais até então desconsideradas pela ação pública. A ampliação desse campo pressupõe a extensão do papel e da responsabilidade do Estado. Mas, para que a gestão pública ultrapasse o alcance tradicional e restritivo das belas-artes e dos produtos da indústria cultural, são exigidas diretrizes que garantam o pluralismo, uma maior igualdade de oportunidades e a valorização da diversidade. Essa é a perspectiva conceitual que permeia todo o PNC, em sintonia com valores e

referências conceituais de âmbito internacional e desafios identificados em diagnósticos sobre as atuais condições da produção e fruição cultural nos municípios brasileiros²⁵⁷.

A FUNDEMA reuniu no dia 23 de agosto de 2012 um conselho que terá como finalidade efetivar a Reserva de Desenvolvimento Sustentável e acompanhar a elaboração de um plano de manejo em prol da preservação e desenvolvimento do Morro do Amaral. As entidades que deverão compor o Conselho são:

Sociedade civil

- Associação de moradores do Morro do Amaral;
 - Associação de moradores do Paranaguamirim;
 - Conselho comunitário de Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Ilha do Morro do Amaral;
 - Colônia de pescadores do Morro do Amaral;
 - Associação de pais e professores da Escola Municipal Reinaldo Pedro de França;
 - Associação Esportiva Morro do Amaral;
 - Univille;
 - Faculdade Cenecista de Joinville (FCJ);
 - Comitê de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas do Cubatão Norte e Cachoeira;
 - Instituto Conservação Marinha do Brasil (Comar);
 - Associação Ecológica de Joinvillense Vida Verde;
- Governamentais
- Fundação Municipal do Meio Ambiente (Fundema);
 - Fundação de Promoção e Planejamento Turístico (Promotur);
 - Fundação Cultural de Joinville (FCJ);
 - Secretaria de Habitação;
 - Polícia Ambiental;
 - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama);
 - Companhia Águas de Joinville;
 - Secretaria Regional do Paranaguamirim;
 - Secretaria do Patrimônio da União (SPU);
 - Secretaria de Assistência Social (SAS);
 - Fundação 25 de julho²⁵⁸;

A mudança do nome jurídico do lugar que outrora era Parque Municipal para agora Reserva de Desenvolvimento Sustentável não é apenas uma mudança de nomenclatura, é também uma mudança política e isso muda tudo. Outrora não era permitido explorar os recursos naturais e isso foi por muito tempo a causa de

²⁵⁷ CULTURA, Ministério da. **Valores e Conceitos**. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/site/pnc/introducao/valores/>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

²⁵⁸ FUNDEMA. Ilha do Morro do Amaral terá conselho gestor. Disponível em: <<http://fundema.joinville.sc.gov.br/noticia/118Ilha+do+Morro+do+Amaral+ter%C3%A1+conselho+gestor.html>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

conflitos, mas agora é diferente, os moradores poderão explorar seus recursos em prol do sustento e também de melhorias para o lugar.

Diante dessa mudança, é pertinente refletir sobre algumas indagações, como: Servirá esse Conselho Gestor de “salvador” para os moradores do Morro do Amaral? Conseguirá manter o “sossego e a calma”? Proporcionará a vinda dos turistas para a região? De que maneira? Melhorando o acesso? Em que sentido?

Pensar o Morro do Amaral como uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável é também levar em conta o Imaginário dos jovens relatado como um Sintoma daquilo que se tem como a resposta atual às questões explícitas e as implícitas. Explícitas no sentido das exposições das necessidades e valores que acompanham os discursos no decorrer da história dos moradores da região e conhecidas por todos que conhecem um pouco do local. Implícitas porque parece estar velado o conhecimento do Patrimônio Cultural em todos os seus aspectos envolvendo arranjos de memória, estabelecimento de identidades e expansão do turismo.

Um grande desafio para o conselho gestor será proporcionar o conhecimento do Patrimônio Cultural através da Educação Patrimonial num processo de estabelecimento de identidades, estruturando a autoestima e proporcionando assim condições de expandir descobertas às pessoas de fora, quebrando paradigmas e preconceitos através da exploração completa do turismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema importância destacar aqui alguns pontos relacionados a essa trajetória no MPCCS, ligado à proposta da interdisciplinaridade. A formação inicial em Psicologia traz consigo um conhecimento construído na graduação suficiente para discutir aspectos que envolvem a formação psíquica através do desenvolvimento, naquilo que entendemos como personalidade nos diversos atributos cognitivos e isso, pode-se dizer, foi respeitado como uma condição interdisciplinar em discutir o Patrimônio Cultural como apresentado até aqui.

Aliar a Psicologia às discussões sobre Patrimônio Cultural exigiu uma busca de referenciais teóricos até então desconhecidos. As disciplinas obrigatórias e as práticas oferecidas pelo Programa proporcionaram discussões fundamentais para estruturar o conhecimento de um tema novo. A cada autor estudado, uma nova ligação, uma nova base, uma nova fascinação. Uma proposta ousada não se pode negar, pelo fato de manter a Psicologia sob constante análise daquilo que se permite contribuir de maneira condizente e clara. Temas como Memória, Identidade e Cultura estão entre os mais significativos no sentido de alavancar a dissertação.

As questões levantadas no projeto de pesquisa foram interpretadas, problematizadas e discutidas através das respostas (APÊNDICE C) dos jovens entrevistados. Inicialmente foram destacadas três questões:

1. O Patrimônio Cultural do Morro do Amaral necessita de valorização, conservação e exploração econômica e cultural – Essa necessidade de conservação para os jovens está direcionada a região em si e não necessariamente ao Patrimônio Cultural.
2. Os jovens do Morro do Amaral não apresentam interesse pelo Patrimônio Cultural inerente a região – O que ocorre é que os jovens não apresentam conhecimento sobre o Patrimônio Cultural da região, pois sem saber dos aspectos Culturais e Históricos daquilo que existe no local em que vivem não dá para afirmar que não demonstram interesse por eles.

3. Não há perspectivas de desenvolvimento da região por conta de conflitos envolvendo moradores e Prefeitura – Essa ideia foi construída em 2009 e refutada com a pesquisa, tanto pela posição histórica dos moradores com a PMJ como na atual iniciativa de criação do Conselho Gestor.

A proposta de (1) ouvir os jovens do Morro do Amaral sobre os aspectos Culturais envolvendo a região; (2) Identificar na fala dos jovens os diferentes discursos sobre a Cultura relacionada ao local em que vivem; e (3) relatar as tensões apresentadas pelos jovens a partir de dados históricos e atuais envolvendo a região do Morro do Amaral; como objetivos específicos foram alcançados pela pesquisa. Assim como o objetivo geral que era investigar o Imaginário dos jovens do Morro do Amaral sobre o Patrimônio Cultural da região sob uma leitura teórica.

No entanto, aspectos identificados outrora como características passivas, continuam chamando a atenção. O estado simbiótico que os moradores do Morro do Amaral mostram com o local, no sentido metafórico do termo através da posição “sossegado e calmo”, faz com que muitas coisas sejam identificadas, mas não enfrentadas. Essa relação com o local é metafórica e ao mesmo tempo parcial, porque reconhece um aspecto de identificação com o mar.

Reconhecemos que no Morro do Amaral o Patrimônio Cultural é material e imaterial. Além da igreja, do cemitério, dos sambaquis etc, também encontramos a receita do peixe, a maneira artesanal de pescar, as festas etc. No artigo 2 da Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial proclamado pela UNESCO, identificamos que o Patrimônio Imaterial é uma transmissão de geração em geração num processo de recriação constante nas comunidades e grupos em interação com o ambiente, natureza e história através de um sentimento de identidade e continuidade²⁵⁹. Nesse sentido, cabe a reflexão sobre como poderá acontecer registros de Patrimônio Imaterial em grupos que agem impulsionados por relações simbióticas?

É evidente que no decorrer da história e ainda hoje essa relação, de forma inconsciente, chega muito próxima do sentido buberiano do termo, um ganho mútuo

²⁵⁹ UNESCO. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>> Acesso em: 27 mar 2013.

entre Eu e Tu, o mar dá o sustento e os moradores a admiração e a dependência, onde ambas as partes se doam em completude. Viver no Morro do Amaral e desfrutar de tudo o que o mar pode oferecer é sentir na fala todo o sentimento de entrega. Os olhos não vêem outra coisa a não ser o mar porque é o que domina pelo sustento, e nesse caso a simbiose com o mar vem dessa dependência de sustento. Mas parece não ser suficiente, porque há outras necessidades como saúde e educação.

Nos jovens entrevistados não se percebe características de superação dessa dependência, porque não se vêem em condições de reconhecer além mar. Mesmo os que procuram sair acabam voltando pela necessidade de continuar em um local “sossegado e calmo”. Esta é a posição na Simbiose que permite reproduzir um pensar terceirizado. São pensamentos que não conseguem convencer por si mesmos, necessitam ser reproduzidos.

Interessante observar que esse pensar terceirizado também é aceito de certa forma pela contramão. Comentários infundados sobre o local ou sobre as pessoas são relevados por não ter forças de contestação. Ideias, estigmas e preconceitos são cristalizados sob a égide do pensar terceirizado e só é possível romper com isso quando se alcança a diferenciação da dependência.

A independência se constitui definitivamente quando se estabelece identidades, quando se observa características de afinidade no Outro ou no objeto de desejo. Qual seria a identidade dos moradores do Morro do Amaral? Pode ser estabelecida pelas crises e seria justamente isso que está acontecendo com Gina Pan? Aconteceu isso com Dan Dall e Quéren Onri? Parece que não, permanecem na Simbiose.

A “falta de conhecimento”, uma expressão que chama a atenção na fala dos entrevistados parece estar estabelecida de um modo geral. Do ponto de vista dos jovens da pesquisa, a falta de conhecimento se dá por parte dos moradores dos outros bairros sobre o ambiente calmo e acolhedor, sem violência. Do ponto de vista acadêmico a falta de conhecimento está na pouca produção de material de pesquisa, pouca coisa está produzida sobre o Morro do Amaral. Para essa pesquisa

os dados encontrados foram no Centro Histórico de Joinville, porém em termos de publicações, pouca coisa relevante para essa proposta de análise.

Outro fator observado diz respeito a atitude acolhedora dos moradores aos visitantes, isso pode estar revelando essa característica simbólica da dependência do “salvador” externo, mas também pela baixa autoestima como sintoma de uma construção histórica de desprezo e preconceitos. Quando diz respeito ao turismo pode ser visto como algo positivo, contudo, quando diz respeito a pessoas de fora que se instalam no local para explorar com interesses alheios, se torna prejudicial. Aquela prática do passado em que os casamentos se davam entre famílias parece estar ameaçada.

Ao estabelecer condições de identidade, para a Psicanálise, o sujeito assume a posição de se colocar no lugar do Outro e também volta à sua posição inicial num movimento constante. Romper com a dependência constitui a impressão do Eu e desencadeia a multifacetada condição de identidade. Ao se projetar em algo ou alguém o sujeito se vê fora e isso faz com que haja atitudes de preservar e combater tudo aquilo que possa causar ameaça. Não é isso que observamos na fala dos jovens entrevistados e nem no relato histórico. Pessoas de fora violam os túmulos do cemitério ignorado em busca de joias sem nenhuma resistência. A linha de ônibus é cancelada e ninguém faz nada. O acordo com a PMJ na década de 1990 em impedir invasões no local não foi cumprido. Qual a identidade dos moradores do Morro do Amaral?

O Imaginário constitui o não-goza, aquilo que está na ordem do desejo e constitui um possível gozo que não acontece. Os jovens da pesquisa revelaram um desejo que se torna equivocado, incongruente à razão, incompreensível quando concretizado, por isso a volta para a pátria. Mas não é justamente um desejo não compreensível e nunca alcançável que move as pessoas? A “relação” com o Patrimônio Cultural será possível e significativa quando na união entre conhecimento e cotidiano houver ganho mútuo entre sujeito e objeto através da identificação.

O Pai (Função Paterna) para a Psicanálise proporciona a independência porque rompe com a Simbiose entre mãe/bebê, contudo, se nos permitirmos usar uma relação simbólica entre os radicais das palavras Paterno e Patrimônio (Pater) é

possível entendermos a relação dos jovens entrevistados, como representantes dos moradores do Morro do Amaral por outro ponto de vista. O não discurso do Patrimônio Cultural da região pode estar atrelado justamente ao fato do aspecto da Simbiose com o local em negação a independência que o reconhecimento do Patrimônio pode causar. O não dito está sempre dito pela relação.

Cabe então refletirmos sobre a imposição do Patrimônio Cultural como uma possibilidade de desprazer inconsciente de um grupo sobre aquilo que existe enquanto relação simbiótica e não necessariamente precisa ser evidenciado, porque quando isso ocorre constitui uma separação que causa um reconhecimento não significado. A relação existe na completude e não no reconhecimento, por isso a confusão entre exigir o que não necessita ser evidenciado por estar junto (colado).

Os moradores do Morro do Amaral apresentam uma relação forte com o local porque vivem a Simbiose, não estão preocupados em romper o vínculo, podem estar confusos, porque querem suprir algumas necessidades, mas não querem lidar com as consequências e é justamente nesse ponto que se concentra a discussão envolvendo o Patrimônio Cultural, que entra como na Função Paterna, a resistência é previsível, mas a castração nem sempre.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ALVES, Paulo César. Origens e Constituição científica da cultura. In: _____ (org). **Cultura: múltiplas leituras**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 23,24.

ASSESSORIA DE IMPRENSA, Gabinete do Prefeito. Arqueologia a serviço do meio ambiente. **Jornal A Notícia**, Joinville, 15 out. 2001, p. B-8.

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. Morro do Amaral: pedaço de paraíso à beira da Babitonga. **Jornal A Notícia**, Joinville, 11 mai. 1997. AN Cidade, D-6, D-7.

AVIZ, Adilson José de; SCHUCKO, Iuram Carlos. **O adolescente e a sua relação com o pai na atualidade**. Trabalho de Conclusão de Curso FGG, Joinville, 2008.

BARBERO, Jesús Martin. A mudança na percepção da Juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. **Cultural juvenis no século XXI**. São Paulo: 2008.

BARBIANI, Rosângela. Mapeando o discurso latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 138-153, jan/jun, 2007.

BARROS, José Márcio. Diversidade cultural e gestão: sua extensão e complexidade. In: BARROS José Márcio; JUNIOR, José Oliveira (org). **Pensar e Agir com a cultural**: desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. Cultura e identidade. In: _____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BOCK, Ana Mercês, FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Thassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL Lei nº 4.771, de 15 de setembro 1965. Novo Código Florestal. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4771impressao.htm>. Acesso em: 20 jan 2013.

BRASIL Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm>. Acesso em: 20 jan 2013.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. 2 ed. São Paulo: Moraes, 2004.

CALDEIRA, Altino Barbosa. **As cidades e o patrimônio cultural**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. v. 16, n. 18/19, 2009.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v. 16. São Paulo: Martin Claret, 2001.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, 2006. Out-Dez. 679-684.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: Entre ciência e ficção**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2006, p. 11.

COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma cidade migrante**. Joinville: UNIVILLE, 2011.

CORRÊA, Roseana Maria; ROSA, Terezinha Fernandes da (coord.). **História dos bairros de Joinville**. São Paulo: Gráfica Círculo, 1992.

CORREIA, Thais Machado Moraes. Real, Simbólico e Imaginário em Lacan. **Ciências humanas em Revista**. São Luis, v. 3, número especial, p. 100, jun. 2005.

CULTURA, Ministério da. **Valores e Conceitos**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/pnc/introducao/valores/>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. Le Sinthome. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, jan/jun 2006.

DOR, Joël. **O Pai e sua função em Psicanálise**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

EAGLETON, Terry. **Rumo a uma cultura comum**. In: _____ A idéia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.

FRANCK, Loreni. **Um mar de peixes e histórias no Morro do Amaral**. Disponível em: <http://n_donline.com.br/mobile/plural/1849-um-mar-de-peixes-e-histaorias-no-morro-do-amaral.html?id=1849>. Acesso em: 7 dez. 2012.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Estudos sobre a histeria vol. 2**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Totem e Tabu vol. XIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FUNDEMA. Ilha do Morro do Amaral terá conselho gestor. Disponível em: <<http://fundema.joinville.sc.gov.br/noticia/118Ilha+do+Morro+do+Amaral+ter%C3%A1+conselho+gestor.html>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

GERAL AN Cidade. Atrações para dar água na boca. **Jornal A Notícia**, Joinville, 9 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.an.com.br/ancidade/2007/jun/09/3ger.jsp>>. Acesso em: 7 dez. 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraci Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Revista Varia História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez 2006 [cópia digital].

IPPUJ (Org.). **Joinville Cidade em dados 2010/2011**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2011.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IPHAN. **Educação Patrimonial**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

_____. **Patrimônio imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

_____. **Patrimônio material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

IPPUJ (Org.). **Joinville Cidade em dados 2010/2011**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2011.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAHHALE, Edna Maria Peters; ANDRIANI, Ana Gabriela Pedrosa. A Constituição Histórica da Psicologia como Ciência. In: KAHHALE, Edna Maria Peters. **A diversidade da Psicologia: uma construção teórica**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 2, p. 75-95.

KELLER, Ana. **Morro do Amaral agora é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<http://www.joinville.sc.gov.br/noticia/1503-Morro+do+Amaral+agora+é+uma+Reserva+de+Desenvolvimento+Sustentável.html>>. Acesso em: 6 jul. 2012.

KURT. Kurt Meinert é nome da via que liga ao Morro do Amaral. **Jornal A Notícia**, Joinville, 10 set. 1976. p. 4.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **O Seminário: O sinthoma, 1975-1976 livro 23** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992

LEXICON EDITORA DIGITAL. **Aulete Digital 1.0.0.0**. 2007. Aplicativo 495 KB. Ambiente Operacional.

MACHADO, Marília Rangel. O Tombamento e o Inventário como formas de Acautelamento. In: MIRANDA, Marcos Paulo et al. **Mestres e Conselheiros: manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural**. Belo Horizonte: IEDS, 2009.

MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. Qual a relação entre sintoma e sinthoma? Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Ondina_Machado_Qu_al_a_relacao_entre_sintoma_e_sinthoma.pdf> Acesso em 22 mai. 2012.

MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O nascimento psicológico da criança: Simbiose e Individuação**. Tradução Jane Araujo Russo. Porto Alegre: Artmed, 1993, p. 20.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra, error! Marcador no definido. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf> Acesso em 30 abr 2010.

MORADORES de loteamento criticam estado das ruas. **Jornal A Notícia**, Joinville, 12 out. 1997. p. D-4.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade a identidade humana**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, n 10, p. 7-28, dez 1993 [cópia digital].

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 105-120.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: UFRGS, n. 01, nov. 1998. 47-55. 2 ed.

RANGÉ, Bernard P.; BORBA, Angélica. **Vencendo o pânico: Terapia integrativa para quem sofre e para quem trata o Transtorno de pânico e agorafobia**. Rio de Janeiro: Cognitiva, p. 147.

REGUILO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Ago, n. 23, 2003, p. 103-118.

SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm>. Acesso: 17 fev 2013.

SANT-EXUPÉRY, Antonine de. **Pequeno Príncipe**. Tradução Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTA CATARINA, Patrimônio Cultural. **Conceito de Patrimônio Imaterial**. Disponível em: < <http://www.alquimidia.org/patrimoniocultural4/index.php?mod=pagina&id=4390>>. Acesso em: 9 dez. 2012.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX**. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHULTZ, Duane. **História da Psicologia Moderna**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

SÓFOCLES. **Édipo em Colono**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v.196. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Édipo Rei e Antígona**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. v. 99. São Paulo: Martin Claret, 2007.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>> Acesso em: 27 mar 2013.

_____. **O Patrimônio:** legado do passado ao futuro. Disponível em:<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. **Discursos educacionais na construção das subjetividades cidadãs e implicações no ensino de história:** um jazz possível. Campinas, SP [s.n.], 2009.

_____; CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. Tensões curriculares e narrativas: o ensino de história da América Latina. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/.../2160>. Acesso 17 fev 2013.

VIVIANI, Alejandro Luis. **Lacan e o Édipo Freudiano.** Disponível em: <<http://www.revistatextura.com/leia/lacaneopdf>> Acesso em 17 mai. 2012.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do Esquema:** Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 22.

WARD, Ivan. **Castração.** Tradução Carlos Mendes Rosa. Conceitos da Psicanálise v.7 Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WRIGHT, Jesse H.; BASCO, Monica R.; THASE, Michael E. **Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental:** Um guia ilustrado. Tradução: Mônica Giglio Armando. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 19.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. **Patrimônio Cultural:** a percepção da natureza como um bem não renovável. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 251-262, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questões para entrevista semi estruturada.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

APÊNDICE C - Quadro comparativo entre as principais ideias contidas nas respostas sobre o imaginário dos jovens do Morro do Amaral.

APÊNDICE A – Questões para entrevista semi estruturada.

PROJETO DE PESQUISA
O PATRIMÔNIO CULTURAL DO MORRO DO AMARAL NO IMAGINÁRIO DOS
ADOLESCENTES: TENSÕES POSSÍVEIS

1. Composição familiar
 - a) Número de pessoas
 - b) Escolaridade
 - c) Trabalho
 - d) Amigos
 - e) Lazer
2. O que você pensa sobre o Morro do Amaral?
3. Como é morar no Morro do Amaral?
4. Como é o cotidiano nos dias de semana? E nos finais de semana?
5. Como seria morar em outro lugar?
6. O que você acha das pessoas que visitam o Morro do Amaral?
7. O que você acha que os moradores dos outros bairros de Joinville pensam sobre o Morro do Amaral?
8. O que você gostaria que mudasse na região do Morro do Amaral?
9. O que você mais gosta da região do Morro do Amaral?
10. Quais são as riquezas do Morro do Amaral?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “O Patrimônio Cultural do Morro do Amaral no Imaginário dos Adolescentes: Tensões Possíveis”, coordenada pelo pesquisador “Adilson José de Aviz”. Este projeto de pesquisa se justifica mediante a ausência de estudos que ouvem os jovens e suas expectativas em relação ao seu futuro e sua identidade no local onde vive.

O objetivo é investigar o imaginário dos Adolescentes sobre o Patrimônio Cultural do Morro do Amaral.

Os procedimentos para que esta investigação se desenvolva prevê a aplicação de instrumentos de pesquisas junto aos jovens assim como a devolutivas e disponibilidade dos dados para a escola e instituição envolvida. Este instrumento será apresentado da seguinte forma:

entrevista feita em um local disponibilizado pela Escola Municipal Reinaldo Pedro de França em um horário em que os participantes não estejam em aula, gravada em áudio com o pesquisador, onde você poderá responder as perguntas de acordo com suas opiniões livremente. Em nenhuma hipótese seu nome ou qualquer dado que o identifique será registrado. Seu anonimato estará resguardado. Estes instrumentos estarão sob a guarda do responsável pela pesquisa – Mestrando Adilson José de Aviz do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille e serão todos digitalizados, organizados no banco de dados do grupo de Pesquisa “Políticas e Práticas Educativas” por cinco (5) anos enquanto os dados estiverem sendo analisados e utilizados em trabalhos científicos. A versão em papel será picotada e enviada a reciclagem assim que os dados estiverem digitalizados.

Mesmo depois de iniciada a pesquisa, a qualquer momento você poderá retirar seu consentimento sem nenhum prejuízo. Assim como não será oferecido nenhum valor financeiro pela participação na pesquisa.

Esta pesquisa será desenvolvida na Escola Municipal Reinaldo Pedro de França em um horário que não atrapalhe a aula. Não haverá ressarcimento ou indenização de qualquer prejuízo que podem ser provocadas. No entanto, ao ceder seus pensamentos, opiniões e desejos a pesquisa você estará colaborando para um estudo inédito sobre políticas juvenis no sentido de tornar a sua voz o ponto central dos encaminhamentos das políticas. Entender o mundo juvenil torna-se o nosso desafio.

Esta pesquisa inicia em 2011, a aplicação dos instrumentos de pesquisa com você poderá acontecer de novembro a dezembro do mesmo ano e termina no final de 2012 com a apresentação dos resultados. Neste final, as análises produzidas na pesquisa serão devolvidas na comunidade escolar. Desta forma, espera-se que a voz e as expectativas dos jovens dê pistas para a melhoria dos projetos que os incluem.

Para qualquer esclarecimento, favor entrar em contato com Adilson José de Aviz, pelo telefone 47 9937-8656 ou 47 8410-1733 no horário comercial.

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE. Endereço – Rua Paulo Malschitzki, 10 - Bairro Zona Industrial - Campus Universitário – CEP 89219-710 Joinville – SC ou pelo telefone (47) 3461-9235.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do sujeito, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Pesquisador responsável: Nome _____

Assinatura: _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: _____

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE C – Quadro comparativo entre as principais ideias contidas nas respostas sobre o imaginário dos jovens do Morro do Amaral.

Questões	Dan Dall	Joana Mell	Quéren Onri	Denis Tag	Gina Pan	Berta Dess
Escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Médio
Nº pessoas em casa	3	6	4	3	3	5
Trabalho	Construção civil local	Do lar	Func. Empresa	Desempregado	Campanha política	Func. Empresa
O que pensa sobre o Morro do Amaral	Bom de se morar Sossegado	Maravilhoso Lugar que eu vivo	Que tem potencial Precisa mais atenção	Fazer turismo Mas lazer e saúde	Bom pra viver Coisa rum de fora	Poderia crescer Poderia melhorar
Como é morar no Morro do Amaral	Não tem muita incomodação	Viver como minha família sempre viveu	Bom e ruim	Sossegado Tranquilo	Bom o problema é a distância	Amo esse lugar Mas quero sair
Cotidiano da semana e nos fins de semana	Pesca Restaurantes	Sossegado Agitadinho	Não tem movimento Bem movimentado	Normal Tudo igual	Calm Não tem mais calma	Bem tranquilo A mesma coisa
Como seria morar em outro lugar	Eu já morei Bem mais ferve	Não sei Não iria me acostumar	Eu moro Tudo mais próximo	Seria melhor por causa dos recursos	Escola perto de casa	Ah não sei Acesso para passeio
Pessoas que visitam o Morro do Amaral	Tanto faz Uma curtição	São bem recebidos	Vem pra comer	São bem recebidos	Alguns vêm com interesse	Bom para mudar as opiniões negativas
Que pensam sobre o Morro do Amaral	Não faço ideia	Lá é um manguezal	Visão marginalizada	Lugar mal falado	Outros olhos Discriminação	Coisas negativas
Gostaria que mudasse no Morro do Amaral	Postinho de saúde Escola	Saúde, acesso e Posto Policial	Infraestrutura, acesso e creche	Saúde	Tudo Educação	Transporte Acesso
O que mais gosta no Morro do Amaral	Visão para o mar	De tudo Ir a igreja	Relacionamento com as pessoas	O mar	Ar puro	O mar
Quais as riquezas do Morro do Amaral	Igreja	O mar	Turismo Tradição	Turismo, a visão, o mato	O lugar	O mar